



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Nilson de Jesus Cassoma Diogo

A memória de Cleópatra VII, através do discurso de Suetônio, na obra *A vida dos Doze Césares* (Séc. I a.C.)

Rio de Janeiro

2020

Nilson de Jesus Cassoma Diogo

A memória de Cleópatra VII, através do discurso de Suetônio, na obra *A vida dos Doze Césares* (Séc I a.C.)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História política.

Orientadora: Profª Dra. Maria Regina Candido

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

D591 Diogo, Nilson de Jesus Cassoma.
A memória de Cleópatra VII, através do discurso de Suetônio, na obra A vida dos Doze Césares (I a.C.) / Nilson de Jesus Cassoma Diogo. – 2020.
147 f.

Orientadora: Maria Regina Candido.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. História – Teses. 2. Ísis (Divindade egípcia) – Teses. 3. Imaginação (Filosofia) – Teses. I. Candido, Maria Regina. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

es

CDU 94(32)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Nilson de Jesus Cassoma Diogo

A memória de Cleópatra VII, através do discurso de Suetônio, na obra *A vida dos Doze Césares* (I a.C.)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História política.

Aprovada em 14 de julho de 2020.

Banca Examinadora:

Profª Dra. Maria Regina Candido (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. André da Silva Bueno

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Paulo André Parente

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2020

AGRADECIMENTOS

Após muito esforço e muitas dificuldades, algumas superadas após bastante dedicação, desejo agradecer em primeiro lugar aos meus familiares, pelo apoio e incentivo dado para a continuação da pesquisa e pela busca do aprofundamento de meus conhecimentos, mesmo após a conclusão de minha graduação.

Queria agradecer também aos professores que me inspiraram a continuar a trilhar montanhas mais altas, mesmo após o fim da graduação, indicando que eu poderia ir muito mais longe, mas com os quais já não tinha contato pessoal, havia muito tempo. Refiro-me aqui a professora Marilene Rosa Nogueira e ao Professor Celso Thompson, que desde os tempos da extinta Universidade Gama Filho, me apresentaram este mágico universo, e explanaram sua relação com nossa vida cotidiana, desfazendo de certa forma, a aura mitológica, lançada sobre o Historiador, como um sujeito recluso, trancado entre livros empoeirados, e mapas antigos.

Queria agradecer também a CAPES, pelo financiamento concedido, que me possibilitou a dedicação necessária para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico de qualidade, e a ampliação de meus conhecimentos a respeito do universo que envolve a pesquisa e o aperfeiçoamento da ciência, sobretudo na área da História. Também incluo neste rol de congratulações os funcionários da Secretaria do PPGH e da biblioteca do IFCH, pela presteza e agilidade, com que providenciaram esclarecimentos, para as minhas dúvidas, além de proporcionar espaços confortáveis para a leitura e a escrita de obras voltadas a academia, bem como pela receptividade que tiveram comigo.

Agradeço de forma muito sincera a minha orientadora, a professora Doutora Maria Regina Cândido, minha orientadora, por ter me dado todo o suporte e ter me guiado na construção de um projeto completo de pesquisa em História, praticamente do Zero, e pela resiliência, diante das minhas deficiências em termos de bibliografia e de leitura pregressa. Além de uma grande professora, é um excelente ser humano e uma figura ímpar em termos de trajetória de vida, e de construção do conhecimento. Também agradeço ao Núcleo de Estudos da Antiguidade, em função dos conhecimentos adquiridos, que me auxiliaram muito na desconstrução de mitos que cercam a antiguidade e a História em geral.

Também não posso deixar de ser grato a todos os autores que escreveram artigos, teses e outras produções acadêmicas no Brasil e no Estrangeiro, que deram sustentação argumentativa ao meu trabalho, e que estão listados em minha bibliografia. Pro fim, queria agradecer a Deus (Hebreu) e aos Deuses por mais este progresso, apesar de ter tido alguns percalços, em minha vida pessoal, durante esta caminhada.

RESUMO

DIOGO, Nilson de Jesus Cassoma. A memória de Cleópatra VII, através do discurso de Suetônio, na obra *A Vida dos Doze Césares* (I a.C.). 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Cleópatra VII é uma personalidade cuja notoriedade, a tornam impar e conhecida desde a própria Antiguidade, como uma grande estadista, e sobretudo como a consorte não oficial de generais romanos no século I a. C, Júlio Cesar e Marco Antônio. Além disso, a ela, são atribuídos uma estonteante beleza e uma capacidade inventiva cativante, como a propalada “lenda” de que teria entrado no palácio de Júlio Cesar em Alexandria, escondida dentro de um tapete, sendo revelada somente na presença do general romano, que teria ficado cativado com sua inteligência, estando definitivamente presente no *imaginário social* da Antiguidade e da contemporaneidade, para além de sua condição de nobreza, como integrante da *dinastia Ptolomaica*. A protagonista, foi inclusive, retratada em diversas obras de arte, ora sob o prisma romântico, ora sob o prisma político, que vão desde as peças teatrais, como as mais clássicas de Shakespeare, até obras do Cinema, cada qual, tendo uma apropriação singular da biografia escrita sobre Cleópatra, em especial, na biografia escrita por Suetônio, que lastreia a constituição de sua memória. E tal como se repete em praticamente, todas as obras publicadas a respeito de sua memória, persiste o silêncio em torno do fato de a protagonista ter sido a Sacerdotisa de Ísis. Nesta questão e nos meandros subjacentes a este silêncio e á sublimação em torno dos aspectos pertinentes a ela, atravessando as esferas da uma sociedade romana, em franca transformação e onde os cultos estrangeiros eram assimilados conforme se dava a expansão territorial de Roma. O fato de o culto a Ísis, ser o maior e mais difundido culto oriental de mistérios, contribuiu de maneira decisiva para o sucesso da protagonista em se portar em posição de igualdade perante os magistrados romanos, e este elemento é sublimado por Suetônio. Pelo que verificamos, a presença de Cleópatra em tal posição, desafia definitivamente o *Mos Maiorum*, e revela a dinâmica da forte circularidade cultural, que proporcionou a protagonista, projetar-se em nível de igualdade para com magistrados romanos, posto que eles exerciam de forma simultânea, os papéis administrativo e sacerdotal, presidindo as principais cerimônias cívicas e litúrgicas da *Urbs*, e administrando territórios provinciais, o que no caso de Cleópatra, equivale ao papel de um procônsul. Porém deteremos o foco desta pesquisa nas razões subjacentes para o silêncio de Suetônio em torno do sacerdócio da protagonista, e das relações deste fenômeno, com a singularidade aferida pelo culto a Ísis em território grego e romano, e a forma não dita, de como os monarcas helenísticos, Cleópatra a frente, se tornaram os modelos de governança para o principado, uma vez que este culto, influenciou de forma decisiva na construção da identidade romana.

Palavras-Chave: Imaginário Social. Singularidade do culto de Ísis. *dinastia Ptolomaica*. *Mos Maiorum*. Silêncio.

ABSTRACT

DIOGO, Nilson de Jesus Cassoma. A memória de Cleópatra VII, através do discurso de Suetônio, na obra *A Vida dos Doze Césares* (I a.C.). 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Cleopatra VII is a personality whose notoriety makes her odd and known since antiquity itself, as a great statesman, and above all as the unofficial consort of Roman generals in the 1st century BC, Julius Caesar and Mark Antony. In addition, she is attributed a stunning beauty and a captivating inventive ability, such as the self-propagated "legend" that would have entered Julius Caesar's palace in Alexandria, hidden within a carpet, being revealed only in the presence of the Roman general, who would have been captivated by his intelligence, being definitively present in the social imaginary of antiquity and contemporaneity, in addition to his condition of nobility, as a member of the Ptolemaic dynasty. The protagonist was even portrayed in several works of art, sometimes from a romantic perspective, sometimes from a political perspective, ranging from the plays, such as Shakespeare's most classic, to works of cinema, each having a singular appropriation of the biography written about Cleopatra, especially in the biography written by Suetonius, which underscribes the constitution of his memory. And as it is repeated in virtually all the published works concerning her memory, the silence persists around the fact that the protagonist was the Priestess of Isis. In this matter and in the intricacies underlying this silence and sublimation around the aspects pertinent to it, crossing the spheres of a Roman society, in frank transformation and where foreign cults were assimilated as the territorial expansion of Rome took place. The fact that the cult of Isis, being the largest and most widespread Eastern cult of mysteries, contributed decisively to the success of the protagonist in acting equally before the Roman magistrates, and this element is sublimated by Suetonius. From what we have seen, Cleopatra's presence in such a position definitely challenges the *Mos Maiorum*, and reveals the dynamics of the strong cultural circularity, which provided the protagonist, to project herself on an equal level towards Roman magistrates, since they exercised simultaneously the administrative and priestly roles, presiding over the main civic and liturgical ceremonies of the Urbs, and administering provincial territories, which in the case of Cleopatra, is equivalent to the role of a proconsul. However, we will focus on the underlying reasons for Suetonius' silence around the protagonist's priesthood, and the relations of this phenomenon, with the uniqueness measured by the cult of Isis in Greek and Roman territory, and the unspoken way in which the Hellenistic monarchs, Cleopatra ahead, have become the models of governance for the principality, since this cult, influenced decisively in the construction of Roman identity.

Key-Words: Ptolemaic Dynasty. Silent. Cultural Exchange. Singularity of the Cult of Isis. Magistracy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Pintura de Isis Navigandi encontrada em Pompéia. | 16 |
| Figura 2 - Estatua de Cleópatra VII representada como a Deusa Ísis..... | 21 |
| Figura 3 - Imagem do Templo de <i>Philae</i> | 25 |
| Figura 4 - Estela em grego, mostrando Cleópatra e seu filho <i>Cesarion</i> | 50 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 CLEÓPATRA ENQUANTO FENÔMENO DA MEMÓRIA E DA NARRATIVA | 20 |
| 1.1 Suetônio e o culto isíaco..... | 20 |
| 1.2 Cleópatra e o contexto do triunvirato. | 34 |
| 1.3 Cleópatra, autores latinos e debate historiográfico. | 41 |
| 1.4 Cleópatra entre o patronato e o matriarcado..... | 46 |
| 2 CLEÓPATRA NO CONTEXTO ROMANO: ENTRE A REPÚBLICA E O PRINCIPADO. | 52 |
| 2.1 Fronteira ocidental: Diversidade cultural ou cultural e crise identitária..... | 58 |
| 2.2 Cleópatra, Marco Antônio e a questão do <i>Mos Maiorum</i> | 69 |
| 2.3 Cleópatra e o culto de Ísis..... | 78 |
| 2.4 Suetônio e a questão da nova Isis..... | 84 |
| 3 CLEÓPATRA, O USO DO PASSADO E O ESQUECIMENTO..... | 87 |
| 3.1 Porque o esquecimento de Cleópatra é uma problemática? | 90 |
| 3.2 Cleópatra, o cinema e a literatura. | 100 |
| 3.3 Cleópatra, o protagonismo e a egitomania | 106 |
| 3.4 A africanidade de Cleópatra. | 111 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 117 |
| REFERÊNCIAS | 126 |
| ANEXO A - Metodologia..... | 136 |
| ANEXO B - Grades Adicionais..... | 139 |
| ANEXO C - Processo de descrição de conteúdo | 145 |

INTRODUÇÃO

Ao observarmos a documentação sobre a história de sociedades antigas, percebemos o destaque sobre determinados personagens, as quais dão sentido e vivacidade a narrativa construída sobre as épocas abordadas, entre essas personagens, destaca-se a figura de Cleópatra¹, cuja trajetória chegou até nós a partir do relato de escritores dos séculos I e II d. C., de vida e ações políticas vivenciadas no Século I a. C.

A construção de sua *memória* se configura, através de poetas como Horácio², Marcial³, os quais escreveram sobre a protagonista, baseados nas informações contidas em arquivos imperiais⁴ de Roma, aos quais teve acesso, como secretário do Império Romano.

Dada a distância temporal entre o autor e a personagem em foco, Suetônio, abordou como recurso, a memória construída pelo imaginário social projetado sobre a protagonista e materializada nos documentos⁵.

Pierre Nora⁶ explana sobre a existência da memória enquanto parte da essência da história de grupos sociais diversos. Nesta condição a memória torna-se parte desta essência identitária, para conduzir os mecanismos de distinção, catalisadores da lembrança e do *esquecimento*. Neste contexto, a história é a tentativa de reconstrução ou manutenção da memória não mais existente, ou seja, um conjunto de lembranças dispostas de forma problemática que incluem não só suas lacunas e simbologias, mas também todas as representações do passado.

Por isso, quando analisamos a questão do momento em que o documento foi escrito, devemos nos ater também ao que o contexto social, do qual a protagonista foi contemporânea nos revela, em grande parte, sobre as razões da construção de dados referentes à memória de

¹ Importante frisar que a protagonista, aqui mencionada, não foi a única Cleópatra. Ao longo da dinastia Lágida ou Ptolomaica, no Egito, outras soberanas, adotaram ou receberam este mesmo nome, a exemplo de Cleópatra II, III, V e VI.

² Horácio (Quintus Horatius Flaccus; 65 a. C – 8 a. C), escreveu sobre a protagonista em sua Obra *Damnatio Memoriae (obras completas, vv. 11-12)*, narrando a respeito da relação dela com Júlio Cesar e posteriormente Marco Antônio, como forma de elantecer o Principado de Augusto.

³ Marco Valério Marcial (40 d.C- 104 d.C), descreve a protagonista e sua trajetória em seus Epigrammata, cujos poemas a priori, abordavam o trajeto de figuras ilustres da sociedade romana, com destaque para o Livro I e o Epigrama 7.

⁴ Na verdade, Suetônio, acessou enquanto secretário imperial, documentos diversos que falavam sobre a vida e os feitos de homens ilustres na sociedade romana, e compilou os mesmo em bibliografia, como forma de presentear o prefeito do pretório e também de apontar os excessos que via em sua época, por parte da política e de seus integrantes.

⁵ Documentação textual, conforme os autores aqui mencionados, como Suetônio, Plutarco e Dião Cassio, além da cultura material, encontrada nas ruínas de templos em território grego, romano e egípcio, além da numismática.

⁶ NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

Cleópatra. Estamos falando aqui, de uma conjuntura de turbulência no mundo Mediterrâneo, ocasionado entre outros fatores pelo expansionismo romano⁷, que levou a instabilidade política àquela sociedade, embora seu objetivo original fosse o de servir de escape para as mazelas da própria sociedade romana, como Alföldy explica a seguir:

a razão das guerras de conquista não se devia unicamente a um desejo de expansão por parte dos romanos, mas á necessidade de resolver os problemas internos da sociedade através do alargamento territorial, promovendo o deslocamento de plebeus que perderam suas terras, para longe da Urbs.⁸

Essa política, em conjunção com a reforma militar de Mario (107 a. C), com a convocação de membros desvalidos da plebe, para o serviço militar, favoreceu o surgimento e o fortalecimento do poder pessoal aos generais e aos magistrados que comandavam as tropas nas províncias, o que Maria Galito nos informa:

A questão tornou-se premente com os irmãos Graco, quando de seu tribunato, e principalmente no séc. I a.C. com o eclodir das guerras civis. A agenda popular, baseada na reforma agrária e na distribuição de grão gratuito(ou a baixo custo do trigo) aos desfavorecidos, que catalisou a necessidade de importação de cereais de outras regiões do Mediterrâneo, causou maior impacto após as reformas militares de Gaio Mário, com o recrutamento massivo das classes baixas, mais fiéis aos seus comandantes do que ao Estado, ganhando poder coletivo nos escrutínios.⁹

Através dessa convergência, temos o surgimento do chamado partido dos *populares*, visto que esses generais, para obter apoio das massas na urbe, apelavam ao discurso de que distribuiriam terras aos necessitados, com vistas a ampliar seu poder e defrontar-se com a política tradicional, representada pelo Senado, denominada de *optimates*. O confronto entre essas *factiones* conduziu a sociedade romana a seguidas guerras civis, entre outras formas de violência política. Tal panorama expunha uma perspectiva na qual, a constitucionalidade da Republica perdia de forma acelerada sua validade, tal como Ronald Syme¹⁰ informa quanto a essência do regime republicano, tal como se apresentava, desde seu início, estaria se perdendo dentro dos grupos dirigentes na *Urbs* “.¹¹

⁷ Autores como Ella Shorath, com “**Disorienting Cleopatra: a modern trope of identity**”. New York University, New York: 2004; POMEROY, Sarah B. “**Women in Hellenistic Egypt. From Alexander to Cleopatra**”. New York: Schoken Books. 1984, pp.18-19.

⁸ ALFOLDY, Gezza. **História social de Roma**. Alianza Editorial. Madri: 1987, p.42.

⁹ GALITO, Maria Souza. **Roma Antiga. Uma perspectiva de análise**. Lisbon School of Economics & management. Centro de estudos sobre África, Ásia e América Latina. Lisboa: 2017, p.17.

¹⁰ Ronald Syme, “**The Roman Revolution**”. Oxford: Oxford University Press. Oxford at The Clarendon Press. 1939.

¹¹ SYME, Ronald. “**The Roman Revolution**”. Oxford University Press. OXFORD AT THE CLARENDON PRESS. 1939. SYME *apud* FAVERSANI, Fábio. **Entre a República e o Império: Apontamentos sobre a amplitude desta fronteira**. As separações das Republicas e dos impérios na historiografia. Revista Mare Nostrum. São Paulo: 2013, p.103.

Essa mesma hipótese é levantada por Paul A. Bishop, ao analisar como a reforma de Mário, após 107 a. C, abriu o caminho para o crescimento exponencial do poder pessoal de generais, os quais posteriormente, a partir de seus domínios nas províncias ocupadas, passariam a fazer exigências crescentes diante do Senado em Roma. Como se destaca, abaixo:

Pois ele criou um exército profissional, patrocinando, treinando e equipando cidadãos sem terra, e ofertou-lhes como promessa, a aquisição ou entrega de terras em regiões conquistadas, fora da Península Itálica. Assim, eles eram recompensados com lotes de terras na jurisdição dos generais a quem serviam, e dessa maneira, tornaram-se mais leais a estes últimos, do que ao senado em Roma, ou qualquer outro magistrado que este enviasse.¹²

Constatamos, á vista de nossa abordagem, que a memória cuja ligação com a vivência, é estreita, tem a tarefa de registrar o vivido, portanto sujeita á seletividade, ás deformações, a depender do grupo social ou de interesse que com ela se relaciona, posto que cada coletividade produz sua própria memória a e mantém de forma distinta. A memória é um dos esteios da História, a qual procura, por sua vez, reconstituir a partir de documentação disponível ou restante, os fatos os quais a memória lhe transmite.

A partir desta ótica, há algumas motivações plausíveis, para a forma que Suetônio construiu seu relato, como a tentativa de conferir a Augusto, o feito de ter promovido a estabilidade social e política, bem como o resgate dos costumes e práticas originais da sociedade romana, contida nas premissas do *Mos Maiorum*, e mais, em fazer valer sua posição como *Pontifex Maximus*, especialmente nas províncias orientais, onde até então haviam sido regidas por soberanos helenísticos, como Cleópatra.

Outra pista que pode ser fornecida quanto á memória construída por Suetônio é a postura de Augusto, que foi, na verdade, herdada de um conjunto de magistrados da República tardia em Roma, quando, segundo Gregory Golden,

ainda tendo apoio popular, e apesar dele, a ditadura ocasionou a oposição contra Sulla e Cesar, no fim da República; eles reservaram para si próprios, sob o regime de emergência executiva, porém, estabelecendo também, o poder de forma unilateral. Os imperadores (ou príncipes), seguirem este mesmo procedimento, e estabeleceram um marco áureo, ordenando sua transformação no “Primeiro Cidadão”, derivado de forma direta, das crises experimentadas na República.¹³

Portanto, uma das pedras de toque da construção efetuada por Suetônio, para não gerar outra personagem excepcional, como Cleópatra, a exceção do próprio Augusto, do qual era beneficiário, determinado aspecto, potencialmente problemáticos para o *Princeps* romano, a

¹² BISHOP, Paul A. **Rome: Transition from Republic to Empire**. Hills Borough Community College, EUH Article One, (rev 9/30/14), 2000. p.13.

¹³ GOLDEN, Gregory K. **Crisis Management during the Roman Republic: the role of political institutions in emergencies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p.5.

respeito da protagonista, não foram mencionados em sua narrativa. Sobre isso, o fato de a protagonista ser sacerdotisa de Ísis, seria um dos principais exemplos em torno dela, segundo os apontamentos de Olivier Gaudefroi.¹⁴

Ademais, na sociedade romana, não havia uma separação estrita entre a religião e a política, como deixam transparecer a divinização de Júlio Cesar após sua morte e o fato de que aos magistrados cabiam não apenas a função de políticas públicas, mas também a execução de consultas aos adivinhos, orações (liturgias) e especialmente a realização de sacrifícios aos deuses.

Essa posição projeta a nossas perspectivas as evidências de um longo processo de divinização, de deificação do *Princeps* (algo equivalente ao que ocorria entre os reis helenísticos), o que se evidenciou de forma mais contundente na construção de templos que ligavam essas lideranças políticas às deidades das quais declaradamente descendia sua *gens*, exemplificado na ação de Júlio Cesar ao construir o templo de Vênus Genetrix, no qual introduziu uma estátua de Cleópatra, local onde, de acordo com Eric Orlin:

César acabou por dedicar o templo a Venus Genetrix, ancestral do povo romano. Ao fazer isso, César estabeleceu o caminho para o período imperial, quando o primeiro imperador Augusto construiu seu templo de Marte Ultor em seu Fórum e mudou o local de cerimônias de destaque, como a partida dos generais romanos para suas campanhas, para este local. Outros imperadores - Cláudio, Vespasiano, Nerva e, mais famosa, Trajano - seguiram o exemplo. A religião pública sob o império girava muito em torno da figura do imperador e de sua família, e os fóruns imperiais são apenas um lembrete visível desse fato na paisagem.¹⁵

Tal medida evidencia a associação de Júlio Cesar em relação a Cleópatra com a deusa romana Vênus, ainda que de forma indireta, como parte do processo de divinização tanto da protagonista, quanto do ditador romano, através da associação de divindades egípcias como Ísis, a grega Demeter, e por extensão á Afrodite, por compartilhar com ela, diversas características e atribuições. No entanto, devemos levar em consideração, que Ísis, passou, devido a este processo de assimilação, de deidade Solar no Egito, para deidade lunar na Grécia. Tal mudança foi crucial também para compreendermos a recepção obtida posteriormente pelos cultos orientais de mistério em Roma.

Esse paradigma nos faz questionar também o quanto o fato de os reis helenísticos terem conexão próxima á figura do rei-sacerdote pesou para que Suetônio silenciasse sobre o sacerdócio de Cleópatra. Ele teria recorrido a referida estratégia, como recurso para Augusto

¹⁴ GAUDREFROI, Olivier. *Cleopatre L Immortelle. De L'histoire á lá legende*. Paris: Arlea. 2017. p, 94.

¹⁵ ORLIN, Eric. *Religion: Public Religion, Roman Period*. Oxford Encyclopedia of the Bible and Archaeology. 2013. p ,7.

se afirmar como, *Sumo Pontifex* e *Princeps*, vetor da estabilidade e da prosperidade em especial nas províncias orientais, até então territórios helenísticos.

Parece-nos que desse ponto de vista, a narrativa de Suetônio visa a constituir uma identidade una e supostamente coesa em torno da imagem de Augusto, ainda que eclipsasse tanto, todos os demais citados no decorrer de seu relato.

Essa perspectiva foi reforçada pela pesquisadora Maria Regina Candido¹⁶ ao afirmar que a memória, por pertencer a múltiplos grupos, se torna plural, visto que dada a variedade de grupos sociais, políticos, religiosos, ou de qualquer outra natureza, tidos como agentes históricos, são geradores de memórias distintas. Assim, embora se encontre tolhida do acesso ao passado, pelo tempo, a História surge como um instrumento de investigação e resgate, ainda que parcial, por meio da apropriação fragmentada de informações sobre o passado. Porém, devemos ponderar que a História precisa se afastar do tempo para acionar estas memórias.

Considerando o panorama social e político da República romana tardia, temos a ideia de que a despeito do empenho para manter a tradição dos *Mos Maiorum*, se explica, também pela determinação em reverter um cenário de difusão de cultos estrangeiros no território romano, sendo este último, como Jones afirma, uma vez que a religião tradicional, não estaria respondendo aos anseios trazidos pelos novos tempos. Por este motivo também, o Principado de Augusto procurou de certa forma, se aproximar destes cultos, de acordo com Beatrice Polleti:

Evitar a visita ao santuário de Apis, enquanto se conformava com a antipatia romana pelas divindades teriomórficas, foi uma recusa visível do status real associado a este deus e foi, portanto, concebivelmente direcionada para a opinião pública romana. Por outro lado, mostrar reverência a Serapis poderia ganhar Augusto o favor dos alexandrinos (se não dos egípcios em geral). Além disso, ao mostrar clemência em relação ao culto popular de Ísis e Serapis em Roma, Augusto pode ter procurado a aprovação de seus devotos locais, que eram, em grande número, membros das elites romanas. Os cultos de Mater Magna e Apolo representam casos peculiares, uma vez que seu culto já foi oficialmente aceito, embora preservasse componentes idiossincráticos e não romanos.¹⁷

E dentro deste quadro, inserimos o culto de Ísis, deusa de quem Cleópatra era sacerdotisa, conforme Baldson, explica:

O culto de Ísis foi o mais disseminado de todas as religiões de mistérios, trazido por marinheiros e viajantes a cada porto do Mediterrâneo e a rotas importantes (...) Ísis

¹⁶ CANDIDO, Maria Regina. **Atenas. Liderança unipolar no Mar Egeu**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2016.

¹⁷ POLLETI, Beatrice. **Foreign's Cults at Rome at the turn of the Principate**. University of Alberta/Canada. 2018, p. 569.

era adorada com Sérapis e com Osíris (...) deusa do submundo (...) Ísis era sobretudo uma deusa das mulheres.¹⁸

Consideramos que como pesquisadores nos afastamos o suficiente, para analisar a memória política de Cleópatra, a partir do relato de Suetônio. Questionamo-nos sobre o quanto o panorama político romano definiu para que seriam as diretrizes desses discursos resgatados na época de Suetônio. Somente denunciar o que considerava desvio da na política e na religião romanas? Ou pretendia consolidar de um lugar de fala específico sobre Cleópatra e sua presença na história romana?

Sabemos que o relato sobre a protagonista inicia se quando Pompeu, após ser derrotado em Farsália, busca asilo no Egito, todavia é morto por ordem de Ptolomeu XIII, assim que chega àquele território, onde nesse mesmo ínterim, se desenrolava uma ferrenha disputa dinástica entre Ptolomeu XIII e Cleópatra VII, pelo trono do Egito. “*E Júlio Cesar, torna-se então ‘arbitro’ da disputa, acabando por se aliar a Cleópatra, antes de prosseguir com sua campanha*”, tal como confirma Diana E. Kleiner¹⁹. Mais adiante, a autora confirma que “*as alianças da protagonista com Roma, envolveram aproximações pessoais com homens da elite romana*”²⁰, homens os quais de fato exerciam o poder no ocaso da República.

O relato de *A vida dos Doze Césares* se enquadra no que Nora descreve como *vigilância comemorativa*, posto que ao levantar um esforço, organizado, deliberado e consciente da manutenção da memória e da apropriação dos focos privilegiados a partir dos quais ela se constitui. A memória de Cleópatra se materializou, nos gestos e nas imagens, nos registros numismáticos (moedas²¹), através da imagem no afresco no templo de Ísis, de forma a impedir a ação do esquecimento de seus feitos políticos, bem como rememorar que seu reino era a continuação de Alexandre o Grande, agora sob a dinastia de um de seus generais.

Além destes elementos da época da vida da protagonista, temos a reverberação ou eco da narrativa de Suetônio, materializada em quadros²², peças de teatro, poemas e até mesmo no

¹⁸ BALDSDON, J. P. V. D. *Roma como campo de batalha de religiões*. J. P. V. D. BALDSDON(Org.). **O Mundo Romano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Biblioteca de Cultura Histórica. 1968, p.193.

¹⁹ KLEINER, Diana E. **Cleopatra and Rome**. Cambridge, Massachusetts and London: The Belknap Press of Harvard University Press. 2005, pp.34-35.

²⁰ Idem, p.251.

²¹ Correspodem as moedas/Tetradracma de Cleópatra do Sec. I a.C.

²² A maioria dos retratos sobre a protagonista traz a visão do observador, os momentos relativos a sua morte, indicando a manifestação de uma postura, segundo o qual, Cleópatra leva a cabo seu suicídio, para evitar o desfile do triunfo de Otavio Augusto em Roma. Entre os quadros temos “Cleópatra”, de Johan William Waterhouse, pintado em 1888, que mostra a rainha soberana, assentada no trono, “La morti di Cleópatra” de Guido Cagnacci, pintado em 1645, “The death of Cleópatra”, de Augustin Hirschvogel, pintado em 1547, e “The death of Cleópatra. The stroke of death” de Reginald Arthur, de 1881-1896, talvez o mais conhecido dos quadros sobre a rainha egípcia, entre todos os que foram pintados sobre ela.

²² Na literatura, destacam-se as obras “Antônio e Cleópatra” de William Shakespeare, composta em 1607, “Cesar e Cleópatra”, de Bernard George Shaw, de 1898 e “Cleópatra Captive”, de Etienne Jodelle, de 1553.

cinema, dentro da esteira do que historiadores classificaram, como “egiptomania”. Também sobre Cleópatra, temos a produção de vasta historiografia, que a retratam sob diferentes prismas seu relacionamento com Roma, bem como sua atuação junto a Júlio Cesar e Marco Antônio.

Exatamente por este motivo Maria Regina Cândido²³ reitera que eles são instrumentos cuja finalidade está em abrigar formas de manifestação coletiva para impedir o apagar de experiências passadas, de modo a consolidar a tradição de determinados grupos, exemplificado, na busca de legitimação por parte de Cleópatra e seus predecessores pela legitimação como *Faraós* (neste caso, *Faroni*) do Egito, e a própria obra de Suetônio, a exemplo, do clamor pela unidade da sociedade romana, diante de um contexto de conflito civil²⁴.

A apropriação destes locais envolve o ato de tornar seu, apropriar e adequar elementos de outrem, fazendo com que se façam integrantes de valores e normas já estabelecidos, de acordo com o poder que determinou esta ação, neste caso, o principado de Augusto.²⁵

Desta forma, constatamos que mais do que o discurso, o que está em jogo, quanto á memória e aos lugares de memória, é a construção ou resgate de tradições, que buscam vincular o passado ao presente, formulando um *lugar social da memória*²⁶, o que envolve a questão do pertencimento, da identidade, neste caso, romana, de Suetônio, ao tratar Cleópatra como mulher e estrangeira, diante das tradições romanas como o *Mos Maiorum, e o Cursus Honorum*. Também verificamos por apontamento da Professora Maria Regina, que o pertencimento, envolve não apenas a questão da identidade, mas também do poder, influenciando na elaboração do *imaginário social*²⁷.

Para Pierre Nora²⁸, o *imaginário social*, guarda ligações estratégicas com a construção dos mitos, dos heróis, de grandes feitos, tendo a memória, enquanto instrumento de ordenação, conduzindo permanentemente á herança, e ás origens dos mitos, aquilo que para os contemporâneos, se resume á História, á trilhas e vestígios que ainda conseguimos

²³ CANDIDO, Op. Cit., 2016.

²⁴ A exemplo dos episódios de violência por motivações políticas, citadas por Michael Grant (1997, p.125), tendo o evento entre Mario e Sulla como representante destes eventos que se tornaram freqüentes desde então. Pois o poder dos generais sobre suas tropas e as províncias que controlavam, passou a ser tão grande, que “uma série de comandantes do exército liderou tropas que estavam preparadas para seguir seu general contra a própria cidade”, a exemplo do que Sulla e Posteriormente Cesar executaram, quando dos momentos de dissenso político interno em Roma.

²⁵ CANDIDO, Maria Regina. *Demokratia. Celebrando a reforma territorial de Clístenes. In: Atenas. Liderança unipolar no Mar Egeu*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2016, pp 26-40.

²⁶ CANDIDO, Op. Cit., 2016, p. 33.

²⁷ CANDIDO, Op. Cit., 2016, p. 31.

²⁸ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. v. 10, 1993.

encontrar e a partir deles, recompor o passado. Suetônio constrói seu discurso sobre Cleópatra, ao refazer a trajetória de estadistas romanos do fim da República e início do Principado.

A luz de tais pressupostos, observamos que a memória de Cleópatra não se traduz como um elemento monolítico, mas como a reunião de diversos componentes oriundos de Suetônio. As moedas, o templo de Ísis, representações resultantes da construção e projeção imagética, que enreda todo um conjunto que Bronislaw Backzo²⁹ chama de *imaginário social*, capaz de exercer sua influência para além do que pretende a instituição política romana, como o lugar de memória gerado pela manipulação da *mnemoise*, vinculada á estrutura de poder em Roma, redundante á imagem de Cleópatra que temos hoje, como um elemento imposto, triunfante, ao qual, na maioria das vezes, nos deixamos levar, tal qual nossa postura perante ás imagens e aos discursos emitidos não só por Suetônio, mas também por outros autores, do principado de Augusto.

Em grande parte, o lugar atribuído a Cleópatra no imaginário social, se deve a todo o empenho feito por cronistas latinos e gregos, em épocas posteriores a sua morte, tal como atesta Rooker,

no primeiro século posterior á morte de Cleópatra, Flávio Josefo historiador judeu vivendo no império romano, e Plutarco, biografo grego, iniciaram a escrita a respeito da reputação da protagonista. (...) escrevendo sob influência romana, ele a retratou como inimiga do Estado. Combinando a reputação original dela, com calúnias emitidas por Josefo, Plutarco, acrescenta alguns novos mitos á história dela.³⁰

O que nos chama a atenção com tudo o que vimos, até aqui, é o silêncio, sobre o fato de Cleópatra atuar como Sacerdotisa de Ísis. Silêncio esse que nos remete ao *esquecimento* como elemento de poder político. A respeito disso, Pollack³¹ indica que o esquecimento é um poderoso instrumento político, posto que o silêncio, se qualifica como um apagar do passado que não convém? e por isso, deve ser visto, muito mais como um trabalho de gestão da memória, ao refletir a atuação do poder político romano, para que a ação religiosa de Cleópatra não fosse relatada por Suetônio, apesar das evidências quanto aos templos de Ísis não apenas no Egito³², mas na Grécia (em Atenas/Delfos) e na Própria Roma³³, na *Urbs* e na cidade de Pompéia³⁴.

²⁹ BAZCKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas coletivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC. 1984. p. 8.

³⁰ ROOKER, Rebecca. **The myth of Cleopatra: Shrewd Sovereign or Wanton woman**. Department of History. Turlock: California State University Stanislaus. 2017. p.56.

³¹ POLLACK, Michael. **Memória, silêncio, esquecimento**. Estudos históricos, v. 2, n. 3, 1989. P. 13.

³² Como evidenciam os templos de Philae e Dendera no Egito.

Imagem 1 - *Navigium Isidis* among river gods



A pintura da parede foi trazida à tona em 18 de outubro de 1765 no sacrário do Templo de Ísis, em Pompéia.

Fonte: <https://www.museoarcheologicoinapoli.it/en/room-and-sections-of-the-exhibition/temple-of-isis/>. Acessado em 16/08/2020.

Dentro dessa questão, vislumbramos a relevância da memória e dos discursos que a origina, como parte do que Soraia Ansara denomina como “*processos de imposição do poder por meio da repressão/ violência política e do reforço perene da memória oficial*”³⁵, haja vista a vida do principado de Augusto e dominante em absoluto na documentação textual, até então, a única considerada pela historiografia a qual contribui para dar forma à imagem que hoje temos da protagonista, contribuição esta que veio também através de outros autores latinos como Dio Cássio (*História Romana*, livro 51) e Plutarco (*Vida de Antonio*, 7), cujos

³³ O Iseu Campense, localizado próximo ao Fórum de Cesar, e próximo também do local onde mais tarde, Augusto mandou erguer um templo em homenagem ao “*Divus Julius*” (Divino Julio). “*O chamado Iseum Campense, o imponente santuário de Ísis e dos deuses egípcios no Campo de Marte, em Roma, é um monumento central para vários debates importantes. Foi o maior templo para os cultos romanos de Ísis no Mediterrâneo ocidental e, portanto, desempenha um papel central em nossa reconstrução da difusão, apropriação e caráter de Ísis e dos deuses egípcios no mundo romano*”. Fonte:

<https://www.universiteitleiden.nl/en/events/2016/05/the-iseum-campense-from-the-roman-empire-to-the-modern-age-historical-archaeological-and-historiographical-perspectives>. Acessado em 01/04/2019.

³⁴ Na parede é retratado um momento de navegação *Isidis*: o transporte de Osíris por Ísis. É o transporte da água sagrada, símbolo do regenerador de Osíris, cujo corpo, despedaçado por Seth (deus egípcio do Caos) havia sido remontado pela deusa Ísis, que o havia criado com seu amor. No registro inferior são representadas duas grandes cobras deslizando em direção a uma cesta de vime com uma tampa cônica, adornada com uma lua crescente e colocada em um pequeno pilar, atrás do qual brotam duas espirais floridas que fecham a composição. *A cesta de vime com uma tampa cônica, que não era conhecida no mundo egípcio e provavelmente deriva de cultos misteriosos da tradição helenística*, foi levada em procissão durante a cerimônia do navegatório *Isidis*, mas seu conteúdo ainda é desconhecido.

³⁵ ANSARA, Soraia. *Políticas de Memória X Políticas do Esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial. Psicologia política*. Vol. 12. n° 24, 2012, p. 301.

relatos exacerbaram aspectos políticos e amorosos do relacionamento de Cleópatra com magistrados romanos, desconsiderando por completo seu papel enquanto sacerdotisa de Ísis.

Assim, logo observamos que o relato de Suetônio, tal qual o de outros escritores latinos e gregos, os quais reiteradamente incidem no silêncio a respeito da relação entre Cleópatra e o Culto de Ísis, permitindo-nos a percepção de que todas as fontes textuais a respeito da protagonista passaram pelo crivo do principado de Augusto. No entanto é possível captar nesses documentos qualquer inferência, vindas de grupos sociais exteriores ao patriciado, ou não vinculados a ele, a delinear uma divisão entre a memória oficial do principado e a memória dos grupos subalternos, entre os quais o Culto de Ísis em Roma se fazia muito mais presente. Como define Halbwachs com relação à construção da memória,

Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. Isto explica por que razão, nos períodos de calma ou de rigidez momentânea das “estruturas sociais”, a lembrança coletiva tem menos importância do que dentro dos períodos de tensão ou de crise – e lá, às vezes, torna-se “mito”.³⁶

Esse cenário confere autenticidade à dualidade e à tensão existentes entre a memória oficial do principado, transmitida a partir do esforço da documentação escrita, e as memórias subterrâneas, que sem deter espaço no discurso oficial, via de regra, são excluídas da documentação textual, apesar de todas as evidências trazidas pela cultura material. Assim, por desejar estabelecer (ou restabelecer) na sociedade romana os cultos tradicionais em sua plenitude, e ao mesmo tempo, banir as práticas mágicas associadas às deidades lunares, tal como Ísis havia se tornado na Grécia e em Roma, a sublimação feita em torno de Cleópatra como sacerdotisa coaduna com o objetivo de enaltecer Augusto não apenas para os romanos, mas, sobretudo para as populações nos territórios orientais.

Destarte, poderíamos considerar que sobre essa sublimação o que não é escrito, não integra a memória oficial, e usualmente não integra a memória que será transmitida e resgatada dali para a posteridade. Segundo essa perspectiva, percebemos a intensa disputa entre a narrativa que preconizadora da “pureza” e unicidade da cultura romana sob o principado, endossada pelos escritos de Suetônio e a narrativa constituída a partir de grupos não patricios, a qual por não ter sido inserida na escrita, acabou não registrada. Sabemos, de forma reiterada, como descreve Ansara que:

³⁶ HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Biblioteca Vértice. Sociologia e política: São Paulo. 1990, p.14.

a memória histórica, ao longo de séculos, foi sempre o instrumento de poder dos vencedores, personificados agora na figura do principado de Augusto, para destruir a memória de Cleópatra e seu sacerdócio, impedindo a emergência de qualquer outra versão ou visão da história capaz de questionar a legitimidade de sua dominação.³⁷

Cientes da atuação de tais mecanismos de seleção da memória que será oficializada e transmitida sob o principado encontrada nos relatos nos quais a nossa protagonista é dotada de atributos como a beleza, a capacidade de envolvimento com homens poderosos e de habilidade política, porém sempre nos mesmos relatos, reserva-se ao Principado de Augusto, a detenção da relação com o sagrado, tido como primordial para a legitimação de seu regime perante a sociedade romana em geral. Entretanto a relação de Cleópatra com o culto de Ísis poderia ser encontrada fora dos círculos do patriciado, algo que o principado também buscava reprimir ao descrever determinados cultos orientais de mistérios, ali presentes, como práticas de magia, no intuito de sublimar a ligação dessas deidades com o próprio panteão romano. Conseqüentemente, visualizamos o contraste entre o relato trazido por fontes oficiais do principado e os que não foram escritos por integrantes da plebe, escravos, entre outros grupos excluídos dos círculos de poder em Roma, e Daniel Sarapu e Bruno Maranhão, (citando Pollak), ressaltam que:

As lembranças de grupos específicos ou minoritários, que não se integram na corrente principal da memória oficializada, geralmente textual, como é o caso de Suetônio, podem permanecer vívidas durante décadas e mesmo Séculos, transmitindo-se nos círculos mais estreitos das famílias ou das associações dedicadas ao culto isíaco como políticas de sociabilidade.³⁸

Decorre deste fato, que o silêncio se repete através da documentação textual gerada sobre a protagonista durante todo o período do principado, inclusive por autores como Dio Cássio (*História Romana*, livro 34), o qual mantém o foco de sua narrativa sobre Cleópatra em torno de sua propalada beleza, ao narrar a participação dela na História de Roma, e a interação dela com Júlio Cesar, "*Pois ela era uma mulher de beleza extraordinária e, naquela época, quando ela estava no auge de sua juventude, ela era mais marcante; ela também possuía uma voz encantadora e um conhecimento de como se tornar agradável para todos*"³⁹. Além, segundo o autor descreve a protagonista como:

Ser brilhante de olhar e escutar, com o poder de subjugar cada um, até mesmo um homem saciado por amor que já passava do auge, ela pensava que seria de acordo

³⁷ ANSARA, Op. Cit., 2012, pp. 133-304

³⁸ SARAPU, Daniel; MARANHÃO, Bernardo. *A memória em disputa e o direito: Entre o Silêncio imposto e o reconhecimento legitimado*. Anais do XVII Congresso Nacional do CONPEDI. Brasília: 2008, p.5.

³⁹ COCIANO, Dião Cassio (155 d. C- 229 d.C). *História Romana*. (Obra escrita em grego e em Latim, na península itálica na metade do Seculo III d.C). La Crisi della Repubblica nei Frammenti della Storia Romana (XXI-XXX), Hist. 34.4.

com seu papel encontrar-se com César, e ela repousou nela. Beleza todas as suas reivindicações ao trono⁴⁰.

Assim, vemos um panorama cujo objetivo promover a religião do Estado, e de banir os cultos associados á magia, tal como verificado com o culto de Ísis, concomitantemente ao reiterado controle exercido sobre a documentação escrita, enquanto a grande maioria dos integrantes da plebe manteve seus registros restritos ao que chamamos de documentação material, no entanto a mais participativa plebe entre os adeptos de cultos originários de fora de Roma. Por isso, vemos a total hegemonia das imagens projetadas pelos relatos de poetas e cronistas ligados ao principado de Augusto.

⁴⁰ COCIANO, Dião Cassio (155 d. C- 229 d.C). **História Romana**. (Obra escrita em grego e em Latim, na península itálica na metade do Seculo III d.C). La Crisi della Repubblica nei Frammenti della Storia Romana (XXI-XXX), Hist. 34.5.

1 CLEÓPATRA ENQUANTO FENÔMENO DA MEMÓRIA E DA NARRATIVA

Sendo a memória um dos pilares principais da constituição histórica, não devemos perder de vista, a existência de seu reverso: O esquecimento, pois a memória é por natureza seletiva, posto que ela é o repositório da identidade e, a partir dela se embasou a formulação da instituição de um paradigma ligado intimamente, por isso, ela precisa do esquecimento, para que os elementos importantes para a construção da identidade e da história possam se efetivar sem entraves, muito embora os elementos “esquecidos” possam subsistir de forma subterrânea, vindo à superfície sempre que a memória hegemônica não predomina.

O esquecimento está inserido na dimensão histórica e identitária, que compõe a própria narrativa, tomando segundo Paul Ricoeur⁴¹ o exemplo do esquecimento tão seletivo quanto a própria memória, uma vez que sobre ela influi não apenas a lembrança individual e natural em si, mas sobretudo, a *semiótica*, comandada pela política, fenômeno esse que podemos ver pelo relato de Suetônio, constituído através da apropriação de discursos contidos em documentos arquivados e que se direcionou aos círculos urbanos de poder em Roma.

1.1 Suetônio e o culto isiatco.

Infere-se pela análise do documento, *A vida dos doze Césares*, no qual Suetônio, compôs sua narrativa sobre Cleópatra, posta em primeiro plano, de forma incisiva, a atuação política desta e suas relações com o poder romano, não obstante, mantém um silêncio absoluto quanto à ligação dela com o culto de Ísis, do qual era sacerdotisa (inclusive se intitulado a “Nova Ísis”, apresentada publicamente como a nova *Faroni* do Egito).

Esse elemento é verificável, ao levantarmos tanto a cultura material, quanto outros autores romanos deste período, que indicam de forma evidente, o ethos religioso da protagonista, tal como aponta Strootman, o relacionamento entre Cleópatra e Marco Antônio, como argumento principal:

Em 41 a. C, Cleópatra encontra Antônio pela primeira vez. (...) este evento foi celebrado no Leste, como o *hierogamos* de Dionísio e Afrodite, em benefício da Ásia. Cleópatra apresentou-se como ‘Afrodite’, presumivelmente, reconhecendo a associação de *Afrodite* com *Isis* no Egito, em especial, para maior audiência deste evento. As elites semi-helenizadas subsequentemente, a associariam com divindades ‘universais’ asiáticas, como Astargatis, Astarte e Ishtar. Antonio, ainda naquele ano, havia incluindo Éfeso na rota da procissão do Bacanal, como o *Neo Dionisios*.⁴²

⁴¹ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Unicamp. Campinas: 2007, p. 1

⁴² STROOTMAN, Rolf. **Queen of Kings: Kleopatra VII and the donations of Alexandria**. in: Margherita Facella and Ted Kaizer eds. *Kingdoms and Principalities in the Roman Near East*. Occidens et Oriens 19. Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 2010. p.5.

Ademais, havia ainda a questão de Cleópatra não ser romana e não deter o *cursus honorum*, ou mesmo enquadrar-se dentro do *Mos Maiorum*, o que contribuiu para que houvesse sobre ela um foco descritivo, o qual visava constituir um exemplo a não ser seguido. Entretanto, em seu relato, Suetônio levanta não só o discurso constituído, mas também os silêncios e o esquecimento, no tocante ao papel religioso desempenhado por Cleópatra enquanto sacerdotisa de Ísis. Quais foram às motivações por trás deste silêncio?

Imagem 2 - Estatua de Cleópatra VII representada como a Deusa Ísis,



Esculpida em granito preto, datada de 27 aC a 275 DC. Foto creditada a Ryan Collard/ The Franklin Institute
Fonte: <https://www.earthmagazine.org/article/museums-cleopatra-search-last-queen-egypt>. Acessado em 06/04/2019.

Desta forma, a respeito da presença do culto de Ísis e de sua presença na sociedade romana, especulamos o quanto a evocação da descrição de Cleópatra, enquanto Sacerdotisa, poderia se constituir uma fonte de dissensões e choques originados na esfera religiosa teriam repercussão, no restante da vida social, ao ponto de fazer Roma retroceder ao período da República Tardia, marcado pela disputa entre governantes na bacia do Mediterrâneo pela supremacia absoluta em um ambiente, para o qual a República não se mostrava capaz de dar conta, como sistema de governo.

Além disso, a maior presença deste culto entre a Plebe seria um grande obstáculo á empresa de Augusto de se apresentar como o grande defensor deste grupo social contra os *Optimates*, além de a presença e a importância de um culto estrangeiro em Roma ser tida como a oposição ao *mos maiorum*, instituição que Augusto buscava restaurar.

Temos em vista que qualquer comemoração do principado através de seus escritores, como Suetônio, Plutarco e Dio Cássio, a respeito da figura de Cleópatra como sacerdotisa, seria o equivalente ao reconhecimento da protagonista como detentora de um status de similitude com os magistrados romanos, bem como a admissão de que a ascensão de Cleópatra redundaria também no perigo não só das práticas de culto e magia em curso na sociedade romana, mas também da orientalização, devido á vultosa importância de cidades que nos século III e II a.C, estavam sob a regência de reis helenísticos. Toma-se como expoente máxima, a própria Alexandria, cuja extensão, imponência comercial, monumentalidade, presença de pessoas de diversas origens ao longo da bacia do Mediterrâneo e do Oriente próximo, algo que Joana Climaco destaca, ao declarar que

Antes da conquista pelo principado de Augusto, Alexandria era a segunda metrópole do mundo habitado (em população e tamanho). Era também a Capital do antigo reino do Egito, um território rico e intrigante para os romanos há séculos, além de importante fornecedor de trigo para Roma. Nenhuma cidade no Império Romano, além de Roma, nos fornece tantos testemunhos a partir de perspectivas externas quanto Alexandria⁴³

Desta forma, menções mais aprofundadas sobre os diversos papéis os quais a protagonista desempenhava poderiam, por tabela, projetar a grandeza não só de Alexandria, mas de todo o mundo helenístico, em um momento em que o principado se empenhava por banir ou por sublimar a influência oriental na sociedade e cultura romanas. Posto que o que deveria predominar como instituição urbana e religiosa era a *Urbs*, não a *Polis*.

Desse modo, não poderia haver espaço para o enaltecimento da protagonista, se levarmos em consideração que isso significava o reconhecimento da magnitude de Alexandria e do Egito ptolomaico, presente na sociedade romana através do Culto a Ísis, na medida em que um culto oriental de mistério, levava ao empoderamento de Cleópatra enquanto sacerdotisa deste culto. Para Suetônio, isso representava o reforço das práticas mágicas, uma vez que a cidade para os antigos se constituía antes de tudo, em um centro de culto, onde se abrigava o templo, em segundo plano, os demais equipamentos urbanos, o que se confirma pelas abordagens de Lilian de Angelo Laky, nas quais a autora ressalta como:

⁴³ CLIMACO, Joana Campos. **A Alexandria dos antigos: entre a polêmica e o encantamento.** (Tese de doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012, p. 2.

As comunidades que se relacionavam através de uma identidade étnica comum ligada a uma região específica do mundo grego e que incluíram pólis em seu território – na elaboração e configuração da identidade política religiosa da própria pólis grega.

Com base neste debate atual e em três casos do culto de Zeus em regiões gregas bem distintas (Arcádia, Acaia e Líbia), é nosso objetivo mostrar como identidades étnicas, associadas ao elemento religioso, operavam em escalas regionais no mundo grego e helênico, estruturando uma variedade de paisagens étnicas, que eram ao mesmo tempo sagradas e políticas, na *Pólis* e entre *Pólis* de determinadas regiões⁴⁴.

Através dessa visão, configura-se que a figura de Cleópatra trazia não apenas a propalada imagem de uma bela mulher oriental, mas também toda uma cosmovisão e uma significação cujo peso oculto envolvia toda a representação de um mundo helênico/egípcio e oriental, ao mesmo tempo temido e admirado pelos romanos

Para melhor ilustrar essa perspectiva, podemos tomar como exemplo um monumento notório, em se tratando de helenismo no mundo grego, no qual, o templo, instalado na principal colina, ou no átrio central da cidade, tal como os templos de Ísis em Atenas/Delfos, o de Venus Genetrix em Roma (*Iseum campense*), e o templo de Ísis em *Philae*, remete a projeção do Panteão como abrigo de uma divindade feminina, a qual em última instância, engendrava o empoderamento da protagonista, visto que o culto que ela representava não só era uma das mais presentes do Mediterrâneo, como projeta Cleópatra como figura pública, em contraste com o papel que presumimos ser o reservado ao feminino, o da esfera privada, algo contestado pelas observações de Richard Sennet, quando este levanta que:

"Dirigindo-me às viúvas, talvez eu devesse dizer uma ou duas palavras sobre as obrigações das mulheres. Posso resumir tudo com uma única palavra de conselho". (...) a maior glória de uma mulher está em evitar comentários por parte dos homens, seja de crítica ou elogio⁴⁵.

Essa nuance, indicativa da ligação entre Cleópatra, o culto de Ísis, presente em todo o Mediterrâneo e a questão da urbanidade revela que, em especial, o culto da Ísis, contribuiu sobremaneira para a ascensão da protagonista como uma figura cuja projeção a elencou, em nível de equivalência, a de magistrados romanos, uma vez que, como vimos anteriormente, era o papel religioso, de culto, que determinava a prerrogativa política de uma pessoa ou grupo social, considerado o esteio principal do poder político e das leis.

⁴⁴ LAKY, Lilian de Angêlo. *Comunidades políticas, comunidades de lugar e o estudo da paisagem na Grécia Antiga*.: Guarinello, N.L.; Silva, UG.; Oliveira, GDJ.; Piza, P.T. **Fronteiras Mediterrânicas. Estudos em comemoração aos dez anos de LEIR-MA/USP**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 70.

⁴⁵ SENNET, Richard. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na Civilização Ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis- 4 edição- Rio de Janeiro: BestBolso. 2016, p. 61.

Questionamos, desta forma, também, as razões (para além do contexto social da República Tardia), que conferiram tamanha importância aos cultos de mistérios. Questionamentos observados por nós, em Meyers, ao ponderar:

Quais as razões então, para o digamos, sucesso dos cultos estrangeiros, tendo o culto de Ísis como foco e expoente, em Roma? Por que o culto de Isis era tão popular, tão presente, particularmente para as mulheres? Qual era o diferencial destes cultos em relação à religião tradicional? Que experiências, ou perspectivas elas ofertavam a seus adeptos e que não tinham correspondência na própria religião romana?⁴⁶

Fato que decorre da existência de pontos nevrálgicos, os quais deságuam na apropriação (ou reapropriação) de um passado histórico, para a formulação de um discurso consolidador de uma determinada memória, tal como podemos vislumbrar a partir de Suetônio quando, ao narrar sobre estadistas romanos, aborda Cleópatra sob o prisma político ou como amante dos césares, enquanto outros eventos relativos à atuação dela, os quais poderiam passar uma visão mais abrangente sobre os eventos ocorridos, propositadamente esquecidos, porque poderiam, por seu conteúdo, tornar instável, do ponto de vista da afirmação de legitimidade, o domínio do principado augustano.

Considerando o conjunto de informações que recolhemos até agora, cremos que a influência da relação de Cleópatra com Roma foi de grande relevância, haja vista o esforço do principado de Augusto em falar sobre ela e lhe corresponder determinada forma de memória através de Suetônio. E sob este argumento, Sarolta A Takacs afirma que:

Esta influência integra o estímulo para a remodelação augustana da República Romana no Principado. Se esta modelagem foi deliberada ou não intencional não é minha preocupação. Vou argumentar, no entanto, que o aparato religioso que apoiou a sucessão na dinastia de Cleópatra, na qual a deusa Ísis desempenhou um papel fundamental, influenciou e, de certa forma, até moldou as inovações políticas de Augusto.⁴⁷

Assim, essa reminiscência não poderia ter lugar em seu discurso oficial romano, no qual Cleópatra fosse retratada como mais do que a “*simples rainha do Egito*”. Neste ponto, a memória construída obedece a critérios designados pela história contida nos documentos e submetida ao crivo da política romana sobre o que deve ou não estar presente inclusive, através da submissão da memória (das lembranças registradas nos documentos, além das imagens contidas nas estatuas e esculturas presentes nos templos como o de *Philae*⁴⁸).

⁴⁶ MEYERS, Cassidy. **The Cult of Isis and Other Mystery Religions in Pompeii and the Roman World.** Religions Study Programs. Milwaukee: University of Wisconsin. 2016/2017. p.2.

⁴⁷ TAKACKS, Sarolta A. *Cleopatra, Isis, and the Formation of Augustan Rome. Cleopatra: A sphinx revisited: Cleopatra, Isis and the formation of the Augustan Rome.* Contributors: Margaret M. Miles - Editor. Publisher: University of California Press. Place of publication: Berkeley, CA. 2011.

⁴⁸ Fonte: <http://mundodeviagens.com/templo-de-philae/>. Acessado em 08/04/2019.

Imagem 3 - Cleopatra representada como Ísis no templo de *Philae*, acompanhando seu filho Cesarion. Templo de *Philae*. Egito.



Esta reminiscência, ou melhor, o silêncio concebido em torno dela gera perturbações que afetam a própria concepção de memória, que passa, a partir daí, à formação do discurso adequado à formação da imagem de Augusto, como herói e restaurador da República romana, em oposição a Cleópatra, inserida como uma personagem geradora de instabilidade, e aliada de adversários políticos de Augusto. Para Paul Ricouer⁴⁹, ocorre nesse fenômeno, a *apropriação do passado*, como a memória ou o relato histórico propriamente dito, sobre a trajetória de Cleópatra na História e na memória constituída (ou constituinte a partir) dela.

Sendo assim, a lembrança registrada serve como método central de confirmação da ocorrência dos eventos narrados, segundo Paul Ricouer⁵⁰ constata em sua colocação, posto que a memória existe para confirmar a existência de fatos passados, a despeito da lembrança dos mesmos correspondem as suas presenças. Sob este pressuposto, Ricouer⁵¹, considera também como uma de suas atribuições, enquanto *minnesis* seria a batalha contra o esquecimento, que opera não apenas em relação à memória enquanto guardiã de eventos passados, mas também na história, e da força do esquecimento emergem as lacunas e as inconsistências verificadas pela historiografia contemporânea sobre Suetônio e sua narrativa, devido à conjuntura em que este foi efetuado.

Por isso, Ricouer⁵² infere que a descrição da *amnésia*, o esquecimento, em seu confronto eterno com a *amnístia*, a lembrança, que será a base de formulação da memória, seu limiar localizado no universo político, cujos reflexos se fazem sentir no social e no âmbito

⁴⁹ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Unicamp. Campinas: 2007, p. 2.

⁵⁰ Idem, p. 3.

⁵¹ Idem, p. 6.

⁵² Idem, p. 7.

cultural. Essa hipótese fica visível ao considerarmos que Suetônio escolheu falar de Cleópatra, apenas sob ângulo de seu relacionamento político, mantendo o silêncio sua face religiosa.

Sabemos que as informações as quais Suetônio teve acesso para constituir seu relato contêm testemunhos sobre a atuação de Cleópatra, neste caso, como protagonista e os romanos, ligados a ela, bem como outros membros de sua família. Para Ricouer⁵³ existe um ponto fraco no testemunho documental, porque foram construídos, no caso de Suetônio, exclusivamente sob o ponto de vista romano.

Ainda assim, é possível superar ou recuperar o que o silêncio tentou transformar em esquecimento, através da análise dos rastros sobreviventes ao apagamento destas informações, sobretudo através da investigação da documentação não escrita, ou seja, para Ricouer⁵⁴, acessando a cultura ou os vestígios materiais, tais como os monumentos, exemplificados nos templos de Ísis em *Philae* no Egito, e fora deste território, em Delfos/Atenas e mesmo em Roma e Pompéia, para onde este culto havia se difundido. Ainda podemos acrescentar a numismática, como outra fonte documental, capaz de transmitir o discurso ou a imagem de Cleópatra através de suas moedas, cunhadas durante todo o seu reinado, o que permite, apesar das limitações, que seu discurso também seja ouvido e analisado.⁵⁵

Este movimento possibilita o resgate da lembrança ou do retorno daquilo que o esquecimento alterou pelo apagamento de certos dados da memória, a qual, este se conecta, como parte da elaboração da narrativa histórica. Esse cenário, corresponde para Ricouer⁵⁶ como a presença de dimensão não somente histórica, mas também jurídica desse fenômeno que acena através de ciladas envoltas na focalização de determinados eventos ou aspectos da narrativa, em detrimento de outros, que são ou menosprezados, ou até ignorados.

No caso de Suetônio, podemos destacar uma *contra-memória* (*mnesikaken*), a qual opera de fato a gestão do esquecimento enquanto parte de um projeto político e da emissão do discurso de Suetônio, enquanto caudatário de Augusto, contra Cleópatra, já que envolve a questão da Magistratura romana, e a questão de instituições como o *Mos Maiorum* e o patronato/clientela, tidas como sagradas pelos romanos.

Por isso, Suetônio, em seu lugar de fala, ecoou uma história efetivada a partir desta confluência entre a lembrança sobrevalorizada da política em Cleópatra, de modo a exarcerbar

⁵³ Idem, p. 3

⁵⁴ RICOUER, Paul. Op. Cit., 2007, p. 2.

⁵⁵ Existe a materialidade apontando para estas evidencias, conforme as imagens apresentam, porem a documentação escrita a disforiza.

⁵⁶ RICOUER, Paul. 2007, Op. Cit., 2007, p. 7.

a relação pessoal dela com Júlio Cesar e Marco Antônio, enquanto omitia (ou esquecia), aspectos ligados a sua capacidade intelectual e a seu papel como sacerdotisa de Ísis, este último, com possibilidade de gerar novos conflitos internos em Roma, posta a presença de longa data deste culto em território romano, bem como da importância do Egito para a segurança alimentar em Roma.

Dentro deste quadro, sua aproximação com Roma, ainda durante a disputa pelo trono, com Ptolomeu XIII, se dá em um contexto favorável à atuação conjunta com Júlio Cesar, que segundo Midford e Evans “*ocupou o Egito, e iniciou sua busca por um governante aliado para gerir aquele território, e Cesar, encontrou em Cleópatra esta aliada. (...) porquanto Cleópatra precisa de um aliado poderoso, (...) então, temos aqui, acima de tudo, uma aliança política*”⁵⁷.

Através de todas as informações, apontadas anteriormente, percebemos que a compreensão ampla do contexto social no qual transitava a protagonista é vital, para elucidar os mecanismos envolvidos na formulação do discurso sobre a ela, bem como o formato dado a sua *memória*: propusemo-nos a avaliar a narrativa de Suetônio no intuito de identificar a existência de um discurso político, religioso, ou seja, buscamos demarcar em Suetônio as críticas contra a presença de Cleópatra junto à organização política de Roma.

Portanto esta conjunção de fatores políticos e ideológicos é a fonte da narrativa que conhecemos sobre Cleópatra atualmente. Ressaltamos como as obras de arte têm ajudado a perpetuar através da poesia, do teatro e, mais recentemente do cinema, porém, sem considerar ou declarar o apagamento de Cleópatra, para além de uma personagem política no mundo Mediterrâneo no século I a. C, quando se inseriu em cenário de importantes mudanças e cuja relevância se revelou aos habitantes de todos os territórios da bacia Mediterrânea nesta época, ou seja, os Séculos I a. C e imediatamente I d.C. Daí a possibilidade de considerarmos também o atrelamento desse discurso, com o esforço de legitimação de Augusto dentro do nascente regime do principado.

Assim, concluímos que sobre a Memória de Cleópatra, conhecida por nós, através de sua biografia, constituída a partir da narrativa de Suetônio, em *A vida dos Doze Césares* é o élan de um discurso efetuado com finalidade política, que desencadeou todo um esforço de perpetuação do mesmo, o que proporcionou um clima de coesão em uma sociedade romana, ainda ciente das dissensões que levaram as guerras civis vistas no fim da República.

⁵⁷ MIDFORD, Sarah; EVANS, Rhiannon. **Caesar's Triumphs over Gaul and Rome**. Melbourne: Latrobe University. 2017, pp. 83-84

Assim, localizamos Cleópatra em um contexto do contato entre dois paradigmas de sociedade, bastante diversos: de um lado, temos uma sociedade romana que enfrenta os conflitos civis, decorrentes da própria expansão territorial e do crescimento da relevância do poder pessoal dos generais nas províncias por eles governadas, cujas guarnições lhes seriam mais leais a seu comandante, do que Senado em Roma. Em tais tradições, desde as origens, vedava-se a presença da mulher na política e no sacerdócio, através da religião dos deuses domésticos, precedentes ao culto dos próprios deuses da cidade, como Júpiter e Vênus.

Assim, para manter seu poder e obter o favor dos deuses, os generais romanos buscaram alianças até mesmo nas regiões provinciais, o que, no caso de Cleópatra, motivou a aliança com Júlio Cesar, *a priori* para estabelecer um governante que lhe conferisse estabilidade e segurança naquele território, além de garantir o fluxo de grãos do Egito para Roma, para alimentar tanto as cidades, quanto as legiões, em campanha ou estacionadas ao longo do Leste do território romano (Ásia Menor e Síria, por exemplo).

O aspecto silenciado dessa associação, por Suetônio, foi o campo cultural e religioso já existente entre Roma e o Egito, haja vista o Culto de Ísis, presidido por Cleópatra, estar presente por todo o território helenístico (grego) e romano, com a presença de Templos nestas localidades, como os de Atenas e Pompéia.

Com isso, fica patente a existência de um processo de circularidade cultural, que se operava a partir da religião, repercutia na política e na sociedade, em um âmbito, no qual, segundo Fustel de Coulanges, a religião como força motriz da sociedade romana, estava centrada na figura masculina, originada desde a era dos cultos domésticos, posto que “*no entendimento destas religiões ancestrais da Urbs, a mulher não transmitia nem a vida, nem o Culto, e a partir deste princípio, não poderia ocupar o Sacerdócio*”⁵⁸.

Sob este prisma, o contraste entre os pressupostos da religião romana e os procedimentos vigentes na sociedade egípcia, mesmo sob o helenismo, contribuiu também para o grande destaque de Cleópatra, perante os romanos, já que permitiu que esta se apresentasse em condições de negociar com igualdade com os magistrados romanos Júlio Cesar e Marco Antônio, cientes da necessidade, criada pela conjuntura, de um governante aliado no Egito, que lhes garantisse a estabilidade na região e do fluxo de grãos de lá originários, para suprir as necessidades romanas, nas cidades e acampamentos de legiões.

Sendo o helenismo, o encontro entre elementos culturais da Grécia e do Egito, cujos reflexos podem ser notados na configuração dada ao culto de Ísis também em Roma, podemos

⁵⁸ COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. Martin Claret Editora. São Paulo: 1979, p. 61.

afirmar, deste ponto de vista, que ocorreu de forma simultânea, uma helenização do Egito, e uma egípcianização da Grécia, e posteriormente de Roma, o que Martin Bernal, registra em suas pesquisas, afirmando a origem da religião e de grande parte da cultura grega não na própria helade mas sim no Egito, ressaltando que:

A década de 1920 enfatizou o significado de tais influências orientais como influências egípcias na arte grega, a origem fenícia do alfabeto e leste - "mais mesopotâmico do que egípcio"- influências sobre o grego astronomia. Ele não estava convencido pelas alegações de escritores "posteriores" (Helenístico e Romano e cristão primitivo) sobre o efeito do pensamento egípcio sobre teologia grega e filosofia⁵⁹

Portanto, que diante de generais romanos, tal condição da protagonista se traduziu em poder de fato, algo efetivo, dando a legitimidade a ela conferida, enquanto portadora do trono do Egito. Ainda de acordo com Suetônio e outros autores da época, como Plutarco, Cleópatra também se destacava entre todos os membros da dinastia Ptolomaica, por dominar o idioma nativo dos antigos Faraós.

Desta perspectiva, poderíamos localizar Cleópatra, em um contexto romano e Mediterrâneo, não como mais uma rainha estrangeira, bárbara, ou sedutora de generais romanos, mas sim, como a sacerdotisa de um culto a uma divindade egípcia, Ísis, que por associação com a grega Afrodite e em especial com Vênus, de quem Júlio Cesar declarou ser a originária de sua *gens*, a *gens Julia*, também poderia ser considerada uma sacerdotisa de grande relevância e portadora de sacralidade, tal como a conferida a magistrados e sacerdotes romanos, desde a fundação do regime republicano.

A grande relevância conferida a Cleópatra também está inserida no contexto de ampliação do contato de Roma com o Oriente, que por diversas razões e circunstâncias, tomou grande vulto, conforme Franz Cumom afirma em sua explanação, ao abordar que nesta época:

Nesta época, a Itália, expandiu sua população, e se tornou incapaz de prover seu próprio sustento; também nesta época, as demais regiões da Europa, se encontravam em estado de barbarismo; A Ásia Menor, Egito e Síria, reuniam fartas colheitas, que possibilitavam o manejo ou controle da ordem em Roma. Seus centros de produção cultivavam e renovavam todas as tradições que lhes permitiram previamente ter prosperidade. Uma intensa vida intelectual correspondente a intensa atividade econômica e de suas grandes manufaturas e exportações destes países. Eles excediam bom desempenho em muitos ofícios, exceto o das armas, e ate os romanos mais preconceituosos admitiam sua superioridade. A ameaça de um império oriental assombrava a imaginação dos mestres do mundo. Assim, como o império parecia ter mesmo sob o ditador Cesar, e o Triúmviro Marco Antônio, quase concretizado isto. Mesmo Nero, quase fez de Alexandria, sua capital.⁶⁰

⁵⁹ BERNAL, Martim. **Black Athena. The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. Volume III: The Linguistic Evidence.** New Jersey: Rutgers University Press New Brunswick, 2006, p.7.

⁶⁰ CUMON, Franz. **The Oriental religions in Roman Paganism.** Chicago: The Open Court Publishing Co. 1911, p.2

Após vislumbrar o conjunto de elementos que influíram, decisivamente, na forma como se deu o contexto, no qual, Cleópatra interagiu com Roma, podemos ver que se tratou não apenas de um evento político, mas envolveu todo um conjunto de trocas culturais, decorrentes da circulação de cultos orientais em Roma, entre eles o culto a Ísis, e do fascínio e interesses romanos sobre o Egito e outros territórios a Leste da península itálica, gerados pela necessidade romana de obter estes recursos de modo a viabilizar a estabilidade social na própria península itálica. Isso indica o grau de importância alcançado por estas regiões bem como um dos motivos pelos quais se prezava tanto por elas, enquanto províncias ou aliados de Roma.

A nuance político-religiosa está subjacente ao cenário do Mediterrâneo antigo, o que faz com que Cleópatra, tivesse sua presença amplamente notada, em um quadro de dissonância, entre uma sociedade, helenizada na qual, por diversas ocasiões, as rainhas exerceram papel preponderante, desde o princípio da dinastia dos Ptolomeus, a uma sociedade romana, onde os papéis de liderança política ou de sacralidade religiosa estavam voltados exclusivamente para o homem patrício, somente ele também, poderia obter o *cursus honorum*⁶¹ e constituir sua carreira política, até galgar o posto de Cônsul no período republicano. Segundo Priscila Menezes⁶², os patrícios compunham-se das famílias fundadoras da cidade. Foram também os primeiros senadores, líderes dos principais clãs, chamados de *patres*, eles detinham o monopólio da autoridade religiosa e dos direitos a ela conexos, como os auspícios e a gestão do *interrex(...)* haja vista a intrínseca ligação entre a religião estatal e o direito em Roma, como um caminho para consolidar em definitivo o próprio poder político. Assim, podemos compreender que o termo patrício, acima de tudo, remonta a hereditariedade existente entre as famílias dos habitantes primordiais de Roma.

Outro fator que pode ter elevado a figura de Cleópatra entre os romanos foi o fato de ela exercer o poder de forma centralizada, em um momento em que a sociedade romana era atravessada por conflitos civis, revelados pelas disputas entre figuras proeminentes, dentro das classes governantes. Cada qual tentava assegurar para si, de forma exclusiva, um domínio ou

⁶¹ O *Cursus Honorum*, se traduz como o caminho seguido pelo cidadão romano, para alcançar postos na política, implicando também, nos cargos que este exercia durante toda a vida. Em suma, ele se concretizava, como a carreira política em essência, concretizada no exercício do poder pela Magistratura, e tinham acesso a esta prerrogativa, somente os cidadãos romanos do sexo masculino, e integrantes do patriciado. Somente a partir do Século. Posteriormente em 493 a.C, houve a criação do cargo de tribuno da Plebe, que defendia os interesses deste extrato da população, frente a seus litígios legais, e religiosos com os patrícios, representados principalmente, no Senado.

⁶² MENEZES, Priscilla Moura Del Cima de Alvarenga. **A Origem e a evolução do Tribunato da Plebe na Roma Republicana**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica/ Departamento de Direito. 2012, pp. 15-16.

poder, muito semelhante ao de uma monarquia, que sob Augusto, desembocaria no principado.

Desta forma, o silêncio de Suetônio sobre o sacerdócio de Cleópatra pode ser interpretado como uma estratégia, ou tentativa de construção de uma coesão social em Roma, assegurada pelo principado de Augusto, que visava a eliminar todo o “*ruído*”, que porventura tivesse o potencial de deflagrar novos conflitos no interior da sociedade romana, dada à ascendência da religião em relação à política, visto que a primeira legitimava embasava a última.

Por isso, entendemos que para além do que já foi proposto anteriormente, Suetônio concluiu que a atuação religiosa de Cleópatra, juntamente com seu papel política, evidenciado nas doações de Alexandria, em relação a Marco Antônio, estava levando à inversão da instituição do patronato e da Clientela.

Além disso, Rebecca Rooker declara que a deificação de Cesar (o qual em vida, propalava que sua *gens* descendia de Vênus, divindade romana associada à Ísis), após sua morte, combinada com a visão de Cleópatra como “Nova Ísis”, e mãe de Hórus, neste caso, associado a Cesarion, seu filho com Júlio Cesar, o qual poderia ser declarado como seu herdeiro, “*abriria a possibilidade de Cleópatra, ter legitimidade para aceder ao poder em Roma*”⁶³.

Porquanto Suetônio, ao falar de Cleópatra, na verdade tecia um relato a respeito dela, favorável a Augusto, para tanto, não poderia evidenciar a influência estrangeira, egípcia e helênica, representada pela protagonista, sobre a Cultura romana. “E muito do que sabemos sobre Cleópatra, é a sobrevivência de um discurso emitido por pensadores romanos, que, via de regra, tem sido tomados, como realidade absoluta”⁶⁴, e Margareth Milles sustenta que, em grande parte, que o procedimento se repetia, o que nos leva a questionar, quem realmente foi Cleópatra VII, uma das mais célebres personagens que circularam no mundo Mediterrâneo. Esse panorama ressalta para Martim Bernal, o modo pelo qual o mundo helenístico/egípcio, e oriental se fazia presente na Urbs, mesmo antes da as legiões romanas alcançarem aqueles territórios, posto que

O primeiro desses contatos gerou uma onda maciça de orientalização na Etrúria. A Arqueologia indica relações ainda anteriores. Um século antes, muitas práticas fenícias e objetos de lá originados, tinha efeitos no Lacio: a mudança da cremação para o enterro (o costume fenício), o uso de frascos canópicos egípcio-fenícios e colunas fenícias "esólicas" e a importação de objetos egípcios e fenícios, e até

⁶³ ROOKER, Rebecca. **The myth of Cleopatra: Shrewd Sovereign or Wanton woman**. Department of History. Turlock: California State University Stanislaus. 2017, p.56.

⁶⁴ MILLES, Margareth. **Cleopatra, A Sphinx revisited**. Bekerley and Los Angeles: University of California Press. 2011, p. 1.

mesmo objetos mais distantes. Através da Fenícia, o Oriente Médio teve uma influência maciça sobre a religião etrusca, daí romana⁶⁵

Nesse quesito, verificamos que as circunstâncias que favoreceram à ascensão de Cleópatra para os romanos envolveram não apenas a circularidade proporcionada ao culto de Ísis pelo Mediterrâneo, mas também o fato de que este crescia em Roma, enquanto as religiões tradicionais não demonstravam capacidade de responder à tempestade social e política, trazida pela crise do regime republicano.

Assim, diante de um quadro onde o culto de Ísis era o que apresentava maior ascendência, dentre todas as religiões estrangeiras admitidas em Roma, Cleópatra, na condição de Sacerdotisa desta divindade, tornou-se uma figura em evidência, o que foi potencializado, pelo fato de governar o território mais rico do Mediterrâneo e que se mostrava cada vez mais necessário para suprir as necessidades romanas. E, em especial, não devemos esquecer que nestas sociedades antigas, a religião mantinha estreita ligação com a política. Desse modo, o título de Cleópatra como “*Nea Teodera*”, ou mesmo a “*Nova Ísis*”, ressaltava o fato de que detinha, em suas mãos, um enorme poder, em um contexto em que a sociedade romana, por seu turno, assistia dentro de seus quadros de cidadãos.

A partir desta abordagem, Tildesley releva que a adoção dessa nova identidade por Cleópatra, como soberana divinizada, se enquadra dentre as nuances que ajudaram a produzir a mitologia política, a qual lhe confere tamanha ascensão, diante do cenário que se desenhava na política tanto romana, quanto no trono do Egito em Alexandria. Essa ação serviu para legitimar tanto sua condição enquanto rainha, e para consolidar o exercício de seu poder, dada sua ligação agora proclamada e estreita com o divino, de acordo com as observações da autora:

com o filho *Cesarion* ao lado, Cleópatra VII, poderia (...) desenvolver uma nova e poderosa identidade como uma mãe semi-divina: uma identidade que possuía a grande vantagem de ser imediatamente reconhecida por ambas as comunidades existentes no território, tanto a egípcia, nativa, quanto a grega ou helenizada. A divinização, não era novidade. Cleópatra havia se tornado similar a uma deusa para encerrar o reino de seu pai, quando ela havia sido desposada, para compor juntamente com seu irmão, como o novo casal divino. Entretanto, agora, ela era especialmente identificada com a mais celebre mãe solo, a deusa Ísis.⁶⁶

A constituição da mitologia, que perpetuou a memória da protagonista, sob o discurso de Suetônio, faz eco à assimilação entre a condição de Cleópatra, como rainha e mãe de *Cesarion*, com a trajetória vista na mitologia em que Ísis se torna a mãe de Hórus, divindade que futuramente assumirá o topo do panteão egípcio. Para Girardet, isto exemplifica a fusão

⁶⁵ BERNAL, Martim. **Black Athena. The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. Volume III: The Linguistic Evidence.** New Jersey: Rutgers University Press New Brunswick. 2006, p. 180.

⁶⁶ TILDESLEY, Joyce. **Cleopatra. Last Queen of Egypt.** London: Profile Books LTD. 2008, p.110.

da política e da mitologia, posto que “o mito constituído e que no caso em foco, é uma *fabulação, uma interpretação racional e cuidadosamente construída sobre o real (...)* exercendo. *explicativa, que permite a correlação entre o trajeto decorrido pela protagonista e a divindade que ela representava como sacerdotisa*”⁶⁷.

Sabemos que as instituições ligadas ao poder e/ou a seus tributários auferem uma grande capacidade de, ao emitir discurso, erigir mitologias, de forma proposital, sem muitas vezes, ter em mente as consequências não previstas do discurso emanado, algo que Kleiner descreve quanto à narrativa de Suetônio sobre Cleópatra, a fim de que:

estes eventos, foram contados e recontados, de forma simples ou sofisticada, em livros, jogos, filmes, e animações, e como resultado, se torna difícil diferir os fatos, da ficção e revelar quem a protagonista realmente foi. Todo o esforço de descortiná-la torna-se complexo, não apenas devido a vasta coleção de interpretações posteriores, porem talvez por uma imagem extremamente parcial da protagonista confeccionada por Augusto e seus propagandistas.⁶⁸

Através da rede de construções ligadas à circularidade cultural, e a interação entre a cultura tradicional romana, aqui incluindo sua religião, cujos representantes, eram generais e patrícios romanos, e a cultura helenística, vinda do Egito, sob a forma do culto a Ísis, em um momento de transformações estruturais na política, na sociedade e na economia romana estendida sobre todo o Mediterrâneo em meados do Século I a. C, quando Cleópatra emerge enquanto representante máxima de um elemento cultural e religioso, no qual a divindade egípcia foi assimilada à deusa romana Vênus, geratriz da *gens Julia*, da qual Cesar era integrante.

Então, por essa ótica, a protagonista era não apenas uma rainha aliada de Roma, mas também um ícone de uma das principais divindades romanas, além de personificar a fusão ideal entre o que em Roma se descrevia como “o sacerdote e o magistrado”. Além disso, ela era a principal rainha-cliente dos romanos naquele momento, tanto para Júlio Cesar, quanto para Marco Antônio.

Para que possamos vislumbrar de modo mais amplo, os discursos construídos sobre Cleópatra, vemos como alternativa verificar, junto à documentação produzida na época. Não apenas Suetônio escreveu sobre ela, mas outros autores, biógrafos e cronistas romanos e gregos ou romanizados (como Lucano, Flávio Josefo, Plutarco, Plínio o Jovem, Tácito), os quais tinham acesso a arquivos e relatos sobre a história de personalidades ilustres, a exemplo

⁶⁷ GIRARDET, Raoul. **Para uma introdução ao imaginário político**. In: **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.13.

⁶⁸ KLEINER, Diana E. **Cleopatra and Rome**. Cambridge, Massachusetts and London: The Belknap Press of Harvard University Press. 2005, p.16.

da rainha Cleópatra VII. Em geral, estes autores mantiveram estreitas ligações com a estrutura do império, que, na maioria das vezes, estavam a serviço do principado.

1.2 Cleópatra e o contexto do triunvirato.

Observamos que, nesses documentos, persiste a narrativa que dá grande destaque a atuação de Cleópatra como rainha, mais uma *player* do jogo político da República romana tardia, descrita em suas relações com Julio Cesar e Marco Antônio, e, por extensão, como resultante da situação de confronto entre os próprios generais romanos à época, Otaviano Augusto, o qual, por seu turno, patrocinou e promoveu a elevação do mito que envolve a protagonista até hoje.

Conforme é de nosso conhecimento, o foco do relato constituído por Suetônio e outros autores latinos e gregos, como Plutarco e Dio Cassio, atribuiu ao sucesso da protagonista em suas relações com Júlio Cesar e Marco Antônio não ao seu papel como sacerdotisa de Ísis, nem a sua inteligência ou a sua capacidade de elaboração de estratégias políticas, mas sim a sua estonteante beleza, característica propagada como uma marca pessoal, somada a sua capacidade de conversação e a sua habilidade de convencimento, típica de alguém com pendor à diplomacia e ciente de sua condição de nobreza, herdado desde a ascensão dos Ptolomeus ao poder no Egito, algo já verificado quando Ptolomeu XII Auletes (tocador de Flauta), pai da protagonista, solicitou auxílio a Pompeu em Roma, quando da crise com sua filha Berenice, tal como Dião Cassio, explana sobre o que envolveu Pompeu, dizendo:

Trazendo os navios para ancorar, ele enviou alguns homens para lembrar o príncipe Ptolomeu XIII, do favor mostrado a seu pai, quando este solicitou auxílio a Roma, e pedir que ele fosse autorizado, como aliado, a desembarcar em terra egípcia, sob certas garantias definidas⁶⁹

Por conta disso, a atribuição de beleza à protagonista se tornou o aspecto mais evidente nos relatos de escritores antigos, o que podemos deduzir como uma das táticas, se não a principal, para transmitir uma imagem redutiva da protagonista em sua relação com os romanos, a fim de sublimar dessa maneira tanto suas atribuições políticas, quanto seu ofício religioso enquanto sacerdotisa de Ísis. Em função disso, pressupomos que o silêncio em torno do sacerdócio de Ísis por Cleópatra e das capacidades demonstradas pela protagonista diante

⁶⁹ COCIANO, Dião Cassio (155 d. C- 229 d.C). **História Romana**. (Obra escrita em grego e em Latim, na península itálica na metade do Século III d.C). La Crisi della Repubblica nei Frammenti della Storia Romana (XXI-XXX). *Histórias*. 42. 3. III).

de Júlio Cesar e Marco Antônio visava à produção de um imaginário bastante reducionista em torno da figura de Cleópatra.

Dessa acepção, temos evidência quando contemplamos a proeminência com que Plutarco descreve os estratagemas da protagonista quando da disputa com Ptolomeu XIII, durante a Guerra Alexandrina, para encontrar Júlio Cesar e firmar sua aliança com ele, diante do cerco que aquele havia promovido para impedir seu ingresso no palácio de Alexandria. Assim, Plutarco descreve em sua obra *Vidas Paralelas*:

Então, Cleópatra, levando apenas Apolodoro, o siciliano, entre seus amigos, embarcou em um pequeno barco e desembarcou no palácio quando já estava escurecendo; e, como era impossível entrar no palácio de outra forma, ela se esticou ao longo de um Lençol ou cobertor, enquanto Apolodoro amarrava o objeto com um cordão e o levava para César⁷⁰

Desta maneira, começa a despontar a figura de uma Cleópatra mítica, cuja capacidade de superar ou relevar obstáculos seria o prenúncio de sua beleza, algo que foi realçado em detrimento das aptidões que a protagonista demonstrou, como no episódio explicitado acima. E da mesma forma decorre quanto às versões correntes sobre a morte da protagonista. Embora autores latinos e helênicos falem em suicídio, não descartamos a hipótese de que a causa de seu falecimento tenha sido outra. Consideramos que todas estas narrativas, ou fragmentos da mesma constituem a pedra basilar da mitologia que se criou a respeito da protagonista.

Para, além disso, o intuito de Suetônio, bem como do principado de Augusto de reforçar o que consideravam a essência da identidade romana oficial, refletiu-se no empenho verificado em autores como Plutarco e Dion Cássio, em redundar o desconhecimento das práticas mágicas, que embora correntes na sociedade romana desde o século II a. C, eram atribuídas, à influencia grega e helênica sobre a cultura latina e, esta como tal, não poderia ser objeto de rememoração, exatamente por constituir um obstáculo à romanização plena em toda a bacia do Mediterrâneo, em um movimento de afirmação do principado, sobretudo em relação às regiões helenísticas, locais de domínio dos Ptolomeus, dinastia da qual, Cleópatra VII foi a última soberana.

Inferimos que para além de questões políticas, suscitar o sacerdócio de Ísis por parte da protagonista, poderia salientar que a sociedade romana, estava na verdade sob influência egípcia, exercida através do helenismo, dada a “*a enorme expansão da religião egípcia*

⁷⁰ PLUTARCO, Lucio Méstrio (64 a.C- 120 d.C). *O divino Júlio in: Vidas Paralelas*, Alexandre, o Grande e Júlio Cesar. *Vida de César* 49.1). Vidas de Cesar/Por Suetonio e Plutarco; tradução e notas Antonio de Silveira Mendonça, Isis Borges Belchior da Fonseca,- São Paulo: Estação Liberdade, 2007, p. 227.

*durante este período, no que tem foi chamado de "a conquista do Ocidente pela Religião Oriental"*⁷¹.

Nesse contexto estava inserida a questão do culto a Ísis, que, por ter sofrido adaptações em sua chegada à Grécia e a Roma, inseriu-se como o principal culto oriental de mistério, algo que, através da liturgia e de processos divinatórios assimilados por seus seguidores, conferia poder as mulheres, por exemplo, além de incidir na prática da magia, notada não só na dinâmica social, mas também na essência das cidades, conforme Sennet afirma lembrar a posição de honra adquirida pela da *tesmoforia* às mulheres (neste caso, as mulheres das Pólis gregas), no ritual, porque implicavam em *“mudanças que culminavam quando elas emergiam dos rituais (...) uma luz brilhava em seus corpos ‘cobertos de mantos’, ritualmente alterados – de forma misteriosa e insondável para os homens- e dignificados* ⁷².

A respeito da chegada deste culto a regiões do território romano, Hariadne Soares levanta que *“o culto da deusa Ísis teria se estabelecido no território grego a partir do século II a.C., os muitos poderes isíacos facilitavam a associação da deusa egípcia às imagens e aos tipos simbólicos de Deméter, a deusa grega, e a Fortuna (Tiché) ou Afrodite”*⁷³. Essa associação proporcionou a assimilação deste culto e sua difusão/infiltração dentro dos quadros do helenismo vigente, a princípio, em território grego; terminou, depois, por ser transmitido a Roma., Conforme Hariadne Soares assinala

O culto da deusa Ísis no antigo Egito era envolvido por mistérios rituais, nos quais o fiel deveria ser iniciado, revivendo o mito e sentindo-se parte deste. Os rituais eram realizados no interior do templo, principalmente à noite, sendo os iniciados envolvidos num drama de iniciação que simbolizavam a morte e o renascimento do iniciado nos serviços da divindade. Os mistérios significavam a procura da verdade e da salvação mediante a aproximação com o sagrado⁷⁴

Deste ponto de vista, vemos a interligação entre o mistério e seu funcionamento enquanto mecanismo de dignificação e avalizador, de lugar de honra para a protagonista, o que a elevava a um patamar igual, senão superior ao de magistrados em Roma. Ademais, conforme já referimos, a associação de Ísis com deusas gregas Afrodite e Cibele se traduziu

⁷¹ BERNAL, Martim. **Black Athena. The Afroasiatic roots of classical civilization**. Volume I: The Fabrications of Ancient Greece 1785- 1985. New Jersey: Rutgers University Press New Brunswick. 1987, p. 117.

⁷² SENNET, Richard. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na Civilização Ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis- 4 edição- Rio de Janeiro: BestBolso. 2016, p. 75.

⁷³ SOARES, Hariadne da Penha. **Os cultos de Isis e Artagátis no Alto império Romano: Conflito religioso e formação de identidades nas *Metamorphoses* e Dea Syria**. Centro de ciências humanas e naturais. Programa de pos graduação em História Social das relações políticas. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: 2011, p. 375.

⁷⁴ SOARES, Hariadne da Penha. Idem. 2011, p. 210.

também na adoção por parte dos praticantes deste culto, das famigeradas práticas mágicas, algo que o principado de Augusto estava empenhado em banir da sociedade romana.

Uma questão que ganha relevo, quando adentramos de forma mais profunda aos procedimentos rituais relatados, a respeito das configurações recebidas pelo Culto de Ísis, na sociedade grega e romana dos séculos II e I a. C, em observações feitas a partir de relatos de Apuleio de Madaura, por exemplo, é a associação deste culto à magia, em maior grau, a pessoas não pertencentes às famílias tradicionais, também propicia, segundo Carvalho Neto, o acesso dessas pessoas à magia, um elemento visível quando, a saber:

Decerto que esse é o motivo decisivo para o infortúnio de Lucius, transformado por artes mágicas num asno e personagem dos mais terríveis sofrimentos, embora depois liberto por interferência da deusa Ísis e em virtude de iniciação nos mistérios, na célebre obra de Apuleio, *O Asno de Ouro*⁷⁵.

Este cenário será reforçado, se considerarmos a amplitude que o relato de Apuleio de Madaura em *Metamorphoses*, teve na sociedade da época, lembrando que sua narrativa evidencia pormenores da geografia do Mediterrâneo, o que João Carlos Furlani explica:

Apuleio cita várias cidades gregas, mostrando-se um conhecedor dos filósofos e da filosofia, além de mencionar escritores, fazer referências a mitos, cultos, astrologia, religião, práticas mágicas e até mesmo contos e ditados populares, evidenciando, assim, que seu conhecimento não se limitava à alta educação greco-romana⁷⁶.

Dentro deste escaninho, vemos como a associação de um culto de mistério, em expansão, às práticas mágicas, esforço do principado romano sob Augusto, levanta a questão dos conflitos religiosos na sociedade romana, e da interação que instituições como o Senado, principal autorizador ou não da oficialização de cultos estrangeiros teve com o culto de Ísis, relação esta, marcada por forte instabilidade, conforme Greg Woolf descreve a forma como:

ao desvelar o quadro da influência imperial no Mediterrâneo Romano, não estamos lidando com a homogeneização do panorama religioso, mas sim com sua complexificação. Muitos intercâmbios entre grupos religiosos resultaram na criação de novas fronteiras, novas regiões de contato. Cultos de mistérios, que incluíam a astrologia e o uso de textos sagrados são exemplos de procedimentos apropriados apenas para tornar-se um novo grupo, ainda mais distinto. O pluralismo religioso verificado em Roma incluía a criação de diferenças e seu constante reconhecimento⁷⁷.

⁷⁵ NETO, Isaque Pereira de Carvalho. **Mistério e repetição no mito de Ísis e Osiris**. CADMO Revista de História Antiga. Universidade de Lisboa. 2015, p. 63.

⁷⁶ FURLANI, João Carlos. **Questões a se (re)pensar: Apuleio, as *Metamorphoses* e o Norte da África**. In: **A África no Mundo Antigo: possibilidades de ensino e pesquisa**. João Carlos Furlani (organizador) Serra: Editora Milfontes. 2019. p. 174.

⁷⁷ WOOLF, Greg. **Only connect? Network analysis and religious change in the Roman World**. Revista Héléade: Niterói. 2016, p. 53.

Este cenário nos conduz a aventar que o elemento de mistério, trazido pelo culto de Ísis, abrangia muito mais do que uma questão meramente religiosa, pois como sabemos, (na sociedade não apenas romana, mas também egípcia e grega), havia estreita ligação entre a religião e a política. Isso inclui a questão de que, ao manter o controle sobre este culto, ou ao ser mencionada como sacerdotisa do mesmo, por Suetônio, Cleópatra acederia a um lugar de poder, no simbólico e no imaginário social, que deveria ser ocupado apenas pelo patriciado de Roma, e isso, implicava colocar em xeque toda a estrutura hierárquica, implantada pelo principado de Augusto.

Tendo em vista a necessidade do principado de se legitimar e sustentar sua ideologia, como bastião de uma sociedade romana coesa em torno do *Princeps*, não deveria haver espaço para o culto de Ísis, por sua associação com a magia, promovido inclusive entre a Plebe, não somente entre os patrícios, e por emular a religião oficial do Estado romano, da qual Augusto era o representante e *pontifex maximus*.

Por isso, faz-se necessária a leitura cuidadosa da documentação textual, uma vez que ela foi produzida por detratores de Cleópatra, sob o mecenato de Augusto, a quem interessava retratar Cleópatra, como vetor de instabilidade política no Mediterrâneo, perante às demandas que se apresentavam a partir da sociedade romana, encabeçadas nos membros do Triumvirato.

Dentro deste imaginário, temos conhecimento de que o mundo Mediterrâneo era marcado por intensos fluxos migratórios, o que favorecia contatos interculturais e interétnicos. Portanto, dentro dessa perspectiva, diversos opositores daquilo que chamaríamos de uma história completamente europeia, caucasiana, em sinal de protesto contra a construção imagética de uma Antiguidade completamente branca, sabendo dos relatos de escritores da época, sobretudo os gregos, como Estrabão, Diodoro e Heródoto, relatam a interação de aristocratas de diversas regiões da atual Grécia, com os etíopes, habitantes do atual Sudão, descrevem estes últimos como negros, caracteristicamente africanos.

Essa teoria deu enlevo ao trabalho de historiadores voltados à narrativa afrocentrada a levantar a hipótese de Cleópatra VII ser negra, dado que seu local de nascimento está na África, o Egito. Sobre sua filiação, sabe-se que ela é filha de Ptolomeu XII Auletes, mas nada se fala sobre sua mãe. De modo que os pesquisadores, baseados no trabalho de Cheik Anta Diop⁷⁸ e cientes de que a imagem que hoje temos do Mediterrâneo, aqui incluindo a Grécia e Roma antigas, é um produto da historiografia positiva do Século XIX, cujo trabalho influenciou decisivamente o racismo científico, que procurou descrever a “evolução” das bases das

⁷⁸ DIOP, Cheik Anta. **Black África**. Chicago: Lawrence Hills Book, 1987.

civilizações européias, como algo absolutamente endógeno, como se gregos e romanos, não tivessem recebido qualquer contribuição não apenas estética, mas também intelectual, científica, artística e religiosa de sociedades tão ou mais antigas do que eles, no antigo Oriente Próximo e no Norte da África, entre as quais, estava o Egito, que foi convenientemente dissociado do continente africano, para ser artificialmente, anexado ao Oriente Próximo idealizado pelos arqueólogos e historiadores europeus a serviço do imperialismo no século retrasado.

A dinâmica envolvida abrangiu o entrelaçamento entre a religião e a política, indo da Antiguidade, época de vida da protagonista, à contemporaneidade, com claros reflexos na geografia, resultante do discurso como estratégia de apropriação, descrita por Jack Goody, exemplifica:

a religião "mapeia" o mundo para nós em parte de forma arbitrária, mas esse mapeamento adquire significados poderosos relativos a identidades, durante o processo. A motivação religiosa inicial pode desaparecer, mas a geografia interna que ela gerou permanece, é "naturalizada" e pode ser imposta aos outros como sendo de certo modo parte da ordem material das coisas⁷⁹.

Assim, para se contrapor a esta estética branca, autores como Berstein, que cita os esforços advindos de grupos minoritários em especial nos Estados Unidos durante o século XX, porém, sempre se remetendo à Antiguidade, afirmando que

Já que na Antiguidade, alguns egípcios adotaram a imagem da protagonista como símbolo de resistência a Roma, é sugerido/insinuado pelo registro da múmia de uma jovem chamada "Cleópatra", que viveu em Tebas no segundo Século depois de Cristo, e cuja mãe, foi nomeada Candace, a rainha Núbia, que enfrentou Roma, e deteve o avanço romano, em direção à Etiópia, menos de uma década após a morte de Cleópatra.⁸⁰

Tendo em mente tais elementos, o autor defende que desde a Antiguidade, Cleópatra passou a ter sua memória apropriada, como parte dos discursos que pregavam a resistência ou a insurgência contra o domínio romano no Egito. Estes movimentos poderiam partir tanto do camponês, completamente nativo, quanto das elites helenizadas nas principais cidades daquele território, além de apontar para uma ligação entre a protagonista e o reino núbio⁸¹ ao sul, como um indício de que a mesma não poderia ser descrita como uma mulher cuja ascendência ou genealogia fosse completamente européia, greco-macedônica, mas sim uma

⁷⁹ GOODY, Jack. **O roubo da História. Como os europeus se apropriaram das invenções do Oriente**. São Paulo: Editora Contexto. 2008, p. 21.

⁸⁰ BERSTEIN, Stanley M. **The Reign of Cleopatra**. Westport. Connecticut. London: Greenwood Press. 2004, p.69.

⁸¹ A mesma região, para onde Julio Cesar desejava navegar com seu barco, quando de sua primeira estada no Egito, segundo o relato de Plutarco em *Vidas Paralelas*.

mulher que tinha um elo sólido tanto com a população local, quanto com os reis de territórios vizinhos, no continente africano.

Ainda segundo o mesmo autor, a perspectiva de produção de uma história afrocentrada emergiu com o esforço de escritores norte-americanos, negros, empenhados na construção de uma narrativa que trouxesse empoderamento aos afroamericanos, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, em contraposição àquilo que denominavam como hegemonia de uma narrativa caucasiana da História, cujos reflexos se faziam ver na mídia, sobretudo no cinema. Assim, Cleópatra se tornou um ícone da construção desta nova identidade, que visava a dotar populações que se encontravam sob opressão social acompanhada de repressão estatal às reivindicações de um modelo representativo de poder, a partir da qual emergisse uma narrativa favorável ao negro, não encontrada no cinema hegemônico. Assim, Bernstein reforça o argumento anterior, expondo que:

durante todo o Século XX, escritores afro-americanos, defendem/argumentam que Cleópatra era parcialmente egípcia e que se ela vivesse nos Estados Unidos, seria considerada negra, de acordo com a regra de "uma gota basta" - que sendo esta regra, toda pessoa que tem uma gota de sangue negro, é classificada como negra.⁸²

Desta forma, estes autores procederam à apropriação da figura de Cleópatra, sob uma nova roupagem, afastando-a de sua prolapada imagem, a qual não poderia ser tida sequer como Mediterrânea exposta pelas atrizes Theda Bara e Elizabeth Taylor, em 1963, e a inserindo em um contexto que eleva e exalta a negritude, tendo Cleópatra, como uma mulher negra que ocupa um espaço de poder, com destaque social, e religioso, atuante e influente, perante uma sociedade de dominação masculina e européia, aqui representada por Roma, o que podemos compreender como a projeção neste passado, de disputas e de conflitos que estavam ocorrendo na época dos emissores destas narrativas, em busca de legitimação ou de ensejo para as lutas que travavam na contemporaneidade. Prosseguindo a respeito da negritude construída de Cleópatra, Bernstein ainda discorre que:

Esta teoria foi bastante difundida e recebeu grande visibilidade, particularmente nos meios culturais populares. Não apenas dando visibilidade a Cleópatra como negra, permitiu aos afro-americanos, reivindicarem como sua uma das mais célebres personalidades da História, entretanto, este elemento, fornece uma plataforma para criticar as tendências dominantes, derivadas de grupos hegemônicos na Cultura americana. Um bom exemplo deste movimento é o filme Cleópatra Jones, no qual, a protagonista é interpretada por uma mulher negra.⁸³

⁸² BERNSTEIN, Stanley M. **The Reign of Cleopatra**. Westport. Connecticut. London: Greenwood Press. 2004, p.69.

⁸³ BERNSTEIN, Stanley M. Idem., p.69.

Ao acessar o procedimento adotado no trabalho cinematográfico, sobretudo em Hollywood, Rafaela Souza, levanta a posição de que os embates observados, dentro e fora da academia, no sentido de conferir caráter étnico à representação trazida em torno da rainha, obedecem a critérios ideológicos e estéticos, vigentes criados no Século XIX, ainda mais discutidos no século XX. Na realidade, estes movimentos são a projeção no passado, de preconceitos e de pensamentos enviesados, da atualidade, uma vez que não há evidências de que as sociedades grega e romana, das quais a protagonista foi contemporânea, no Século I a. C, partilhassem destes pressupostos. E desta maneira, Renata Souza analisa que:

Se observa o desenrolar de um debate acerca da etnia da rainha na discussão de diferentes perspectivas que são adotadas com o propósito de legitimar discursos ideológicos, sem considerar o contexto social e político da época em que a protagonista viveu. Nesse sentido, as questões de raça, nacionalidade e etnia se confundem. O debate, então, não compreenderia as especificidades. Um exemplo citado pela autora é o fato de a questão racial ser relacionada a uma visão negativa da rainha pelos romanos. Ela seria negra e, por isso, mal vista pelos romanos, como governante/autoridade. O que constitui um preconceito da sociedade atual, e não há comprovação de que o mundo antigo compartilhasse desse preconceito.⁸⁴

1.3 Cleópatra, autores latinos e debate historiográfico.

Estas construções e dualidades refletem os conflitos atuais, ou seja, partem das sociedades e dos grupos que estão produzindo e coordenando/dirigindo a “película”, não propriamente das sociedades antigas, Roma, Grécia e Egito. A questão aqui, no entanto, reside no fato de que a narrativa em torno da protagonista tornou-se tão recorrente, que terminou por inscrever-se de forma perene no imaginário social, e este se reflete nas artes, em geral; no Cinema, em particular.

Este meramente reverberou o mito existente sobre Cleópatra, de um relato narrativo, textual, da Antiguidade, para um elemento imagético e móvel, característico do Século XX, cujo alcance é de grande escala, difundindo aos olhos do grande público e do homem ocidental médio (leia-se europeu e americano) a imagem de uma Cleópatra, representada por Elizabeth Taylor. Gregory Balthazar ressalta que, antes da chegada do cinema, o intenso esforço de escritores e cronistas, latinos e gregos, contribuiu de forma decisiva para a ascensão da protagonista, posto que:

Cleópatra desempenhou pelas circunstâncias, em que se atuou papel de grande relevância nas transformações políticas descritas na bacia do Mediterrâneo na segunda metade do primeiro século a.C. Nos quatro séculos posteriores a sua morte,

⁸⁴ SOUZA, Renata Soares de. *Cleópatra e o cinema Hollywoodiano na primeira metade do Século XX*. **Revista Mundo Antigo** – Ano III. V. 3, Nº 05, 2014, p.116.

escritores gregos e romanos, ao contarem o que hoje classificamos como uma seqüência de transformações de uma Roma republicana para o Império, impreterivelmente, mesmo que de maneira depreciativa, precisaram trabalhar com a figura da última governante egípcia. Foram justamente estes relatos, e o formato em que se deu sua transmissão, que deram a tonalidade de um mito milenar em torno a protagonista, algo refletido na própria produção científica acerca da história desta rainha.⁸⁵

Nesta linha de pensamento, verificamos que o Cinema é um canal de expressão de linguagens e representações subjacentes a um determinado grupo social, que constituiu, segundo Renata Souza, “*a relação possível, ou concretizada entre a imagem presente, referente a um passado distante e um objeto ausente, uma vez que este não pode ser alcançado, senão através de nossas projeções ou de relatos de terceiros*”⁸⁶.

Portanto, devemos considerar que o cinema tornou manifesto todas as representações as quais a sociedade atual tenta projetar sobre o passado, mas justamente por ser um passado idealizado, concebido para seguir um determinado modelo de civilização correspondente, não ao que a sociedade retratada realmente foi, mas sim, ao que foi dito anteriormente: a partir da película, projetam-se aspirações, conflitos, desejos, e outras idiossincrasias típicas da sociedade que está emitindo aquele discurso. Assim, podemos afirmar, sem qualquer dúvida, que os filmes que falam da Antiguidade em particular e do passado em geral, estão na realidade, versando sobre a época e a sociedade em que foram rodados, de acordo com as prerrogativas de Marc Ferro⁸⁷.

Sob este pressuposto, podemos afirmar que a memória de Cleópatra, constituída a partir de Suetônio, trouxe à tona o contexto social e político dos Estados Unidos da década de 1960, época em que aquele país passava por diversas transformações, com diversos grupos indo massivamente às ruas para reivindicar seus direitos, ante um *status quo* segregacionista.

Desta forma, a representação trazida de Cleópatra como uma mulher fatal que leva homens poderosos à ruína nos revela o eco de um discurso conservador, cujo desejo era deter ou reverter as transformações em curso, em todo e qualquer setor da sociedade, desde os costumes referentes à sexualidade, até à questão da segregação racial oficializada nas chamadas leis “Jim Crow”, em vigor, sobretudo em estados do Sul dos EUA.

Outro ponto a ser abordado aqui é a representação a respeito do outro, a questão da alteridade, prevista por José Maria Neto, visto que “*as vagas de egiptomania atingiram as costas das artes plásticas e da literatura com frequência; o cinema, entretenimento dos*

⁸⁵ BALTHAZAR, Gregory da Silva. **A(s) Cleópatra(s) de Plutarco: As múltiplas faces da última monarca do Antigo Egito nas Vidas Paralelas**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013, p.13.

⁸⁶ SOUZA, Renata Soares de. *Cleópatra e o cinema Hollywoodiano na primeira metade do Século XX*. **Revista Mundo Antigo** – Ano III. V. 3, Nº 05, 2014.

⁸⁷ FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

pobres iletrados, como de hábito sugou as modas advindas das grandes artes e também voltou seus olhos para o país do Nilo, e o fascínio que, por ventura, pudesse causar nos espectadores”⁸⁸. Podemos inferir que por trás dessa figura de um Oriente Próximo e de um Norte da África, como um ambiente fascinante, misterioso, havia também o estratagema de silenciar sobre a atualidade de um mundo colonial, que lutava por sua emancipação política, e que estas imagens se referem tanto a uma figura idealizada, quanto a um passado distante projetado no tempo presente.

Claramente sabemos que, para a confecção destes filmes, não foram considerados os contextos sociais, político e religioso da época em que a protagonista viveu. Nem mesmo o fato de Cleópatra ser sacerdotisa de Ísis é citado por eles, e, desta maneira, a retratam como sendo meramente “amante de Júlio Cesar” e última rainha do Egito. Na prática, terminam por reproduzir o silêncio de Suetônio a respeito deste assunto.

Isso revela, para Bazcko, que a produção cinematográfica pode se utilizar material fornecido pela história, porém, o que ela produz não é um trabalho historiográfico. Neste ponto, o autor aborda que:

um sistema de representações que reflete e legitima por seu turno, a identidade e a ordem social pretendida ou almejada pelo grupo emissor da mensagem, Também devemos considerar que uma comunidade instala também “guardas” do sistema que dispõe de técnicas determinadas de manejo dessas representações e símbolos (...) como resultado, vemos que via de regra, os riscos de se cometer anacronismo durante o ato de retratar a protagonista, são ignorados, e se aplica um vocabulário moderno para as sociedades antigas, especialmente para dar vazão ao ideário da época e do grupo social que produz o filme.⁸⁹

Esta sentença elucidada como a memória da protagonista foi apropriada de diversas formas, não com o objetivo de simplesmente retratar sua trajetória, mas com o intuito de legitimar e reforçar discursos e ideologias da época emissora ou produtora dos filmes. Assim, tomamos conhecimento das diversas construções realizadas sobre a figura de Cleópatra, ora configurando-a como uma mulher norte-americana, com grande *sex appeal*, e promotora de seu romance com Júlio Cesar, ora como um ícone da luta anticolonialista, símbolo da resistência do Egito à colonização por parte de Roma. Por fim, também como o esforço de resgate da negritude, ao se propor a configuração de uma Cleópatra negra, de ascendência egípcia, núbia, etc, como uma contraposição à chamada cultura eurocêntrica, um esforço de construção da autoestima e do capital simbólico dos afro-americanos, durante sua luta pelo estabelecimento de direitos iguais, em parâmetros legais.

⁸⁸ NETO, José Maria Gomes de Souza. *Deuses do Egito (2016): Uma narrativa filmica da civilização branca. Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 16, Agosto, 2019, p., 28.

⁸⁹ BAZCKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC. 1984, p.18.

Assim, vemos que o empenho de escritores financiados por Augusto, entre os quais estava Suetônio, implicou em fazer também com que a memória em torno de Cleópatra não desaparecesse. Entre as principais razões para este esforço, Shannon A. Bowen levanta que “tudo o que Augusto e seus tributários, declararam sobre Cleópatra, serviu especialmente para removê-la de seu lugar de poder, uma vez que desta forma, ele passou a ser o único detentor legítimo das riquezas egípcias”⁹⁰. Outro ponto que pode ser apontado também refere-se à questão da mobilidade e do alcance que Cleópatra obteve não apenas enquanto rainha, mas, sobretudo como Sacerdotisa, algo que Pasi Loman pontua pelo fato de o período helenístico no Egito, ter testemunhado, sendo:

um dos maiores processos de colonização e de circulação, sobreposição entre culturas, o que possibilitou a reformulação de padrões advindos da sociedade grega, tornando-os mais próximos de certa forma, da sociedade egípcia, onde mulheres haviam anteriormente, assumido o comando do território.⁹¹

Suetônio estava envolvido em um esforço de perpétuo resgate desta versão construída de Cleópatra, para que ao construir a trajetória da protagonista, esta não tomasse a primazia tanto como *persona* política, quanto como sacerdotisa, tal como podemos inferir em sua obra quando a protagonista é chamada a Roma por Júlio César⁹² e ele confere a seu filho, com Cleópatra, seu próprio nome. Suetônio reforça sua ponderação de a memória e a destruição da memória fazer prevalecer determinada versão do que é contado.

Sob este prisma, ele procurava tenazmente não abordar o fato de que a circulação do culto de Ísis dentro da sociedade romana, reflexo de seu expansionismo territorial, não se desejava que ela de alguma forma ascendesse, pudesse se inserir em outra instituição tida por sagrada para os romanos, como os laços de patronato e clientela, que na visão do autor, estavam sendo violadas pelas chamadas “*doações de Alexandria*” percebidas, como razões para a abertura do testamento de Marco Antônio, posto que “*ele tinha a vontade que Antônio tinha deixado por escrito em seu testamento em Roma*”⁹³.

Através das doações a protagonista recebeu o domínio ou posse de diversas regiões estratégicas no antigo Oriente próximo, consideradas vitais, devido sua posição estratégica e riqueza, Marco Antônio registrou as mesmas como herança para a protagonista, conforme

⁹⁰ BOWEN, Shannon A. **Finding strategic communication & diverse leadership in the Ancient World: The case of Queen Cleopatra VII, The Last Pharaoh of Egypt**. University of Portsmouth. Cogent Arts & Humanities. 2016. p.4.

⁹¹ LOMAN, Pasi. **Mobility of Hellenistic women**. Thesis submitted to the University of Nottingham for the degree of Doctor of Philosophy. 2004. p. 9.

⁹² TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. (No original em Latim, *De Vita Caesarum*). Cesar 52.2.

⁹³ TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. Augusto, 17.1. 2.

Suetônio declara, “nomeando seus filhos com Cleópatra entre seus herdeiros, abertos e lidos diante do povo”⁹⁴, o que denota sua busca pela disforização da protagonista, pelo fato de a protagonista assumir um lugar de poder que, a rigor, só poderia ser ocupado por um cidadão romano, patrício e profundo conhecedor das leis e da religião tradicional da *Urbs*.

Porquanto vislumbramos que o grande foco dado a Cleópatra se deva também ao fato de Suetônio, a considerar não como transgressora destas tradições, mas como beneficiária central. Fato esse que também foi silenciado por Suetônio, para não evidenciar a figura de Augusto, como promotor da última guerra civil da República, em Roma, imputada à protagonista a origem das dissensões vigentes dentro do patriciado como parte da crise iniciada com a ascensão dos generais em províncias criadas pelo expansionismo territorial romano. Fenômeno este, tornado um manifesto, quando Suetônio menciona as intervenções de Júlio Cesar na política de Alexandria, no tempo subsequente a sua chegada àquela cidade quando “tendo vencido a oposição da maioria do povo daquela polis, César fez uma tentativa através de alguns dos tribunais para através deles, dominar o Egito dado a ele por um decreto dos comuns”⁹⁵.

Nota-se aqui o empenho para suprimir em definitivo a influência do Egito, sob o culto de Ísis na sociedade romana, como medida para camuflar a presença do Culto de Ísis entre os romanos, bem como as particularidades contidas em especial, nesse culto, a despeito de sua origem estrangeira. E sobre isso, acrescentamos que mesmo diante de sua grande difusão, o culto não preservou suas características originais quando chegou aos territórios grego e romano. Ali houve diversas inovações, para além do sincretismo, que associava a deusa Ísis a importantes divindades gregas como Afrodite.

Tal como o verificado na Grécia, em Atenas, tais assimilações se deram em Roma, sobretudo começando a partir de estratos sociais inferiores, soldados e mercadores, posteriormente passaram também a se inserir entre indivíduos de grupo social ligado à política e, de forma mais direta, ao patriciado. Sendo um dos cultos orientais de mistérios, o Culto de Ísis não apenas se difundiu, mas obteve infiltração na sociedade romana e Petersen aborda o tema, informando-nos destes pormenores:

As explicações do significado de Ísis na sociedade romanas têm variado amplamente no passadas décadas. Em um extremo do espectro está uma tendência a colocar Ísis no meio da política manobras entre a elite romana. No outro extremo do espectro, Isis e elementos egípcios são apresentados como envoltos em mistério e exóticos, atraentes para os indivíduos fora dos círculos de elite que parecem ter tido uma

⁹⁴ TRANQUILO, Caio Suetônio. Augusto, 17.1.3.

⁹⁵ TRANQUILO, Caio Suetônio. Cesar, 11.1.

compreensão ingênua do Egito e dos poderes sobrenaturais da deusa. Nos dois extremos, o impulso é retratar Ísis como uma divindade não-romana.⁹⁶

1.4 Cleópatra entre o patronato e o matriarcado.

Nesse ponto, verificamos que, de forma tácita, havia uma interseção entre a autoridade exercida por Cleópatra sobre os territórios orientais, as doações feitas por Marco Antônio e a instituição do Patronato e da Clientela, uma vez que esta última, estaria sendo subvertida, à medida que, como Magistrado e comandante militar romano Marco Antônio concediam à protagonista, autoridade e controle de territórios considerados estratégicos para Roma, na Ásia Menor e no Antigo Oriente Próximo. Portanto Cleópatra estaria nesta situação se convertendo de Cliente a Matrona, convertendo o Patronato em “Matronato”, conjunção manifesta como ameaça à estabilidade e à continuidade do próprio estado romano enquanto constituído.

Lembrando da personificação do poder na sociedade romana perante as instituições que, até então, lastreavam o regime republicano, e a tradição pregressa da monarquia helenística formava-se um cenário que poderia favorecer, aos olhos de Suetônio, a ascensão da protagonista ao “posto” de principal governante da bacia do Mediterrâneo, ideia alimentada pelo fato de, em seu imaginário, o Oriente (aqui, incluindo o Egito e todos os territórios que tiveram soberanos helenísticos) representava a ameaça do exótico, do excêntrico, além de símbolo máximo da monarquia, sistema de liderança política que causava ojeriza ao patriciado, os *optimates*, representado no Senado, os quais não hesitariam em lançar mão de todos os recursos legais e extra-legais para deter a marcha.

Portanto, conforme pudemos vislumbrar Suetônio não desejava dar enlevo à mitologia construída em torno de Cleópatra, exatamente por isso, constituiu sua narrativa de forma a não atribuir a ela o cerne da autoridade do mundo antigo, a religião. Posto que somente Augusto poderia se destacar como sacerdote, superior e “dirigente” de todos os colégios sacerdotais, sobretudo como o novo soberano ao mesmo tempo romano e helenístico, este último para suprimir da história Cleópatra, enquanto representante do maior culto oriental de mistérios na sociedade romana, o que interessa especialmente a Suetônio, dado que esse era capitaneado e financiado pelo principado de Augusto, em um esforço por criar consenso em uma sociedade já marcada por guerras civis e onde as lideranças políticas reivindicavam a herança divina para referendar seus reclames.

⁹⁶ PETERSEN, Lauren Hackworth. **Places of Roman Isis: Between Egyptomania, politics and religion.** Oxford University Press. 2016, p.1.

Destarte, não seria estranho o fato de Suetônio não abordar essa questão, visto que, no parâmetro social da Antiguidade, na tentativa de se constituir uma cultura puramente romana não poderia haver espaço para a presença de cultos ou de formações políticas estrangeiras ou mesmo menção a esses elementos. Momigliano afirma que sob essas métricas: “*Augusto, procurou rechaçar a ideia da constituição de uma Monarquia sob Júlio César, seu tio e predecessor político, e substituiu esta narrativa, pela ideia da Monarquia helenística de Cleópatra como uma ameaça ao Regime Republicano*”⁹⁷, uma vez que como sacerdotisa, representava a mãe de Hórus, e por extensão, do deus-faraó no Egito, denominação que, em face do avanço do culto a Ísis em Roma, poderia pôr definitivamente em xeque a legitimidade do poder dos magistrados detentores do *Cursus Honorum*, ascensão dela própria ao poder na *Urbs*.

A nuance central deste discurso estaria não apenas em silenciar sobre a circularidade cultural, vigente no Mediterrâneo e sua ascensão sobre Roma, mas posicioná-la como o centro emissor e difusor da cultura e da religião, jamais como receptor de elementos culturais vindos do Egito, por exemplo. E Sarah B. Pomeroy reforça que a inexistência de hierarquia de gênero na sociedade egípcia, que propiciava o alcance ao poder por mulheres, foi vista como uma das ameaças embutidas entre as ‘novidades’ trazidas pelo culto a Ísis. Em relação a questões de poder, Pomeroy aponta que:

Em um nível mais elevado, algumas rainhas ptolomaicas brandiram com maior vigor, a legitimidade de seu poder, e do acesso a ele, do que qualquer mulher romana poderia fazê-lo de forma direta. Estas rainhas, de fato, exerceram o mesmo domínio que os reis. Gozando de status igualitário com os homens, para tratar dos mesmos assuntos, elas eliminaram a hierarquia de gênero durante um breve período na Antiguidade clássica, em especial no Egito⁹⁸.

Assim, vemos que essa construção torna elucidativa alguma das razões pelas quais obstinados a fazer desaparecer dos registros, ou não rememorar o lugar de poder que a protagonista detinha, e dentro desta estratégia, anular a inexistência da hierarquia entre os Ptolomeus no Egito, representados na figura de Cleópatra, a redução dela enquanto prisioneira e não como sacerdotisa, por isso, Suetônio discorre que Augusto “*havia muito desejado levar Cleópatra viva para desfilar em Roma durante seu triunfo pois a presença da protagonista, lhe permitiria sinalizar de forma mais evidente, o início da estabilidade e o final deste*

⁹⁷ MOMIGLIANO, Arnaldo. Syme, Ronald: **The Roman Revolution, Oxford. The Clarendon Press. 1939.** Relecturas. Rey Desnudo. Revista de Livros. Año V. N. 9. (Reseña publicada en *The Journal of Roman Studies*, Vol. 30, No. 1, 1940). Edição de 2016. p.216.

⁹⁸ POMEROY, Sarah B. **Women in Hellenistic Egypt.** From Alexander to Cleopatra. New York: Schocken Books. 1984, pp.18-19.

conflito contra o Egito”⁹⁹. Neste aspecto, podemos levantar o estratagema e o propósito de transformar em ruído, a presença de cultos estrangeiros, e as contribuições dos mesmos para a confecção das feições adquiridas pela *Urbs* enquanto cidade e “império”.

Este empenho em eliminar da cena principal de Roma tudo o que para o principado de Augusto não fosse romano, no entanto, esbarra, é claro, nas evidências materiais encontradas nos templos dedicados a Ísis em todo o território romano, em especial (como já mencionado), na própria Roma (*Iseum Campense*) e em Delfos, uma colina de Atenas. Apesar disso, ainda temos as evidências em estelas encontradas, que indicam a posição de Cleópatra enquanto sacerdotisa de Ísis, ou “*Ísis Nea Theodera*”¹⁰⁰.

Fato esse que descortina a existência da gestão da memória e de toda uma elaboração sobre o imaginário social¹⁰¹, político e cultural da sociedade romana, sobre a imagem que Suetônio ajudou a ensejar enquanto um espelho fiel de uma realidade, que ele próprio recebeu compartimentada de outros autores.

Sendo esse um dos pressupostos pelos quais Cleópatra acaba por ser uma personagem tão cantada e rememorada com insistência por cronistas latinos e gregos, mas sempre enquanto personagem secundária ou negativa da trajetória de homens poderosos em Roma, jamais como líder do culto a Ísis, uma vez que a lembrança de tal detalhe, potencialmente levaria ao questionamento da legitimidade das ações do principado de Augusto, porque poderia projetar não uma guerra de “libertação” do povo romano, como seus ideólogos preconizaram, mas sim um ataque direto à sacerdotisa, dando vazão, às condições propícias para uma divisão mais aguda da sociedade romana, com probabilidades da eclosão de uma nova guerra civil, motivada principalmente por fatores confecionais.

Ademais, como aponta Rebecca Flemming, o prosseguimento de uma religião que não fosse a oficial terminaria por gerar resistência ao domínio do principado posto que de forma permanente. A autora afirma:

⁹⁹ TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. Augusto 17. 5.

¹⁰⁰ Nos referimos a Imagem III.

¹⁰¹ Quanto à questão do imaginário, José D’Assunção de Barros, define-o como a sistematização de um universo complexo e interativo que implica a produção e circulação/difusão de projeções visuais, mentais e verbais, incorporando significações simbólicas diversificadas e atuando na construção de representações diversas, com efeitos políticos e culturais. Ele também se define, enquanto interface possível não apenas do campo das “representações”, mas também com o âmbito dos “símbolos”. Neste sentido, deveremos lembrar que é possível se falar em “simbólico” apenas quando um objeto, uma imagem ou uma representação é associado a uma dada realidade, idéia ou sistema de valores que se quer tornar presente e cuja atualidade é perenemente renovada, como reflexo da estratégia da construção de uma narrativa, neste caso, favorável ao principado de Augusto e à “pureza” da cultura romana (BARROS, José D’Assunção de. **Imaginário, mentalidades e Psico-história: Uma discussão historiográfica**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005. p.8)

quem estava servindo a Roma em províncias distantes da península itálica, pelo menos parte do corpo responsável pela manutenção de supremacia romana, de forma oficiosa, adotou cultos como o de Ísis, e também o difundiu, pelo império, e a religião egípcia, poderia operar como um fator de resistência ao próprio domínio romano¹⁰².

E dentro deste contexto, podemos aludir à autorização para o sepultamento da Protagonista e do Triumviro¹⁰³ Marco Antônio, na mesma Tumba, remetendo ao fato de que estes se apresentarem juntos como a *Nova Ísis/Afrodite* e o “*Novo Dionisius*” (no caso de Marco Antônio). Evento relatado por Suetônio, “foi concedida ao casal, a honra de sepultamento na mesma tumba, como reconhecimento por terem sido de fato, ele um romano, *nobilitas*, e ela descendente de Ptolomeu, um dos generais de Alexandre o Grande”¹⁰⁴.

A afirmação de Si Sheppard, a qual relata como a protagonista “*ordenou a construção de um grande mausoléu, destinado a ela e a Marco Antônio, estando este adjacente ao templo de Ísis, no qual, ela armazenou seus tesouros*”¹⁰⁵. Isso demonstra que a protagonista, *persona* intronizada pelo poder político e religioso, era ciente de sua importância não só para o Egito, mas para todo o Mediterrâneo. Segundo Bazcko,

monumentos como o Mausoléu construído em Alexandria, teriam por ofício, preservar o assento privilegiado que a protagonista, encontrou como estadista no campo simbólico demonstrando, o caráter certamente imaginário porém não ilusório destes bens tão protegidos, como os emblemas do poder, os monumentos erigidos para sua glória, os signos do carisma do líder, entre as quais, a titularia sacerdotal e a construção de uma Tumba, que pode inclusive, remeter ao procedimento de seus predecessores na era faraônica¹⁰⁶

Com os referenciais em vista, podemos entrever a atuação do universo mental e simbólico em que Suetônio produz o ruído em torno de qualquer referência ao Culto a Ísis e sua ligação com Cleópatra, ao visar manter sob controle as tensões latentes no campo religioso, principalmente em relação aos reflexos da circulação do culto a Ísis entre os romanos, procurando criar ao mesmo tempo uma relação de solidariedade entre os patrícios em oposição a posição de poder da protagonista. Também Marc Ferro evoca como indicio de sua parcialidade, ao afirmar de forma categórica que:

¹⁰² FLEMMING, Rebecca. **Roman Religion: Identity and Empire**. History Part II Special Subject: History Part II: Subject A, in: ERSKINE, Andrew (Ed.). **A companion to the Hellenistic world**. John Wiley & Sons, 2009. p.1.

¹⁰³ Neste caso, trata-se do Segundo Triunvirato, formado por Lépido, Marco Antônio e Otaviano Augusto, que assumiu e dividiu o poder em Roma em 40 a.C, logo após a morte de Julio Cesar. Dado que **Si Sheppard** indica como mais uma tentativa de encerrar as tensões desencadeadas pelo assassinato do Ditador. SHEPPARD, Si. **La battaglia di Azio, 31 a. C. La caduta di Antonio e Cleopatra**. Roma: 2009 p. 6.

¹⁰⁴ TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. Augusto 17. 6.

¹⁰⁵ SHEPPARD, Si. **La battaglia di Azio, 31 a. C. La caduta di Antonio e Cleopatra**. Roma: 2009, p. 88.

¹⁰⁶ BAZCKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC. 1984, p.16.

são poucos os escritores Latinos que (...) não tenham estado a serviço do Principado de Augusto, do Estado romano, ou de um segmento da elite romana, (...) e que conscientemente ou não, não tenham sido ministros do *Princeps* ou combatentes de sua causa.¹⁰⁷

Inserido nesse contexto, explica-se o formato da imagem que predominante até hoje temos da protagonista, em que operaram, de forma perene, persistente e por longa data, o que denomina se como *Aparelho ideológico do Estado*, porém a serviço do principado de Augusto e de sua *gens*. A estratégia de silenciamento a respeito do aspecto religioso de Cleópatra tinha conexão com a busca da estabilidade interna em Roma, diante da disputa entre Augusto e Marco Antônio, este último aliado de Cleópatra, e da busca da legitimação da instauração de uma monarquia (elemento que remetia ora ao passado primário de Roma, ora ao helenismo), sob a capa da continuidade da República. Some-se a isso, a contribuição continua dada a esta memória e suas diversas apropriações, por artistas das eras Moderna e contemporânea. Elementos tornados presente até o século XX pelo Cinema e pela poesia.

Imagem 4 - Estela em grego



Mostrando Cleópatra/Isis e seu filho *Cesarion*/Horus, configurando a condição da protagonista como Sacerdotisa. Artista desconhecido. 51 bC Fonte: Museu do Louvre. Paris (E27113).

¹⁰⁷ FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra. 2010, p.26.

Como consequência, o que em geral chega até nós, ou se torna mais acessível, de forma intrínseca e extrínseca, os elementos discursivos, efetuados pela protagonista, e sim a visão *imposta* por Roma sobre seu papel desempenhado junto a política romana. Discurso que embasa ações que visam à eliminação sistemática pela extinção da presença de Cleópatra enquanto sacerdotisa perpassa também a marginalização mais ou menos violenta de culturas vista como uma ameaça, dentro do território romano. O cenário, há pouco descrito, aponta para a sombra da *hegemonia* da modalidade de culto e de elementos culturais indicados como puramente romanos, para retomar o *mos maiorum* e as antigas tradições da Urbs.

2 CLEÓPATRA NO CONTEXTO ROMANO: ENTRE A REPÚBLICA E O PRINCIPADO.

Considerando o panorama do que vimos a respeito de Cleópatra como uma das principais, senão a principal mola propulsora da ideologia constituída em torno do principado em Roma. Desvelamos o cenário político e social na *Urbs* que propiciaram ou impeliram generais e magistrados romanos a se dirigirem ao Egito. Observamos o cenário social dos séculos II e I a.C, bem como a progressiva deterioração das relações estabelecidas nos laços tradicionais que até então haviam guiado o regime republicano. Laços que favoreciam a projeção do poder pessoal dos generais, uma ameaça nascida da própria política expansionista romana, que combinada com a lealdade anterior das legiões a seu general, não ao Senado e à República, resultou na destruição da República, enquanto instituição viável do ponto de vista político e religioso, diante dos acontecimentos verificados nesse período, de violência social crescente entre grupos de cidadãos.

O contexto referido, o trânsito da República para o Principado, revela a forma como a protagonista pode ser notada como um ponto “não previsto”, resultante das crises pelas quais passava a sociedade romana, também à egípcia, porque em ambos os casos imperava a atmosfera do *agon*, da disputa pelo poder, entre magistrados dentro da *Urbs* e dentro da família real egípcia, os Ptolomeus, entre Cleópatra e seu irmão Ptolomeu XIII. Entretanto, ao tecer a narrativa a respeito da protagonista e de sua interação com Roma, Suetônio empreendeu todos os esforços para não conferir a Cleópatra qualquer *autorictas*, ou *dignitas* enquanto sacerdotisa.

Guerras civis, saques, entre outros distúrbios, os cultos tradicionais, presos a fórmulas e procedimentos rígidos mostraram-se incapazes de dar uma resposta à altura das angústias que afligiam a população romana, tanto nas cidades, quanto no campo. Daí, ter se verificado o avanço crescente de cultos orientais de mistério, cujo principal expoente foi o culto a Ísis.

O contexto referido, o trânsito da República para o Principado, revela a forma como a protagonista pode ser notada como um ponto “não previsto”, resultante das crises pelas quais passava a sociedade romana, também à egípcia, porque em ambos os casos imperava a atmosfera do *agon*, da disputa pelo poder, entre magistrados dentro da *Urbs* e dentro da família real egípcia, os Ptolomeus, entre Cleópatra e seu irmão Ptolomeu XIII. Entretanto, ao tecer a narrativa a respeito da protagonista e de sua interação com Roma, Suetônio empreendeu todos os esforços para não conferir a Cleópatra qualquer *autorictas*, ou *dignitas* enquanto sacerdotisa.

Um cenário político de concentração de poder em torno de determinadas personalidades, decorreu de medidas como as de Sulla, quando se permitiu que pessoas “sem cabedal” participassem das atividades militares; posteriormente recompensado com pedaço de terra nos territórios conquistados, algo muito visado pela plebe, que devido à constante apropriação de terras pelos patrícios, representados no Senado cujo estatuto de propriedade se lastreava na religião, posto que o túmulo dos deuses *manes* ou *lares* se tornava propriedade da família, em “status” irremovível e intransferível, sagrado para o patriciado romano, para quem a política de expansão territorial tinha, entre suas metas, auferir a resolução de problemas sociais existentes na *urbs*, para tanto, transferiam-se os ditos indesejáveis para longe da cidade.

Por isso, temos em conta a relevância da magnitude das transformações ocorridas a partir da própria expansão romana, em especial, após as Guerras Púnicas. Daí decorrem-se contatos mais frequentes e intensos no mundo helenístico, que em conjunção com a permanente crise interna, sanada através do afluxo de recursos vindos de fora, como o caso da produção agrícola do Egito, que em conjunto com refurcos afluindo da Ásia Menor (região do Mar Negro) e da Hispania (Península Ibérica), eram insumos necessários para suprir as cidades e as legiões romanas.

Este tópico se reflete na forma como se deu a aceitação do culto a Ísis em Roma, ponto em que se verifica a instabilidade ou inconstância da política romana em relação ao culto, ainda que estivesse Isis assimilada ou equiparada a uma das principais deidades romanas, a deusa Vênus, progenitora da *gens* Julia, integrada entre os quais, não só por Júlio César e Marco Antônio, mas também o próprio Otávio Augusto. E desta perspectiva, Perikles Christodoulou ressalta que, de início, o fenômeno abordado foi:

O complexo processo de aculturação religiosa no Império Romano, levou a uma rica diversidade, e a progressivas transformações, nas práticas e percepções culturais. Cultos estrangeiros eram admitidos para tomar seu lugar no panteão romano e progressivamente adquiriram especial e singular importância. Este é o caso *inter alia* do culto isíaco, que principalmente a partir de meados do século III a. C, começou a se difundir no mundo grego e se desenvolveu na Itália, provavelmente durante o século II a.C. Estes devem ter chegado a Roma por volta do ano 100 a. C, porém entraram em contato com medidas repressivas e a oposição em várias ocasiões no período entre 59 a. C e 19 d. ¹⁰⁸

Essa instabilidade se refletiu no Senado, onde o culto a Ísis foi inicialmente banido por influência de Augusto, não somente para tentar apagar a memória em torno de Cleópatra, mas

¹⁰⁸ CHISTODOULOU, Perikles. *Sarapis, Isis and the Emperor. Romanising Oriental Gods; Religious transformations in the Balkan provinces in the Roman period. New finds and novel perspectives. Proceedings of the international symposium.* September Skopje, 2015, p. 168.

também por entender que a memória dava acesso às famigeradas práticas mágicas, as quais concorriam com a religião oficial, que Augusto pretendia implementar como única dentro da sociedade romana, portanto, livre da influência de quaisquer cultos estrangeiros, pelo menos presumivelmente.

Deste modo, visualizamos a presença de Cleópatra em Roma como uma das principais personagens do ocaso da República e da emergência do principado, dado que a confluência entre a política expansionista romana, em busca de recursos para anestesiar seus possíveis terremotos sociais, legados pela combinação entre a apropriação de terras conquistadas pelos patrícios, com a retirada da mão de obra de camponeses de suas terras, incluem-se aqui, aqueles que as perderam por dívidas e a oferta tentadora de generais em campanha, que potencialmente dariam um pedaço de terra aos camponeses expropriados longe da *urbs*.

Dada a concentração populacional em Roma e a movimentação constante de legiões neste período da História romana, o abastecimento ininterrupto da cidade e das tropas era imprescindível. Nesse contexto, também se insere o Egito, onde Cleópatra, à frente como governante e regente, tanto que ciente deste cenário, procura negociar com Roma o apoio para se sustentar no trono, frente às disputas por poder no seio dos Ptolomeus.

Em torno desta necessidade e da procura pela estabilidade em Roma, após mais uma guerra civil, e da pregressa relação estabelecida entre Ptolomeu XII Auletes (pai de Cleópatra) e Roma, vemos a chegada de Cesar ao Egito, não apenas em busca de Pompeu, mas principalmente no intuito de assegurar aquele território como através de um soberano aliado, que ali não abrisse margem a distúrbios e revoltas, que terminariam por prejudicar Roma. Acerca disso, Prudence Jones declara sobre o início do relacionamento entre Cesar e Cleópatra que:

Quando de sua chegada ao Egito, entretanto, Julio Cesar, procedeu com precaução, restando-se de tentar converter aquele território em província romana. Ele teria conquistado o país, devido ao conflito interno entre Ptolomeu XIII e Cleópatra, e Roma teria sido beneficiada pela abundante produção agrícola egípcia. Porém, havia nesta fartura, a representação de um risco: que estava, (...) utilização dos recursos do Egito por um governador ou regente para desafiar ou rivalizar com o *stablishment* romano.¹⁰⁹

Assim, localizamos a protagonista como uma figura que emerge em relevância, à medida que tomamos ciência da estreita relação entre as redes de conectividade que ligavam todo o Mediterrâneo, desde o Século II a.C, da importância do Egito para Roma, e da projeção que o culto a Ísis adquiriu em território grego e romano, inserido entre os “cultos orientais de mistérios”. O foco dado a ela, por Suetônio, Plutarco e Dion Cassio, indica que sua grandeza

¹⁰⁹ JONES, Prudence J. **Cleopatra: A Sourcebook**. Oklahoma Series in Classical Culture. 2006, p.46.

era muito maior do que se supunha, bem como expõe a tentativa do principado de Augusto de eclipsar a memória da mesma, para inseri-la como personagem secundária, em prol do engrandecimento da figura do próprio *princeps*.

Este empenho em apagar dos registros e relatos a condição de Cleópatra, enquanto sacerdotisa e portadora de um status legítimo de poder, poderia ser explicado também como a estratégia adotada para aplacar os ares das guerras civis que reiteradamente emergiram durante todo o período da história romana nos séculos II e I a.C, tal como Mary Beard elucida, uma vez iniciados na península itálica, irradiavam seus efeitos por todo o mediterrâneo, ao identificar que:

A Guerra civil que eclodiu em seguida, da qual Cesar e Pompeu, aliados de outrora, eram agora comandantes rivais, espalhou-se pelo mundo mediterrâneo. Os conflitos internos de Roma não se restringiam mais à Itália. A batalha decisiva foi travada na Grécia central, e Pompeu, acabou assassinado no Egito, decapitado por alguns egípcios que o traíram.¹¹⁰

A abordagem postada evidencia como a situação política de crise permanente em Roma se espalhou ao restante do Mediterrâneo, e como a mesma situação de crise, na qual assassinatos e proscrições se tornaram regra, favoreceu a ascensão de Cleópatra como *persona* decisiva para a instauração do equilíbrio social e de certa tranquilidade em Roma, além de acelerar a propagação e infiltração do Culto a Ísis em território romano, em consonância com o visto anteriormente, a própria situação de crise, para a qual a religião tradicional (apegada a formulas e procedimentos descritos nos livros sibílicos) não fornecia respostas, favoreceu o crescimento dos cultos orientais de mistérios.

Sendo assim, a presença dos cultos era um dos focos que o principado de Augusto tentava combater em Roma. A imagem de Cleópatra remete de forma perene aos cultos e à influência helênica e oriental dentro da sociedade romana estimularia as famigeradas práticas mágicas e propiciaria novas sedições, divisões e conflitos no seio da *urbs* romana, algo, que os autores antigos estavam obstinados a evitar. Isso explana em parte que Cleópatra não representava apenas o Egito, mas trazia consigo, no imaginário romano, todo o legado de Alexandria, bem como o culto de Ísis e do helenismo, o que o principado de Augusto, reiteramos, via como uma das principais ameaças à estabilidade romana. Joana Clímaco levanta como, uma das principais causas:

O crescimento brutal de Roma gerou certa crise com relação a sua identidade, e um apego ao *mos maiorum* criado e estabelecido de maneira artificial fora uma tentativa de barrar o que vinha de fora. Tal tendência se fortaleceu ainda mais com as políticas moralizantes de Augusto. O debate sobre a ostentação e a censura em

¹¹⁰ BEARD, Mary. **Uma História da Roma Antiga**. São Paulo, Editora Planeta, 2017, p.215.

relação às riquezas dos Ptolomeus se insere nessa sociedade em transformação que caracterizou o fim da República (...). Como em um jogo de espelhos, a Alexandria de Cleópatra era uma espécie de reflexo ampliado de tudo que se tentaria combater em Roma, e, através do “outros”, certos traços da própria Roma se evidenciavam. Portanto, visualizar tal imagem com nitidez era motivo de incômodo.¹¹¹

Portanto, ao receber o afluxo de informações referentes à protagonista, temos de nos ater sobre o peso que o contexto em que seu deu sua produção e a forma como Suetônio (para não falar de Dio Cássio e Plutarco) considerava o que descrevia sempre, pela ótica do Principado, como “inovações perigosas” ou “anomalias”, elementos exógenos, vindos da cultura grega/helenística e egípcia, o que nos permite deduzir que Cleópatra estava presente na história romana em tal projeção, segundo eles, como o reflexo dos contatos no Mediterrâneo, resultante tanto da expansão territorial romana, quanto da assimilação e difusão do culto a Ísis entre a sociedade romana.

Cientes de que Augusto, como herdeiro do divino Júlio (assim descrito por Plutarco *Divus Julius*), desejava projetar também para si uma aura divina, temos em vista, uma das bases de sua obstinação em eclipsar qualquer atividade religiosa da protagonista, tal como o registrado em determinadas cidades da Ásia menor (e não apenas em Roma).

Entre as evidências trazidas para este apagamento, estão o fato de Cleópatra e Marco Antônio terem recebido saudações divinatórias, quando de sua estada em cidades gregas da Ásia Menor, algo que não passou despercebido por Augusto e seus apoiadores, e que Ben. R. Crenshaw descreve, a seguir, como um sintoma do reconhecimento divino, conferidos à protagonista e ao magistrado romano:

Os escultores atenienses puderam representar Antônio como Osíris/Dionísio, enquanto Cleópatra foi retratada com Isis/Selene, e escultores construíram estatuas do casal, constituídas, á semelhança de deidades e localizadas na Acrópole. No interior do contexto helenístico, cujos expoentes e governantes eram saudados á semelhança de deuses sobre a Terra, isso deixa claro que as cidades asiáticas consideraram Antônio e Cleópatra como divindades manifestas.¹¹²

Mesmo assim, temos evidência de que apesar da força do discurso romano em torno da construção da figura de Augusto como foco da História Romana na transição da República para o Principado, houve de forma subjacente influência da existência no culto a Ísis, no estabelecimento do culto ao *princeps*, além de estar presente na forma como Augusto estruturou a retórica e a narrativa, além da máquina administrativa romana, para ter a si

¹¹¹ CLIMACO, Joana de Campos. *A Alexandria antiga refletida pelo olhar romano*. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**. São Paulo,. 2013, p.161.

¹¹² CRENSHAW, Ben. R. **Roman Emperor Worship and the New Testament**. A Thesis Presented to The Faculty of Denver Seminary: Denver, 2017, p.50.

mesmo como o centro dela. Para fazê-lo, no entanto, ele recebeu tributo da estruturação existente neste culto, segundo:

É evidente assim, que como uma sacerdotisa, de Serápis e Isis é também envolvente. Em qualquer evento, a menção de Serápis e Ísis, próximo de ideias de Agripina sugere uma ligação entre o culto da família imperial e o culto isiaco.¹¹³

Todo este cenário religioso que repercutiu, mesmo por décadas após o fim de fato da República em Roma, refletia os temores existentes a respeito daquele período de crise que originou a chamada Guerra social (*Bellum Sociale*), em curso desde à ditadura de Sulla, no século II A.C, reflexo da expansão territorial romana, dos intensos fluxos comerciais, dado que Roma dependia de recursos como a produção agrícola e o fluxo tributário de outras regiões do Mediterrâneo, para manter em equilíbrio suas massas que emigraram do campo, devido ao confisco de terras pelos patrícios, os quais se apropriavam até mesmo das terras conquistadas durante esta expansão. Fato que mudou quando da integração dessas massas aos exércitos romanos, sob a promessa de adquirirem terras nas áreas conquistadas longe de Roma.

Tal panorama, sucita, a imbricação entre a religião e política na construção da fala e dos silêncios de Suetônio e outros autores latinos e gregos, na medida em que ampliamos o espectro da observação em torno de Cleópatra, e indicamos todo um contexto de circularidade cultural e de relações de poder que a protagonista trazia consigo, elemento que para Jean-Pierre Berthet seria:

O que é mais surpreendente no final é a capacidade de se relacionar em uma narrativa condensada tanto uma exploração tão longa e tantas terras cruzadas. Como iluminação, alguns arranjos com as perspectivas foram adotados por Marco Polo, a fim de oferecer uma visão de toda aventura, se não único, pelo menos extraordinário¹¹⁴

As constantes proscricções e perseguições ocorridas em decorrência da crescente e incontornável animosidade, levaram a assassinatos de rivais políticos, mortos por outros cidadãos, como algo recorrente na política romana, comprometendo os lações de patronato e clientela, atitudes que só eram tomadas até então, contra inimigos estrangeiros. As diferentes facções (ou *partes*) radicalizavam seus discursos a ponto de criar uma situação de permanente tensão no seio da própria cidade de Roma, com choques frequentes (físicos e discursivos), entre os representantes das famílias tradicionais e os grupos emergentes, também

¹¹³ CHISTODOULOU, Perikles. *Sarapis, Isis and the Emperor. Romanising Oriental Gods; Religious transformations in the Balkan provinces in the Roman period. New finds and novel perspectives. Proceedings of the international symposium*. Skopje, 2015, p.182.

¹¹⁴ BERTHET, Samuel. *La découverte de l'Asie*, par Samuel Berthet. [samedi 10 novembre 2012] Pierre Racine Marco Polo et ses voyages, Paris: Perrin, 2012, p. 3.

denominados *nobilitas*, entre os quais se incluem Júlio Cesar e Marco Antônio, sendo Cícero, um representante notório do primeiro grupo.

Por isso, com base neste panorama e no que escrevem autores como Geza Alföldy¹¹⁵, a respeito da História Social de Roma, o contato com o Egito de Cleópatra representou a busca pela retomada do equilíbrio dentro do Mediterrâneo, a partir de interesses recíprocos entre os magistrados e políticos em Roma, e Cleópatra, como a integrante mais proeminente da dinastia Ptolomaica. Assim, para projetar a relevância dada a Cleópatra, como reflexo do peso do Egito para Roma, tem a observação de John Lobur, que destaca como Augusto arguiu contra Marco Antônio, descrevendo que:

Seu rival, supostamente mais interessado em agir como um potentado oriental, e muito sob a influência indecorosa de alguém de verdade (rainha Cleópatra), pode ter triunfos em Alexandria e desejar ser enterrado lá. Otaviano, de trinta anos, por outro lado, usou sua capacidade de magnificência helenística para demonstrar seu compromisso com Roma e os modos romanos.¹¹⁶

2.1 Fronteira ocidental: Diversidade cultural ou cultural e crise identitária.

Sendo isso, uma das premissas levantadas pelo Principado de Augusto, para atacar de forma aberta Cleópatra, a expoente máxima do caldo de cultura oriental e helenística e depois Marco Antônio, seu subordinado, pela subversão à dinâmica da relação de patronato e clientela, na qual, o Patrono, sendo cidadão romano, estaria à frente de todas as decisões políticas, jurídicas e religiosas, como sacerdote supremo, senão em Roma, perante o Senado, ao menos em sua região de influência ou atuação.

Nas versões propaladas pelo Principado e seus asseclas, a protagonista, por sua posição enquanto governante do Egito (o território chave para a sociedade romana na época), e sacerdotisa do culto a Ísis, subvertia e invertia o protagonismo de magistrados romanos, o que culminaria com a transferência da capital da República, da própria *Urbs* em Roma, no Lácio, para as margens do Nilo, em Alexandria, expoente máxima do helenismo. Nessa acepção, o monopólio da produção da documentação textual se revela um dos instrumentos centrais de poder e reflete o conceito embrionário do orientalismo, pelo qual parte do patriciado romano veria Cleópatra. Segundo Edward Said, “o poder de narrar, ou de impedir

¹¹⁵ ALFOLDY, Geza. **História social de Roma**. Alianza Editorial. Madri: 1987.

¹¹⁶ LOBUR, John Alexander. **Consensus, Concordia, and the formation of Roman Imperial Ideology**. Routledge Taylor & Francis Group. New York; London: 2008.

*que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”*¹¹⁷.

A inferência trazida por Said, nos leva a deduzir a respeito da existência de uma divisão geográfica entre sociedades, cujo reflexo se fazia presente na desconstrução da mesma, trazida pela presença do Culto de Ísis nas sociedades grega e romana, indo “além das barreiras de Alexandre, tanto no sentido geográfico e ainda delineando para a Europa Ocidental as fronteiras de um mundo conhecido herdado da antiguidade”.¹¹⁸

Tendo em vista que em um momento de consolidação do domínio do *principis* sobre um território que incluía, sobretudo, regiões onde por longa data vicejou o helenismo, traço cultural que não poderia ser suprimido, mas que deveria ser adotado, como uma estratégia para interagir de forma mais palatável com as elites regentes dessas regiões, de modo que o domínio romano, como novidade, não trouxesse perturbações ao fluxo comercial e de tributos, tão necessários à manutenção da paz no centro do Império, no intuito de corroborar a posição de Augusto, enquanto favorecido dos deuses.

Por consequência, A. Sherwin White descreve esta nova ordenação em uma sociedade com dois idiomas, o Latim e o Grego, sendo este último falado em duas ocasiões: primeiro como o grego *Koiné*, idioma dos Patrícios, quando não queriam restringir a seu próprio grupo social os diálogos, e também o idioma franco e dominante em todos os territórios onde houve domínio helenístico, durante toda a vigência da hegemonia romana, (reforçado no período Bizantino), ou seja, durante este período:

O império Romano era uma terra de duas culturas, sobrepostas por extrato social e região geográfica, resumida pela frase “nossas duas línguas”. A civilização helênica espalhava-se pelas terras orientais, a partir da Grécia, em período anterior à conquista romana, visível no contexto abordado de forma mais contundente na atuação de Cleópatra e da influência grega tão apregoada sobre a cultura romana, visível no culto a Ísis, notadamente pela ação de Alexandre o Grande. Sob o domínio de Roma, esse helenismo intensificou sua preponderância na região da moderna Turquia, Síria e Egito.¹¹⁹

Dessa forma, vemos, de forma reiterada, que Cleópatra representava muito mais do que uma simples rainha ou amante de magistrados romanos. Com ela, vinham todas as longas tradições egípcias, agora sob o helenismo, o fortalecimento de um culto considerado estrangeiro em Roma, o Culto a Ísis, e por fim, o enaltecimento de Alexandria, bem como das famigeradas práticas mágicas, cuja aceleração se deu em virtude da associação de Ísis com

¹¹⁷ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Editora Companhia das Letras: São Paulo. 1993, p.3.

¹¹⁸ BERTHET, Samuel. **La découverte de l'Asie**, par Samuel Berthet. [samedi 10 novembre 2012] Pierre Racine Marco Polo et ses voyages, Paris: Perrin, 2012. p.1.

¹¹⁹ SHERWIN-WHITE, A. N. **The Roman Citizenship**. 2d ed. Oxford: Clarendon Press, 1973, p.81.

deidades femininas lunares, quando de sua assimilação na Grécia, sobretudo em Atenas, conforme salienta Pachis¹²⁰.

Esse último aspecto, não dito e não declamado, subjaz entre as razões mais prováveis para o silêncio de Suetônio em torno do sacerdócio de Ísis pela protagonista e das reiteradas tentativas de reduzir seu papel nas narrativas construídas sob a ótica romana: o a de amante sedutora e voraz, cuja meta é a simples manutenção do poder.

Todas as narrativas derivadas do esforço executado pelo principado de Augusto, segundo Rafaela Vieira, a respeito da protagonista, se deram em longo prazo e de forma persistente, e indicam que se tentava colocar um véu não apenas no fato de que não havia em Roma a restauração do regime republicano, mas sim o retorno da monarquia, sob uma capa republicana, o que denominamos de principado, e que este precisava se posicionar enquanto restaurador das tradições e costumes (o *Mos Maiorum*), dos primórdios romanos¹²¹.

Portanto, Suetônio, como escritor patrocinado pelo Principado de Augusto, não poderia mencionar ou rememorar o fato de Cleópatra, uma personagem de tamanha vultuosidade na história romana do período, uma vez que isso remeteria ao fato de que as práticas mágicas estavam disseminadas dentro da *urbs*, visto que estas eram mais acessíveis à Plebe e aos não integrantes das famílias tradicionais, cujos cultos se voltavam às deidades tradicionais, como objetiva Coulanges, em seus estudos¹²².

Dessa forma, evidencia-se a construção de mitologias capazes de amalgamar toda a sociedade, sobretudo a Plebe e os grupos que se amontoavam nas cidades romanas, fruto das expropriações de terras e das guerras civis predecessoras ao estabelecimento do principado. Para tanto, evocar a existência de práticas mágicas, através do culto a Ísis, na figura de Cleópatra, além de enobrecer a memória e a imagem dela, traria à tona divisionismos internos que haviam conduzido ao mais excruciante espetáculo das guerras civis, desde o século II a. C: criação de *factiones* e assassinatos de cidadãos por disputas políticas que atravessavam a religião e usavam-na para fundamentar suas reivindicações de autoridade e comando¹²³, como nos designa Norbert Roland.

Por conseguinte, se fazia necessário promover uma relação positiva entre a cidade e os deuses, para a promoção da chamada *Pax Deorum*, cujos parâmetros deveriam ser mantidos,

¹²⁰ PACHIS, Panayotis. “**Manufacturing religion**” in the Hellenistic Age: The case of Isis-Demeter Cult. Aristotle University of Thessaloniki. 2009.

¹²¹ Tal como afirma o levantamento de Rafaela Cristine de Moraes Vieira, em *A Propaganda Augustana e a Imagem de Cleópatra VII: Poesia e ideologia no Século I a.C.* Rio de Janeiro. 2012.

¹²² COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Martin Claret Editora. São Paulo: 1979.

¹²³ ROULAND, Norbert. *Roma, Democracia Impossível? Os agentes do poder na urbe romana*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1997.

dentro do que ordenava o *Princeps*, a partir do momento definitivo em que se tornou, de fato, “o primeiro entre os cidadãos”, fato que Andreas Bendlin levanta e reforça, a seguir:

Além disso, algumas vezes é afirmado que o objetivo principal de toda prática ritual romana, pelo menos no domínio público, era manter uma relação correta, ainda que um tanto legalista, entre o povo romano (ou, sob o Império, o imperador e o povo romano) e seus deuses, garantindo assim um equilíbrio às vezes chamado de *pax deorum* (“paz dos deuses” ou “paz com os deuses”). Enquanto os romanos mantivessem escrupulosamente seu lado do “contrato”, os deuses se apegariam a eles. Deles e apoiar Roma.¹²⁴

Verificamos de forma mais detida sobre o fato de Cleópatra não ser mencionada enquanto sacerdotisa de Ísis também integra o meandro das estratégias de silenciamento, mas de um silêncio seletivo, subentendo que a protagonista, na visão dos romanos, representava, ou melhor, trazia consigo não apenas o fausto e o luxo oriental, mas também a projeção de um poder helenístico sediado em Alexandria, que poderia sobrepujar a latinidade do Rio Tibre, elemento que, de longa data, fascinava a sociedade romana.

Sob esta ótica, Laurent Bricault destaca que inclusive a conquista ou captura do Egito por Augusto, após a batalha de *Actium* em 30 a.C, foi retratada, como mais uma tarefa absolutamente necessária, para possibilitar ao *princeps*, a estabilidade interna a sociedade romana. O autor argumenta que:

Em geral, Augusto parece não gostar do Egito, e ele usou seus símbolos apenas para mostrar o domínio de Roma sobre o antigo reino faraônico: 48 testemunhos dos famosos burros de Nimes com o crocodilo acorrentado (pl. 10, 12) e 49 denários com a legenda AEGVPTO CAPT.¹²⁵

Parece-nos que o contexto guarda relação com a tentativa de silenciamento não apenas da presença dos chamados Cultos Orientais de Mistérios, entre os quais se destacava o Culto a Ísis, mas também envolve um esforço para afastar as evidências da defluência grega (helenística) sobre a cultura romana, conforme observado por Michael Grant, como um processo de helenização de Roma, posto que:

Este processo de helenização de Roma veio apenas no momento em que Roma estava desenvolvendo sua própria genuína literatura com o dramático Plautus, o poeta épico, Q. Ennius, o primeiro historiador romano, Q. Fabius Pictor(...) era distintivamente romana, entretanto, alguns romanos assustados com os valores trazidos pela cultura grega teatralizada para solapar as características essenciais daquilo que era ser romano.¹²⁶

¹²⁴ BENDLIN, Andreas. **Religion at Rome In: Social Complexity and Religion at Rome in the second and first centuries BCE**. Thesis, Faculty of Literae Humaniores, University of Oxford, 1998, p.194.

¹²⁵ BRICAULT, Laurent. *The Gens Isiaca in Graeco-Roman Coinage*. **The Numismatic Chronicle 175**. London The Royal Numismatic Society. 2015, p.89.

¹²⁶ GRANT, Michael. **The world of Rome**. Cambridge University Press; 1st Edition Edition, 1997, p.24.

A presença de Cleópatra em Roma, a convite de Cesar, com todo o fausto envolvido e aferido durante sua visita, simbolizava para o escol romano, a um só tempo, o fascínio de toda a sofisticação e o refinamento resultantes da mescla (fusão) de elementos culturais gregos e egípcios, cuja presença na sociedade romana estava no culto a Ísis, dada a sua relação próxima, tanto do culto, quanto da protagonista, do qual era sacerdotisa, e, também a visão deste elemento como uma ameaça à essência da latinidade e romanidade, bem como do risco da ascensão de um oriente que tinha todas as condições para rivalizar e até sobrepujar a *Urbs* no Lácio. Isso fica patente quando observamos o relato de Suetônio sobre a ida da protagonista a Roma, já que Cesar, “*a chamou para ir a Roma e não a deixou sair de lá, até lhe carregar com altas honras e presentes ricos*”¹²⁷.

Essa atitude tanto nos transparece o reconhecimento da dignidade da protagonista frente às autoridades em Roma, quanto à manifestação do incremento definitivo do poder pessoal como a bússola central das relações de poder, cuja tradução, posteriormente poderia, ser descrita, de forma inequívoca, como o resultado final da longa crise da República, que levou a emersão do Principado, período que Michael Grant reforça como:

O fim da Republica e a emergência do principado procurou compreender o fracasso ou o naufrágio deste regime no primeiro século a.C, partindo do sistema político que havia sido rompido devido as transformações estruturais e conjunturais que a sociedade romana enfrentou neste período, as quais, tornaram o até então vigente Republica, insustentável enquanto tal.¹²⁸

A ascensão de figuras como Júlio Cesar, Pompeu e Crasso, no primeiro Triumvirato, e de Marco Antônio, Lépido e de Augusto, indica a preponderância que o poder pessoal, centralizado na figura de um grande político, havia tomado em Roma, elemento que Augusto, logo após a batalha de *Actium*, se esforçou para consolidar, porém com a precaução de não declarar a real situação da estrutura de poder em Roma, sob seu regime que, para sua conveniência e segurança, deveria ter uma capa republicana.

Conhecedor do panorama progresso desse período em Roma, Gaudefroi levanta que, logo após o assassinato de Júlio Cesar, Cleópatra se retira de Roma, por questões de segurança, algo que Cicero, um dos autores da época, trata com, digamos, certo desdém, conforme podemos observar a seguir, a partir de Gaudefroi:

Sabemos que Cleópatra deixou Roma cerca de um mês depois do assassinato de César. Em uma carta datada de 15 de abril, 44. Cícero escreve: A retirada da rainha não me causa nenhuma tristeza. Em Roma, a situação tornou-se perigosa demais

¹²⁷ TRANQUILLO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. Cesar 52.2.

¹²⁸ GRANT, Michael. Op. Cit., 1997. p.,25.

para que lá permanecessem, e assim, ela retornou ao Egito para que sua própria segurança, e a de seu filho fosse garantida.¹²⁹

O movimento realizado pela protagonista se deveu à situação de insegurança, não apenas na *Urbs*, mas, sobretudo à preocupação em assegurar sua posição como soberana incontestada no Egito, a fim de evitar o reinício, em Alexandria, de um fenômeno, de um espetáculo, verificado e reiterado, nas ruas de Roma, onde a disputa pelo trono do Egito, vista há pouco na guerra Alexandrina, em que a protagonista se aliou a Cesar para derrotar o irmão dela, Ptolomeu XIII. Dessa forma, ela tensionou a confirmação de sua condição como soberana e como sacerdotisa, retornando a Alexandria.

A instabilidade trazida novamente à tona, em função do assassinato de Júlio Cesar, no Senado, nos idos de Marco em 44 a.C, refletiu exatamente o que Augusto quis evitar quando do estabelecimento do principado, especialmente nas medidas que tomou para obstar a emergência de qualquer rival, sobretudo entre os senadores, o que já havia sido tentado sem sucesso quando do segundo Triumvirato, observações endossadas por Gaudrefroi, abaixo:

Ao retornarem para a capital, os aliados redigiram uma *clausula publica* de seu pacto, que até então, era tida como secreta, e proclamaram a proscrição de trezentos senadores e dez mil cidadãos da ordem Equestre. O que significava que lhes imputavam a condenação a morte, e o confisco de seus bens.¹³⁰

Dentro deste quadro, podemos inserir o apagamento ou silenciamento em torno de cultos e de personalidades (ou determinadas nuances destas), aplicável no caso da protagonista, a rainha egípcia, uma vez que se Suetônio, mas não só ele, mencionasse seu papel sacerdotal, evocaria a questão da legitimidade ou não das práticas mágicas diante do fato de que Ísis estava presente em território romano e grego, associada a deidades lunares, entre as quais se incluía Vênus, genetriz de toda a *gens* de Otávio.

Práticas mágicas, estas, entendidas pelo Principado, como inovações anômalas que deveriam ser banidas ou esquecidas em virtude do que chamou de restabelecimento dos cultos tradicionais, sancionados pelo Estado romano, bem como das tradições latinas, ameaçadas pela assimilação de elementos estrangeiros.

Estes pressupostos, pelo que verificamos, integravam o esforço ideológico e social do principado de Augusto, para atribuir a origem das desordens em Roma, a cidadãos imbuídos de cultura de origem estrangeira, sobretudo a cultura helenística (grega), por isso trabalharam o esquecimento de forma seletiva, de modo a ressaltar determinados eventos e características

¹²⁹ GAUDEFROI, Olivier. *Cléopâtre, L'Immortelle. De l'histoire à la légende*. Paris: Arlea, 2018, p.102.

¹³⁰ GAUDEFROI, Olivier. Op. Cit., 2018, p.110.

de Cleópatra em detrimento de outros, porque poderiam comprometer seus intuitos na construção da memória em torno da protagonista e de toda a sociedade romana¹³¹.

Portanto, percebemos que a narrativa predominante, hegemônica a respeito da protagonista reflete a dinâmica criada acerca da protagonista na condição de uma personagem de relevância dentro da história romana, circunscrita a um mero instrumento de Júlio Cesar e Marco Antônio, não como uma mulher com poder e iniciativa própria, capaz de se inserir diante de magistrados romanos, em condições de igualdade e capaz de negociar com eles, a fim da manutenção dos interesses próprios e destes magistrados também.

Quando Cleópatra é inserida como protagonista por autores latinos como portadora de iniciativa, sua memória é disforizada na narrativa, fruto deste relato, posto que tal postura, como mulher e estrangeira, não condizia com o esperado dela no *Mos Maiorum*. Para estes autores, tributários do Principado de Augusto, era imprescindível seguir á risca a tradição, o que Bernal descreve como um dos motes centrais do discurso de Suetônio, “*pois não poderiam ter recebido a herança de sua civilização das luxuriantes e decadentes regiões meridionais e orientais*”¹³²

A construção da narrativa de Suetônio foi tramada para dar ascensão à figura de Augusto, como pacificador de uma sociedade romana, farta da violência pregressa das décadas anteriores do século I a. C, ao mesmo tempo em que realizava procedimentos para secundarizar a protagonista.

Augusto desde o princípio temeu o crescimento de Cleópatra; conforme, pois, constatamos anteriormente, ela representava, muito mais do que a “amante de César”, ou a “matrona” que manipulava Marco Antônio. Esse temor refletia o esforço para a legitimação de Augusto, sobretudo entre as regiões orientais, as quais haviam conhecido o domínio helenístico e onde a figura de um soberano, em torno do qual o poder gravitava acima das instituições e que serviria, a priori, como um dos paradigmas utilizados por Augusto, para a construção da própria imagem do *Princeps*, o que não teria sucesso, caso houvesse uma figura que concorresse com ele, Caso este de uma Cleópatra Sacerdotisa, cuja ascendência em todo o Mediterrâneo (não só no Oriente) retomaria o divisionismo entre seguidores dos cultos tradicionais (os patrícios e seus clientes) e os adeptos de cultos orientais, agora imputados de famigeradas práticas mágicas.

¹³¹ A respeito, Eni Orlandi indica que “o trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento, pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade” (ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Rio de Janeiro: Pontes, 2012, p. 49).

¹³² BERNAL, Martim. *A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia*. FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.). **Textos didáticos. Repensando o mundo Antigo**. Fabio Adriano Hering e Glaydson José da Silva (Tradutores). Campinas: Unicamp, n. 49, 2005. p. 18.

Neste ponto, temos o levantamento de Jack Goody a respeito de apropriações e dos elementos ditos e não ditos a respeito da influência egípcia na sociedade romana, bem como na Atualidade, destacando “*a influência dos hieróglifos egípcios na escrita micênica é em geral aceita, assim como a influência da coluna egípcia na arquitetura grega. Mas, com cultos religiosos, a invenção é freqüentemente independente. É claro que as influências são mútuas*”¹³³.

Dessarte concebemos, que a execução permanente e reiterada da construção de uma versão da narrativa, que passou a ser concebida como única e universal, como a concepção final de como se desenrolou a história da protagonista e de todos os que interagiram com ela, obedeceu a lógica de impulsionar a exposição de Augusto, como o restaurador da Paz da cidade com os deuses tradicionais (a *Pax Deorum*), motivo pelo qual não poderia admitir a presença de cultos estrangeiros não sancionados pelo Senado. Instituição esta que demonstrou grande instabilidade quanto a suas posições a respeito de Culto a Ísis, posto que entre suas atribuições centrais, estavam, na perspectiva de Andréas Bendlin, a:

incluir sacrifícios, festivais ou a introdução de novas divindades no panteão cívico da cidade. Deve-se notar, no entanto, que o poder discricionário sobre assuntos religiosos, incluindo eventos extraordinários, novos cultos e a restauração de altares, cabia ao Senado.¹³⁴

Desta forma, podemos entrever também a proibição do Principado de Augusto contra o Culto a Ísis, como parte do empenho em apagar da memória recente de Roma sua ligação com Cleópatra e o fato de que desta perspectiva, Roma estaria antes sendo conquistada pelo Egito, culturalmente, para posteriormente, ocupar aquele território. Evento semelhante ao que ocorrera quando cronistas gregos declaravam que com suas artes, a Grécia conquistou o agreste Lácio, porque subsistiu durante muito tempo esse câmbio cultural entre o mundo gregas e diversas regiões da Península Itálica, em maior aderência entre as características atribuídas a cada divindade por parte dos seguidores dos diversos credos orientais em Roma.

A origem do sucesso do avanço destes cultos em Roma estava, na verdade, nas crises instaladas, pelo que observa Gezza Alföldy, a saber: “*A sociedade Romana encaminhava-se para uma crise, que em última análise, só poderia ser resolvida pela*

¹³³ GOODY, Jack. **O roubo da História. Como os europeus se apropriaram das invenções do Oriente**. São Paulo: Editora Contexto. 2008. PP 70-71.

¹³⁴ BENDLIN, Andreas. **Religion at Rome In: Social Complexity and Religion at Rome in the second and first centuries BCE**. Thesis, Faculty of Literae Humaniores, University of Oxford, 1998, p.202.

violência. Mas o uso da violência era condicionado pelas leis engendradas pela própria estrutura da crise".¹³⁵

Incorporado nestas circunstâncias, verificamos o recurso de Suetônio ao *silêncio*, como uma tentativa de não evocar uma época pregressa e recente de violência política na *urbs*, entretanto não deixando, ao mesmo tempo, de ocultar a relevância real da protagonista para a sociedade romana, dada à posição que ocupou. Desta maneira, identificamos o quão profunda era a presença da cultura helenística em Roma e as motivações pelas quais as raízes da relevância de Cleópatra para o contexto da política e sociedade do Mediterrâneo da época não viessem a público.

Considerando a amplitude e a magnitude que Cleópatra teve enquanto colaboradora de Júlio Cesar e em especial de Marco Antônio, o principado de Augusto, além de silenciar sobre o sacerdócio dela, por considerá-la introdutora de práticas mágicas, uma inovação segundo a ótica dele, negativa para *o mos maiorum*, buscou a todo momento, rememorar-la como *persona* negativa para Roma, e, reiteradamente, uma simples amante de generais romanos, de acordo com o que informa John Lobur, a seguir:

Confirmou a ascendência de César por Júlio César, estabelecendo assim um sério rival para Otaviano, ofereceu grande presente aos filhos de Antonius por Cleópatra e ordenou que seu corpo fosse enterrado ao lado dela - em Alexandria. Isso deu credibilidade às alegações de que Antonius pretendia transferir a sede do poder para aquela cidade, e Otaviano executou com êxito um golpe de relações públicas. O erro de seu rival permitiu que ele encurralasse o mercado em legítima representação cultural e política, e o resultado foi decisivo.¹³⁶

O quadro de uma República em crise e em transição para o Principado criou a memória da protagonista enquanto figura antológica do que não deveria ser o ideal do cidadão romano, sobretudo em relação às instituições de poder, relegando a segundo plano, a atuação de Marco Antônio, enquanto magistrado e general romano, e, sobretudo, quando analisamos sob a declaração de Alföldy de que a meta principal das lutas e debates políticos "*passou a ser exclusivamente a obtenção da liderança de determinados agrupamentos políticos e, acima de tudo, de seu chefe*"¹³⁷. Cleópatra poderia se apresentar como pivô de divisões internas em Roma, caso fosse citada por Suetônio na condição de sacerdotisa.

Para, além disso, enxergamos o interesse pleno de Augusto de se impor como legítimo possuidor de recursos vindos do Egito, notadamente sua produção agrícola e tributária, extremamente necessária para viabilizar a sociedade romana, tal como agora se encontrava

¹³⁵ ALFOLDY, Gezza. **História social de Roma**. Alianza Editorial. Madri: 1987, p.79.

¹³⁶ LOBUR, John Alexander. **Consensus, Concordia, and the formation of Roman Imperial Ideology**. Routledge Taylor & Francis Group. New York; London, 2008, p.16.

¹³⁷ ALFOLDY, Gezza. Op. Cit., 1987, p.83.

configurada. Cientes de que o poder acompanha as linhas de ordem sacerdotal e religiosa, não poderia haver uma possível contradição entre banir um determinado culto por associação à magia e se declarar herdeiro divino de um magistrado, célebre, cuja *gens*, por associação, se achava ligada a este culto.

Dessa maneira, pelo intercruzamento de múltiplos fatores que engendram as relações de poder e do imaginário, concebidos como instrumento político, Cleópatra recebeu a relevância cuja projeção chegou até nós, por se situar de forma singular no período transicional entre a República (aqui representada pelo Triumvirato, ambos, Primeiro e Segundo) e o Principado, com a gestão social e política de Roma, centrada nas mãos de Augusto como uma aliada fundamental para a consumação dos objetivos que as principais lideranças políticas romanas almejavam no século I a.C.

Nessa direção, identificamos a execução de um processo divinatório, no qual os propagandistas romanos procuraram fazer sobressair, em suas narrativas, o Principado de Augusto, como herdeiro divino, uma vez que sucedia ao *Divus Julius* e trazia consigo todo o legado do célebre ditador último da República. Nesta altura, Norbert Rouland acentua que o exemplo mais evidente disto foram as reformas urbanas executadas durante o governo de Augusto, quando salienta:

Nesse ponto, mais uma vez, inspirava-se em Cesar, a quem o Senado, dois anos após sua morte, outorgou-lhe o “título de divino”, e dedicou-lhe um templo e um culto no fórum. Augusto prepara, por etapas, a sua própria divinização. Antes de qualquer coisa, ele é filho de Cesar, portanto de um deus.¹³⁸

Assim, a aquisição desta condição divina não pode enfrentar a concorrência ou o questionamento gerado, tanto pela persistência de práticas mágicas, cuja representante máxima era alguém com exponencial relevância para a sociedade romana, nem mesmo o fato de que a protagonista tivera com Júlio Cesar, seu filho *Cesarion*, o qual posteriormente poderia fazer reivindicações quanto ao legado do ditador romano. Devido à aliança de Júlio Cesar com a protagonista fica evidente a importância dos recursos trazidos por ela para a estabilidade romana.

Por isso, Gezza Alföldy pontua que “*poucas foram às regiões do império em que as formas econômicas e a estratificação social romana quase não penetraram como no caso do Egito, de que Augusto se apropriou como território patrimonial e onde a ordem tradicional (...) quase não sofreu alteração*”¹³⁹.

¹³⁸ ROULAND, Norbert. **Roma, Democracia Impossível? Os agentes do poder na urbe romana**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997, p.340.

¹³⁹ ALFOLDY, Gezza. Op. Cit., 1987, p. 121.

Dentro do quadro geral, a construção de uma memória que fosse hegemônica se sobrepondo à da protagonista, o principado de Augusto, procurou fazer com que o mesmo ocupasse ou obliterasse o papel de Cleópatra como a última Faraó (ou *Farani*) do Egito, tal como observa Greg Wolf, ao destacar que:

Os imperadores romanos quando no Egito, tal como seus predecessores greco-macedônios, tratados e retratados como Faraós. O culto da personalidade em Roma, é verificado em toda a região do Mediterrâneo Oriental desde o início do segundo século A.C. Os cultos haviam até mesmo sido patrocinados pelo Senado Romano.¹⁴⁰

Notemos que Cleópatra se autodeclarava a Nova Ísis e, assim, procurou se inserir com igualdade frente a magistrados romanos; primeiro, por ser uma aliada segura como governante do Egito e, depois principalmente por seu papel religioso, mesmo papel que Suetônio e outros escritores buscaram silenciar. Aspecto que Plutarco certamente notou ao assinalar sobre o encontro entre Cesar e a protagonista, em Alexandria, quando da procura por integrantes das redes de poder locais, para firmar aliança política, o que pode explicar por que “*César respondeu que não tinha necessidade de qualquer egípcio como conselheiro e secretamente solicitou a presença de Cleópatra*”¹⁴¹.

Dessa forma, ao reivindicar de forma cabal seu lugar de poder como herdeiro do mais celebre político romano em seu tempo, o principado de Augusto procurou de forma aberta e persistente, se inserir na narrativa, como o centro de gravidade das transformações observadas na sociedade romana. A isso, Grant observou que: “*Augusto usou o tema da continuidade do imperium e sua conexão com a longa história do triunfo como parte de sua apresentação de seu novo regime*”¹⁴²

Decisão que refletiu na construção de templos e nas reformas realizadas logo no início do principado, como uma tentativa de apagar as marcas da cidade, da presença de cultos orientais de mistérios, incluindo aqui, a associação de deidades romanas, com deidades orientais, conforme observação de Grant, “*quando o templo foi dedicado em 2 aC, ele continha as estátuas de Marte e Vênus, ancestrais lendários da família juliana e do próprio deificado Júlio*”¹⁴³

¹⁴⁰ WOOLF, Greg. **Only connect? Network analysis and religious change in the Roman World**. UFF-Niterói, Revista Héliade, 2016, p.,237.

¹⁴¹ PLUTARCO. **A vida de César**. César 48.5. 2.

¹⁴² GRANT, Michael. **The world of Rome**. Cambridge University Press, 1997, p.87.

¹⁴³ GRANT, Michael. Idem., 1997, p.88.

2.2 Cleópatra, Marco Antônio e a questão do *Mos Maiorum*.

O desejo de se apresentar como único integrante por excelência da gens Julia, em um Mediterrâneo já unificado sob a égide romana não poderia ser bem sucedido, caso houvesse a rememoração da protagonista como Sacerdotisa de Ísis, algo que seria para além de uma fonte de dissenso, um possível foco de surgimento de novos conflitos e sedições, sobretudo por parte dos extratos sociais romanos, cujas práticas religiosas haviam sido equiparadas à magia, caso dos adoradores de Ísis e de outros cultos orientais de mistérios, com os quais ocorreu a assimilação entre as deidades orientais e as deidades romanas e gregas, dada à similitude entre suas atribuições e características.

Vide o exemplo do que foi verificado no culto a Baco. Neste ponto, Emiliano Rubens Urciuoli e Jörg Rüpke, levantam que: “*concebemos o culto como a interação constante entre as pessoas que cria as estruturas e tradições que restringem e limitam o exercício subsequente da religião, que por sua vez, pode alterar ou até mesmo desafiar (...) estruturas e tradições*”¹⁴⁴.

Ou seja, através da atuação da protagonista junto à sociedade romana, vislumbramos elementos e fatores que entram em ação, cujo alcance vai muito além de questões de relacionamentos pessoais, ou não. Aqui, se trata também de verificar quais eram os critérios ou pressupostos de instituições como o Senado, sob Augusto e depois dele, em relação ao culto de Ísis, uma vez que se verifica a instabilidade desta casa, sobre a liberação ou proibição aberta ao culto em questão.

A esse respeito, o principado, tal como o escrito de Suetônio, se empenhou em apagar dos registros oficiais tudo o que remetia à grandeza de seus oponentes e à semelhança de Cleópatra. Augusto utilizou a questão divinatória e sua condição basilar para a legitimação do poder, para promover a si próprio, sempre trazendo à superfície a imagem da protagonista, como um elemento não integrante da sociedade romana, um desvio que não deveria ser seguido.

De forma concisa, Paul Zanker qualifica que o Principado diligenciou a imagem do “*Primo inter Paris*”, como o centro de todas as narrativas textuais e imagéticas constituídas a partir daquele momento, o que contribui sobremaneira para a constituição da memória parcial e distorcida que nos foi legada a respeito de Cleópatra. Ao dizer que:

¹⁴⁴ URCIUOLI, Emiliano Rubens and RUPKE, Jörg. *Urban Religion in Mediterranean Antiquity: Relocating Religious Change*. **Mythos. rivista di Storia delle religioni**. Varia: Salvatore Sciascia Editore. 2018, p. 126.

Entretanto todos os adversários categóricos de Otaviano teriam sido retratados para encontrar qualquer sinal de sua indecorosa autopromoção. Tal como devemos notar, todos no fórum de Augusto permaneceram e no Senado, permaneceram na pedra angular no arco da nova mitologia nacional, aquela que focalizou a mitologia e a história no próprio Otaviano.¹⁴⁵

Inferimos que a forma como as imagens e os relatos de Suetonio, bem como de Plutarco e Dion Cassio, foram arquitetados para a construção da mitologia em torno da protagonista de forma a distorcer e torcer o papel realmente desempenhado por ela, e refletir uma versão altamente parcial da história, que desconsiderava a situação social em fins do regime republicano e de transformação institucional, resultante de mais de um século de crise deste modelo.

Conjecturando, sobre esta mitologia, vislumbramos que Cleópatra constitui para a história romana um ponto de inflexão para o questionamento da ideologia e das representações sociais e políticas constituídas a seu respeito, indicativo do quão profunda era a presença do culto por ela presidida entre os cidadãos e cidadãos de Roma, o que retoma a existência latente de tensões políticas que se tornaram também religiosas, tal como Fernando Lozano sugestiona, ao abordar a questão subjacente da divinização a partir desta assimilação religiosa. Apontando que:

A questão de quem poderia se tornar um novo deus do Estado Romano, ocasionou tensões tanto políticas quanto religiosas. O Senado era a instituição que tomava a decisão final. Entretanto, a preponderância do novo imperador foi decisiva no fim do debate a respeito do assunto, pois este era caro aos romanos, sobretudo no século I a.C.¹⁴⁶

Cientes da dinâmica reinante quanto a apresentação do Faraó na Terra enquanto uma deidade encarnada, podemos supor que tal procedimento indicaria evidentemente, uma apropriação cultural de práticas egípcias não apenas na Grécia, mas sobretudo no Principado Romano, revelando em magnitude “*a enorme expansão da religião egípcia durante este período, no que tem foi chamado de ‘a conquista do Ocidente pela Religião Oriental’*. *A deusa-mãe egípcia Ísis, pois insta se, que tenha sido adorada em Atenas desde o século V, não apenas por egípcios residentes, mas por atenienses nativos.*”¹⁴⁷ .

Todo este cenário entrou em conjunção para gerar o protagonismo por parte de Cleópatra de forma parcial, contudo, devemos considerar também a forma como o Senado

¹⁴⁵ ZANKER, Paul. **The Power of Images in the Age of Augustus**. Chicago: The University of Michigan Press, 1988, p.195.

¹⁴⁶ LOZANO, Fernando. *Divi Augusti and Theoi Sebastoi: Roman Initiatives and Greek Answers*. **Classical Quaterly**, 2007, p.3.

¹⁴⁷ BERNAL, Martin. Black Athena. **The Afroasiatic roots of classical civilization. Volume I: The Fabrications of Ancient Greece 1785- 1985**. New Jersey: Rutgers University Press New Brunswick. 1987, p. 117.

tratou este culto. Isso implica averiguar o procedimento adotado pelo Principado não apenas sob Otaviano, mas sob seus sucessores também, neste caso, Tibério e Calígula, um indicativo de que houve um autêntico esforço das instituições e do patriciado romano, em reforçar e fazer ecoar esta narrativa para as gerações seguintes, tornando tácito que Cleópatra passou a constituir uma das pedras angulares da construção da identidade social romana.

Por isso, compreender a posição do Senado frente à imagem e à memória da protagonista é também de vital importância para a compreensão geral de como esta memória foi formulada e preservada contra o esquecimento, a partir do artifício do esquecimento seletivo a respeito do culto de Ísis e de sua presença em Roma, silenciada não apenas dos escritos de Suetônio, mas também da rememoração sobre Cleópatra efetuada em épocas posteriores, até a modernidade, a partir do teatro, da imagética e da fílmica produzida, que não reiteraram este silêncio.

Tendo ciência de que, em grande parte, o desenvolvimento do governo do *princeps* se dava em razão de como este era visto pelo Senado, projetamos que a posição do Senado diante do Culto a Ísis, elemento que Clifford Ando ressalva, ao declarar que:

Essa resposta se harmoniza com algumas tentativas romanas consideravelmente posteriores para reconstruir a prática republicana do meio, bem como com evidências imperiais da interferência romana nas instituições da vida social nas cidades provinciais; e essa evidência chega a um ponto de auto-reforço. Em particular, o decreto do senado não ordena mudanças nas formas de ritual praticado pelos membros do culto, além de ordenar que nenhum homem seja sacerdote. Mas Livy registra - em que base probatória, não sabe - que o culto só havia admitido recentemente homens no sacerdócio; e pode ser que a ação do senado seja entendida sob essa luz. Se isso estiver correto, o Senado estava agindo em particular contra os comportamentos dos membros do culto em relação um ao outro, e não em relação ao deus.¹⁴⁸

Desta forma, visualizamos a existência do senado como instituição que a depender desta relação levava a admissão do culto à Ísis sob determinados Imperadores e a sua proibição, que implica inexoravelmente a atuação do imaginário como instrumento político de atuação e reprodução, bem como âncora da identidade que o Principado de Augusto forjara logo após a batalha de *Actium*. Desta maneira, podemos inferir que a construção dessa identidade “romana” por meio dos generais, por meio das guerras, como Bronislaw Bazcko sugere:

legitimam seu poder ou elaboravam modelos formadores para sus cidadãos tais como o “valente guerreiro”, o “bom cidadão”, o “militante comprometido”, entre

¹⁴⁸ ANDO, Clifford. **Exporting Roman Religion**. Chapter Twenty-Nine *in*: Roman Religion Outside and Seen from Outsid. Act 29. 2007, p.437.

outros arquétipos sociais idealizados. Estas representações da realidade social (e nos refletimos através desta), elaboradas com um propósito ainda que não declarado.¹⁴⁹

Assertivamente, verificamos que a operação ou a tentativa de retomar pressupostos e paradigmas vigentes nos primórdios da sociedade romana, o *mos maiorum*, passou pela construção de uma narrativa de inserção de Cleópatra como persona externa à sociedade romana, mera coadjuvante e não protagonista, mas co-participante de um momento de transformações estruturais na bacia do Mediterrâneo. Alterar esta posição da protagonista poderia converter Roma, ao invés de centro do Império, em periferia estendida em favor de uma das principais províncias, o que suscitava grave inversão do ideal e se concretizava em um dos principais temores da aristocracia romana.

Este temor é citado ainda que de forma sub-recíptia por Suetônio, de acordo com o que indica Diana E. E. Kleiner, ao revelar que este mesmo temor emergiu quando do contato entre Cleópatra e Júlio Cesar, visto que a protagonista poderia catalisar a ambição política do general romano, de se perpetuar *ad eternum* no poder e de transferir a capital. A autora argumenta que:

O que aprendemos com Suetônio é que César estava flertando com esse título em um momento em que ele pensava em transferir a capital de Roma para Alexandria e quando estava embarcando em campanhas orientais na Pártia - em outras palavras, enquanto estava envolvido com Cleópatra e quando ele estava contemplando o domínio sobre a parte do mundo helenístico que havia sido de Alexandre.¹⁵⁰

Nessa condição, fazia-se necessário o realce a determinadas nuances da protagonista e de seu círculo de relações que não projetavam a relevância e o peso de suas ações e decisões para a sociedade romana, ao mesmo tempo em que relegavam ao helenismo aspectos considerados negativos pelo principado de Augusto e seus escritores, como as práticas mágicas atribuídas a seguidores de cultos como os de Demeter e Selene, deidades gregas às quais a egípcia Ísis estava associada.

Tal movimento visava a resgatar elementos elencados pelo patriciado em Roma, como autenticamente romanos, que julgavam ter sido perdidos no processo de expansão territorial com a assimilação indistinta de deidades e de hábitos culturais dos povos com os quais tiveram contato, sobretudo durante as campanhas longas e distantes da península itálica. Este resgate, remonta para Bernal, na procura da pureza, e da unicidade da religião, da política, e da cultura romanas, quando sabemos, através da análise a respeito dos gregos, que foram de

¹⁴⁹ BAZCKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas coletivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC. 1984, p.8.

¹⁵⁰ KLEINER, Diana E. **Cleopatra and Rome**. Cambridge, Massachusetts and London: The Belknap Press of Harvard University Press. 2005, p.128.

certa forma, a matriz da Urbs, que “*torna, então, impossível afirmar que a língua grega tenha sido homogênea ou que os gregos foram indo-europeus ou arianos puros*”¹⁵¹

Por isso, o esforço executado em banir tais práticas, visto que estas remetiam tanto ao oriente helenístico quanto ao fato de que os extratos sociais não-patícios, os quais não tinham real acesso aos cultos tradicionais, poderiam se tornar um fato de divisão da sociedade romana e, por consequência, de novas guerras civis. Assim, para obliterar a imagem de Cleópatra, Augusto o tempo todo procurou ocupar o lugar como vingador ímpar de seu pai adotivo, Júlio César, e ao mesmo tempo como restaurador da Roma existente desde as eras mais antigas. Por isso, Eduardo Campos assinala sobre a função do princeps enquanto o herdeiro que, a todo tempo, buscou a legitimação como o modelo romano, latino por excelência:

Assim, em breve retrospectiva, é possível notarmos discursos que exaltavam a função do princeps como o vingador do assassinato do seu pai adotivo, situando-o como um filho devoto; também podemos somar a essa reflexão a luta “*piadosa e justa*” contra Cleópatra sob a estrela de Júlio César (Virgílio, Eneida, 8. 67881). A documentação de época elabora essa guerra e as suas batalhas como uma luta sobre-humana, assim colocando em guerra os deuses romanos contra os deuses do Egito.¹⁵²

O que vemos aqui é a extensão do que foi um embate político, para a esfera religiosa, posto que era a religião o fator e princípio ativo que embasava e legitimava as instituições de poder e o discurso emitido por seus líderes. Isso posto, verificamos que o temor de Suetônio, em relação à protagonista, era o de que a mesma ocupasse na narrativa um lugar que lhe conferisse similitude de posição, ou equivalência ao de magistrados romanos, sobretudo o *Princeps*, já que este desejava se apresentar como um modelo não de rompimento, mas de continuação, como o novo Faraó no Egito, ao mesmo tempo em que não alterava sua posição em Roma ?

Sobre este ponto, Pierre Grimal observa que a Protagonista, identificada pela narrativa enquanto a “*Nova Isis*” (ou *Nea Theodera*), teve em grande parte suas premissas e movimentos posteriormente copiados por Otaviano, desejoso de se fazer presente na narrativa, em seu lugar, e reforça que:

Tal explicação não é adequada a menos que o novo Senhor de Roma, não tenha produzido conscientemente, mas encarnado em seu redor forças espirituais latentes, e que, graças ao seu próprio sucesso político, lhes tenha concedido ocasião e possibilidade de atingir a sua clara consciência. Augusto não acrescenta ao seu sistema político as crenças religiosas.¹⁵³

¹⁵¹ BERNAL, Martim. Op. Cit., 2005, p. 15.

¹⁵² CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **Otávio Augusto e as suas redes político-religiosas nos quattuor amplissima collegia sacerdotum romanorum. (29 AEC – 14 EC)**. Tese de Doutorado (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: 2017, p.117.

¹⁵³ GRIMAL, Pierre. **O Século de Augusto**. Lisboa: Edições 70, 2018, p.19.

Fica evidente, deste modo, que a protagonista teve sua memória e a narrativa em seu entorno catalisada e ecoada; primeiro, pelos cronistas romanos e; depois, pelos construtores de narrativas posteriores (sobretudo pela arte), devido a todas as inovações que ela representou para a sociedade romana, um elemento que foi posteriormente apropriado pelo medievo e pela modernidade, seja para construir um modelo ideal do feminino ou do romântico, seja para legitimar e sustentar bandeiras políticas, caso este em que podem ser agrupadas tanto as questões da luta contra a colonização nas décadas de 1960 e 1970, e da produção da história afrocentrada, encabeçada por escritores como Ivan Sertima e Cheik Anta Diop, como um movimento pelo resgate da história fora de uma lógica eurocêntrica e caucasiana criada no século XIX, que produziu um Mediterrâneo exclusivamente branco, em realidade, não crível, dada à dinâmica de intensas trocas e de grande circularidade populacional e cultural.

Por conta da condição de ter sido além de sacerdotisa e de última soberana do Egito, Cleópatra representou o protagonismo de uma mulher estrangeira, com poder em um Mediterrâneo pleno de transformações e mudanças. Isso faz dela uma persona que quebra os parâmetros existentes até então dentro da *Urbs* e colocam em xeque a preponderância dada por cronistas latinos e gregos apenas ao principado de Augusto e seus predecessores.

Seguindo a confecção desta narrativa entrelaçada entre o contexto geral de uma República em ocaso no Lácio e da ressurgência da dinastia Ptolomaica em Alexandria, a presença de Cleópatra como ponto de equilíbrio, ainda que temporário, ou mesmo como definidora em grande parte da identidade romana. A protagonista ascendeu ao poder pela força e por suas estratégias e inteligência, instaurando um novo reinado no Egito que combina eficazmente paz social com prosperidade, fato que terminou de certa forma por contribuir também para a restauração da paz social em uma Roma, vinda de subseqüentes guerras civis, legado este que o principado de Augusto buscou retirar dentre as contribuições da protagonista e atribuir exclusivamente a seu pai adotivo, Júlio Cesar, e ao próprio Otavio Augusto, por exclusão, todos os demais integrantes da narrativa de toda iniciativa nesta direção.

Porquanto, ocorre a latência dos fatores que contribuem para os silêncios, não ditos e distorções constituídas a respeito da protagonista, como uma das estratégias do principado para apagar, apesar das reminiscências e das evidências trazidas pela cultura material, a ocorrência do sincretismo religioso e da assimilação do culto de Ísis, como um dos contribuintes para a formulação da identidade romana, receptora de inegável influência grega/helenística, imperativa, em todo caso, a preponderância do Senado para admissão ou

não do culto no panteão romano, o que no contexto de crise da República Lindsay Mazurek sinaliza que se tornou problemático:

Nesse contexto, ela explora a atividade ptolomaica em Delos, a relação entre o Egito e os tipos de culto isíaco praticados em Delos, e os principais conceitos de sincretismo religioso e hibridez. Como objetos de arte sincrética, as estatuetas devem ter transmitido significado em vários contextos para uma variedade de públicos iniciados e não iniciados, oferecendo assim uma oportunidade de considerar como as comunidades de Delianos usaram a cultura material para conceituar suas relações com o resto do Mediterrâneo¹⁵⁴.

Deste modo, qualquer deferência que favorecesse a protagonista diante do Senado romano poderia reduzir a magnitude da grandeza do principado de Augusto. Por conta disso, e de tudo o que a mesma representava, fazia-se necessário para Suetônio e outros cronistas gregos e romanos, ligados àquele, dentro da descrição que Soraia Ansara relata e “*nos permite compreender as políticas da memória como dissenso, como o questionamento do consenso que tem levado a uma política de esquecimento deliberada*”¹⁵⁵.

Sob estes parâmetros, sugerimos e observamos a forte influência da adesão ou não do princeps à presença do culto a Ísis no seio da sociedade romana, como o pendulo principal para a instabilidade no que tange à posição desta instituição a respeito da proibição ou autorização pública para este culto, um pêndulo de tolerância que seguia as linhas da política e dos trâmites do extrato social patrício que estivesse no poder ou a ele tivesse mais fácil acesso, conforme Owben indica, logo a seguir:

Mulheres, incluindo matronas, eram estimuladas a períodos de abstinência; imagens públicas da deidade eram comuns; adeptos trajavam roupas de linho cujo aspecto visual demarcava e diferenciava dos romanos que aderiam aos cultos tradicionais mais antigos na Urbs. Em suma, as sacerdotisas egípcias, e seus locais de realização de diretrizes rituais, exerciam controle sobre parte dos cidadãos romanos (e seus escravos) e a “combinação de emocionalismo, assembleia privada, sacerdotes populares, e tesoureiros eram percebidos como uma ameaça à estabilidade política. Em contraste, as atividades de cultos estatais como estavam sob total controle dos extratos sociais mais altos (de onde procediam as categorias de sacerdotes por eles indicados) e lastreada pelo Senado, e posteriormente pelo princeps. A classe alta romana temia que os cultos orientais solapassem seu controle sobre os extratos sociais inferiores¹⁵⁶.

Essa aceção da religião tanto em Roma, como no Egito e na Grécia helenísticas, como o lastro de legitimação da autoridade tanto dos soberanos, quanto das assembleias que

¹⁵⁴ MAZUREK, Lindsey A. *Reconsidering the role of Egyptianizing material culture in Hellenistic and Roman Greece*. **Jornal of Roman Archeology**. Review Articles and Long Reviews and Books Receive, 2013, p. 505.

¹⁵⁵ ANSARA, Soraia. Op. Cit., 2012. p. 303.

¹⁵⁶ MERCED-OWNBEY, D. Jasmine. **Roman Isis and the pendulum of tolerance in the Empire**. *Inquiry: The University of Arkansas Undergraduate Research Journal*. Volume 9. Article 12. University of Arkansas: Fayetteville. 2008, p. 10.

deliberavam sobre a política a ser seguida ou implementada, bem como sobre o procedimento que os demais extratos ou grupos sociais deveriam seguir, inferimos que o culto a Ísis foi tomado como a imagem de um elemento que deveria ser esquecido, enquanto integrante do cotidiano de Roma, a despeito de toda a cultura material, assim como, as práticas mágicas, as quais lhe eram atribuído o impulso transferido da Grécia para Roma.

Outro aspecto a ser abordado sobre esta política também guarda ligação com o objetivo do Principado de não só silenciar a existência do culto a Ísis em Roma, mas também o de apresentar o *princeps* como uma deidade, em especial nos recém-conquistados territórios orientais, o que Candace Weddle Livingston observa tendo como expoente o exemplo de um templo egípcio, que alude a comparação dos aspectos divinos dos antigos Faraós e do *princeps* romano, ao relatar:

Um singular e interessante exemplo de alteração de um templo estabelecido – através de uma deidade estrangeira vista como suficientemente romana - é encontrado no Egito(...) e a análise arqueológica esta esclarecendo os processos através dos quais o culto imperial foi encoberto no templo que servia como local da cerimônia de regeneração do deus estatal egípcio Amon Rá, renascido na pessoa do Faraó. A escolha do local claramente convida a uma comparação entre dos aspectos divinos do faraó e dos líderes do estado romano. Enquanto simultaneamente assegura a dominação romana sobre o Egito e seus deuses tradicionais.¹⁵⁷

Portanto, configura-se mais um dos estratagemas do principado para eliminar da rememoração não apenas a projeção que Cleópatra teve para além do simples romance com Cesar e Marco Antônio. Tal abordagem confirma que além das práticas mágicas e de todos os elementos que se julgavam não romanos, trazidos com a protagonista, também se fazia imperativo banir da narrativa sobre ela e sobre o próprio Augusto, a ocorrência das guerras civis, engendradas por querelas relativas ao acesso à terra e às lideranças políticas, que reiteradamente encontravam em sua propalada ascendência religiosa, a fundamentação de seus discursos e reivindicações de poder.

Dessa forma, não podemos relevar a questão dos usos da *memória*, como instrumento para levar ao esquecimento, como evento não ocorrido, todo o contexto social em Roma, que promoveu a Cleópatra sua grandeza, o que Daniel Sarapu e Bernardo Maranhão explanam como a torrente que:

produz o silêncio e o esquecimento, ao desempenhar sua função instituinte no trabalho social de enquadramento da memória. O direito atua na legitimação das memórias coletivas, conferindo proteção a algumas delas, dando a outras um caráter oficial, relegando outras tantas ao desprestígio ou à clandestinidade.¹⁵⁸

¹⁵⁷ LIVINGSTON, Candace Weddle. **Imperial Cult, Rome**. Springer International Publishing AG, part of Springer Nature. South Carolina School of the Arts at Anderson University, 2018, p.6.

¹⁵⁸ SARAPU, Daniel; MARANHÃO, Bernardo. Op. Cit., 2008, p.5.

O que visualizamos então, sob o pano de fundo, de combate a desvirtuações do que deveria ser um verdadeiro romano, segue a linha de negar a protagonista, não apenas a condição de equivalência com os extratos dominantes da sociedade romana, mas também de, como consequência de sua aliança com Marco Antônio, rival de Otavio Augusto, retirar de seu rival e, por consequência, da protagonista, qualquer legitimidade ou calço sagrado para exercer o poder, sobre os territórios orientais.

Uma nuance ou pormenor que não tem sido muito abordado sobre esta narrativa era o controle exercido pela protagonista enquanto rainha do Egito, ancorada como sacerdotisa de Ísis, sobre o Egito, território mais prospero em recursos no Mediterrâneo do século II e I a.C. O controle sobre tal território era vital para o alcance dos objetivos do principado, entre os quais, a estabilidade política interna na própria Roma. A respeito do intercruzamento de fatores que concorrem para esta relação. Nas palavras de Bianca Schmitt: *“As relações humanas se desenvolvem para além das fronteiras da religiosidade. Além da religião, espectros como a política e a economia criam elos culturais, sejam eles tênues ou de mais destaque”*¹⁵⁹.

Dessa forma, temos em mente que o discurso produzido por Suetônio em favor do principado de Augusto se deu com vistas a legitimar e embasar a apropriação, por parte da pessoa do *princeps*, dos recursos do Egito, notadamente sua produção agrícola e a contribuição tributária, vital para a manutenção da paz social em Roma. Logo, não deveriam estar sob o controle de um rival, neste caso, Cleópatra e seu aliado Marco Antônio.

Tal hipótese encontra embasamento, ao analisarmos a fala de Dião Cassio, que ao descrever o desenrolar dos fatos na História romana, cita o grande ímpeto de Cesar, quando *“soube que Pompeu estava velejando para o Egito e, temendo que o outro ocupasse o país primeiro, poderia voltar a ser forte, partiu com toda a velocidade”*¹⁶⁰.

Tal asserção se corrobora, ao verificarmos que a despeito da documentação textual argumentar que Otavio procurava restaurar a República, um indicio em contrário se levantou quando de suas medidas para com as províncias orientais, tendo o Egito, como o expoente máximo. Segundo Pierre Grimal, como:

no Egito, ele possuía rendimentos imensos, que não reverteram para o tesouro público (o *aerarium Saturni*, gerido pelo Senado), mas para o seu cofre privado (o

¹⁵⁹ SCHMITT, Bianca Klein. *Casamentos multiculturais: relações culturais e de poder entre muçulmanos e cristãos na península Ibérica. Anais do III Encontro do Grupo de Trabalho em História Antiga e Medieval da ANPUHSC [recurso eletrônico] / Encontro do GT em História Antiga e Medieval ANPUH-SC*. Organizado por Silveira, D' Ajello e Bonaldo – Florianópolis: Ed. Jurisciência. UFSC. Programa de Pós-Graduação em História Nucleo Interdisciplinar de Estudos Medievais, 2017, p. 22.

¹⁶⁰ COCIANO, Dião Cassio (155 d. C- 229 d.C). *História Romana*. Hist 42 7.1.

fisco). Estes recursos permitiam-lhe assumir o encargo de certos serviços públicos em momentos difíceis, por exemplo: a manutenção das estradas, o abastecimento de Roma (a *annona*).¹⁶¹

Deduzimos que este território era, no contexto das transformações pelas quais passava o Mediterrâneo, para o abastecimento e para a própria segurança de Roma. A afirmação acima levanta que Cleópatra estava inserida também dentro de um contexto de trocas culturais, que se refletiam na economia, posto que uma sociedade romana, vinda de tantas crises e prenhe do tabu do ato de lavrar, de tocar o solo com o arado, ademais, dependente de mão de obra escrava e com agrupamentos políticos em torno de lideranças individuais, necessitaram (desde longa data) de um fornecimento permanente de alimentos, papel que o Egito poderia desempenhar sem dificuldades. Por isso, devido também ao papel dos reis, das rainhas ou neste caso, do *princeps*, como dispensador da fertilidade, dada sua sacralidade, infere o grau de importância da protagonista, como muito mais do que “a soberana do Egito”.

2.3 Cleópatra e o culto de Ísis.

Através de todos os elementos a que tivemos acesso até esta altura, concluímos, a priori, que Cleópatra se tornou o foco do discurso disforizante de Suetônio e outros autores latinos e gregos, através de sua posição como aliada de Marco Antônio e que as doações de Alexandria se tornaram a principal mola mestra do discurso do principado, visto que, entre os objetivos perseguidos por Otávio, estava o de legitimar a apropriação dos recursos do Egito, vitais para a estabilidade social de Roma, Por isso, Adrian Goldsworthy afirma que:

“Novamente com dinheiro egípcio, Antônio liderou uma campanha bem-sucedida contra a Armênia em 34 a.C., recuperando parte de seu prestígio pela vitória. Celebrar, Antônio fez a parada da vitória romana nas ruas de Alexandria. Nesse desfile, ele, Cleópatra e seus filhos estavam vestidos como realeza e desfilaram pelas ruas. Durante esse desfile, ele declarou parte do leste romano para seus três filhos reconhecerem Cesarão como o verdadeiro filho e herdeiro de César, e deu a Cleópatra o título de rainha dos reis. Se isso não fosse suficiente para irritar seus inimigos no oeste, ele também anunciou o fim de seu acordo político com Otaviano. Essas alegações feitas por Antônio eram conhecidas como "Doações de Alexandria". Quando o contrato de triunvirato expirou em 33 a.C., ele não foi renovado.¹⁶²

Diante da perspectiva da representação construída em torno da protagonista, como uma substância que poderia originar a orientalização de Roma, a partir do helenismo, traz consigo todas as inovações de culto, que o principado almejava banir, por isso era mister controlar os recursos daquele território.

¹⁶¹ GRANT, Michael. **The world of Rome**. Cambridge University Press; 1st Edition Edition.1997, p.54.

¹⁶²GOLDSWORTHY, Adrian. **How Rome fell. The death of a Superpower**. New Haven and London: Yale University Press. 2009, p. 8.

A importância do Egito enquanto fornecedor de recursos como a produção agrícola e a contribuição tributária ficam evidentes através da abordagem de Colin Adams que indica, de forma indubitável, que o território era, a “fortuna do *princeps*”, fonte de cereais que auxiliavam a manutenção da *Annona*, distribuída às legiões e a plebe nas cidades romanas. Assim, o pesquisador afirma, descrevendo um papiro encontrado na região de Themistos, que:

O transporte do Tibre aludido no papiro Panopolite, é comparável a outros casos e períodos e parecem amplamente, ter sido transportados em uma rota similar ao transporte de grãos para a *Annona* para suprimentos militares - em grande parte através de liturgias/rituais. Um papiro de nome Arsinoite é a única evidência que temos, a novamente integra o arquivo do banco Sabino. Neste documento, o presidente/dirigente do grupo de Arsinoite é comprado para transladar 22 rolos de amadeira de acanto da divisão de Polemon, e da Aldeia de Bukolon in Themistos.¹⁶³

À vista disso, presumimos que a protagonista engendrou uma combinação entre diversos ingredientes políticos, culturais e econômicos, influenciou, portanto, na construção da narrativa sobre a Protagonista, quanto ao procedimento da mesma frente ao contexto social que a envolveu e pelo qual precisou transitar para tornar efetiva, sua condição enquanto sacerdotisa e soberana do Egito. Sabedores da questão crucial da circularidade do culto a Ísis, em Roma, e de sua interação com outras deidades no Mediterrâneo, concebemos a projeção de Cleópatra na constituição da própria identidade romana.

Conforme visto anteriormente, esta circularidade se dava, a priori, entre os extratos sociais não-patícios, os quais não tinham acesso aos cultos tradicionais, e que em um contexto de conflito social entre as famílias tradicionais, *optimates* e a *populares*, abarcavam através da oferta de benesses às massas de despossuídos, que afluíam a Roma, devido à apropriação das terras tanto na península itálica, como nos territórios conquistados, das terras pelos *optimates*. Acrescenta-se novo dado sobre este tópico, conforme a asserção de Birgitte Bogh, ao dissertar:

Quando Isis chegou a Campania no primeiro Século A.C, ela imediatamente aferiu uma difusão crescente em número de devotos entre os extratos sociais médios e inferiores, e em igual proporção, de oponentes entre os extratos sociais superiores. Os líderes políticos reiteradamente destruíram seus templos e altares durante todo o século, e os devotos os reconstruíram com afinco.¹⁶⁴

Dessa perspectiva, temos a visão de que a ação de Cleópatra diante da sociedade romana e sua presidência do culto a Ísis, como *Isis Nea Teodera*, incidiram na própria noção do que era ser romano, quando esta sociedade promovia seu mais duradouro período de expansão territorial e quando as assimilações de elementos culturais de outros povos,

¹⁶³ ADAMS, Colin. *Natural Resources in Roman Egypt*. **Bulletin of the American Society of Papyrologists: Department of Classical Studies**. University of Michigan: Na Abor. 2013, p.280.

¹⁶⁴ BOGH, Birgitte Secher. The Hellenistic -Roman cult of Isis. **The Handbook of Religions in Ancient Europe** (eds. Hammer et al.). 2013, p.232.

notadamente o helenismo, no qual o culto a Ísis se inseria, e por sua grande presença desde o século II a.C, teve peso decisivo, sobretudo no contexto conturbado, vivido pela sociedade romana no período posterior às guerras púnicas.

Entretanto, a crise política subsequente que levou à ascensão de Cleópatra como uma das figuras-chave da história romana se deve justamente à estrutura criada desde os primórdios desta sociedade, posto que a religião e a configuração das estruturas de poder da Antiguidade convergiam e, portanto não era crível separar estas duas vertentes da sociedade e da cultura, encontradas em todas as sociedades do Mediterrâneo e do antigo oriente próximo. Desta maneira, vemos que Claudia I. Arno exemplifica a forma como a própria arquitetura refletiu as ambições derivadas do caldo cultural, resultante da turbulência que viveu todo o mundo Mediterrâneo nos séculos I a. C e I d.C. Sobre isso, o autor sugere:

O escaninho cultural referido no complexo teatral e triangular como o Fórum, o qual, era de aspecto definitivamente helenístico em termos de caracteres, caracterizando dois teatros, um ginásio, palestra, um templo dedicado a Ísis, e um templo para Zeus Meilichios. (...) a construção do uso do espaço público de Pompéia, poderia expressar os aspectos helenísticos de sua coletividade. A arquitetura doméstica de Pompéia, entretanto, apenas determina a influência expressiva de Roma.¹⁶⁵

Provavelmente, Cleópatra, embora pretendesse preservar sua posição como sacerdotisa de Ísis, acabou por desenvolver essa projeção e relevância para a sociedade romana, justamente em face do empenho de escritores patrocinados pelo principado e das gerações das eras moderna e contemporânea.

Por conta disso, Raoul Girardet detecta a presença da busca pelo período áureo, no caso de Cleópatra, com a reconquista de territórios que haviam sido controlados outrora pelos Lágidas, assim, como o discurso de Otavio Augusto de empreender o resgate da República, ao se apropriar de territórios como o Egito, atua como mecanismos que, segundo o autor:

escapam à memória individual por já não pertencerem senão à história, ou do que passa por ser a memória da história. O passado ao qual se referem nunca foi diretamente conhecido; seu poder evocador é o de um modelo, de um arquétipo; modelo e arquétipo que a emergência fora do tempo decorrido parece por definição dar um valor suplementar de exemplaridade.¹⁶⁶

Assim, a protagonista se tornou uma presença cujos aspectos mais proeminentes deveriam ser silenciados, ou de forma mais patente, a promoção pelo principado de Augusto

¹⁶⁵ ARNO, Claudia I. **How Romans Became “Roman”**: Creating Identity in an Expanding World. A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (Greek and Roman History) in The University of Michigan: Chicago. 2012, p.149.

¹⁶⁶ GIRARDET, Raoul. **Para uma introdução ao imaginário político**. In: **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.98.

de fazer do próprio *Princeps* o protagonista da construção da identidade romana, papel que poderia ser conferido a Cleópatra, haja vista a preponderância na formação da identidade romana, em especial no contexto vivido desde fins do século II a.C.

Uma narrativa que levantasse a premissa do culto de Ísis, associada às gregas Demeter, Afrodite e Selene e à romana Vênus, poderia se enquadrar naquilo que delimita como o silêncio de Suetônio. Exatamente o que o principado de Augusto procurava evitar neste processo de apropriação de um lugar de poder, que deveria permanecer exclusivo ao *Princeps*, presidindo os cultos oficiais e a religião estatal.

Em suma, não é estranho o fato de que a protagonista, pedra angular no cenário cultural e político de todo o mundo Mediterrâneo deste período, fosse vista como alguém cujo “posto” deveria ser apropriado? Silenciada e esquecida, sua atuação em benefício, da própria Roma, uma vez que não seria conveniente aos emissores dos discursos da época que uma mulher estrangeira tivesse tido tanta relevância para a estabilidade social em Roma. Por isso, a apropriação dos recursos do Egito por Otavio Augusto e a produção de toda uma narrativa para legitimar as medidas de Otavio Augusto encontram eco elucidativo na observação de Eric Orlin, o que indica a documentação textual sobre a protagonista, ao evidenciar:

Querendo sugerir que estes eram de fato, os marcos de confirmação das tendências imperativas na República tardia. Para todos os esforços, realizados por Augusto através dos “emissores de discurso”, sobre a restauração, uma leitura aproximada revela que as ações de Augusto foram além da separação da religião romana com a ênfase sobre o lento ou paulatino desenvolvimento endógeno dos cultos tradicionais, verificado nos dois séculos anteriores.¹⁶⁷

Portanto podemos ver nos pormenores, que o papel da protagonista acabou amplificado, na memória e no imaginário da sociedade romana, como uma das *personas* fundamentais para a construção identitária do homem romano sob o principado. E isso se deve à contribuição dada não só pela documentação textual, mas também pela postura adotada por Cleópatra, ao fazer valer seu *locus* social, mesmo perante aos estrangeiros poderosos.

Outro ponto que não deve ser esquecido a respeito do contexto em que esse fenômeno foi gestado é a ação do Senado romano, que em finais da República e durante todo o principado, oscilou em sua postura relativa ao culto a Ísis, dando-lhe endosso sempre que o princeps solicitava e proibindo-o em igual consonância com a posição do primeiro cidadão desse novo arranjo político.

¹⁶⁷ ORLIN, Eric. **Augustan Religion: from Locative to Utopian**. In: Rome and Religion: A Cross-Disciplinary Dialogue on the Imperial Cult. 2011.

Postos esses princípios, temos a possibilidade de considerar que o sacerdócio de Ísis por parte da protagonista significou a tentativa de resgate das tradições faraônicas, em um contexto de mescla e circularidade trazidas pelo Helenismo, como o princípio organizador das construções realizadas em torno do que se considera o Egito próximo do domínio romano, e Alexandria em seu centro. Nesta altura, Maria Luiza Corassim enfatiza sobre a teia que entrelaça estes pontos que circunscrevem a *urbs romana*:

A cidade engloba os espaços comuns aos seus homens: o fórum, os templos, pois a religião é parte integrante da vida cívica, os tribunais. Todos esses aspectos da vida cívica formam um todo, sendo o essencial da vida em sociedade. As obrigações de um cidadão não são impostas de fora; formam parte de um contrato implícito que liga entre si os cidadãos livres. Todas as obrigações cívicas constituem uma forma de liberdade.¹⁶⁸.

Tratava-se, assim, de um processo contínuo e internalizado, a concepção de dentro para fora, o que amplia o peso do Culto a Ísis, com maior destaque entre os cultos orientais de mistérios, fator reforçado por Ana Carolina Alonso, quando discorre que:

A narrativa de Apuleio e de Plutarco, são ambas constituintes de amplo *corpus* documental de pesquisa, e não podem ser compreendidas fora de seus contextos históricos, tanto no que tange a esfera pessoal do autor quanto às circunstâncias gerais da sociedade romana e Mediterrânea. A análise das obras desses dois autores, constituem uma busca do entendimento do culto de Ísis no espaço da *Urbs*.¹⁶⁹.

Assim, se elucida, em boa parte, a dinâmica contida na significação emanada da protagonista, em razão da eminência que esta alcançou, por conta, não apenas por sua relação com Roma, que se estendia de forma pregressa a seu encontro com Júlio Cesar, narrado inclusive, de forma vivaz, por outros autores da época, como Plutarco (64 a.C- 120 d.C), uma das razões possíveis para Cesar ter requisitado a presença da protagonista em seu palácio, segundo nos informa o autor em sua obra *Vidas Paralelas/Vida de Cesar*, quando “César respondeu que não tinha necessidade de qualquer egípcio como conselheiro e secretamente solicitou a presença de Cleópatra”¹⁷⁰

Tal evento seria um dos indícios centrais e ao mesmo tempo, consequência da circularidade, difusão e infiltração do Culto a Ísis, em sua versão helenizada, a partir de sua associação com deidades gregas e latinas.

¹⁶⁸ CORASSIM, Maria Luiza. **O cidadão Romano na República**. Projeto História, São Paulo. São Paulo: 2006, p.283.

¹⁶⁹ ALONSO, Ana Carolina Caldeira. **O império romano e sua religiosidade: O exemplo do culto de Ísis**. Revista Nearco- UERJ. Rio de Janeiro: 2011, p.41.

¹⁷⁰ PLUTARCO, Lucio Méstrio (64 a. C- 120 d. C). **O divino Júlio in: Vidas Paralelas**, Alexandre, o Grande e Júlio Cesar. (César 48.5 II).

Desta forma, Cleópatra assumiu a condição de uma figura de máxima importância, por concretizar em si, o ingrediente de novidade para a sociedade romana, além de representar, um canal de voz para a Plebe e outros grupos excluídos do cerne dos cultos tradicionais, exercitarem sua nuance religiosa, posto que não eram impedidos pela hierarquia e pela Antiguidade daqueles, que inamáveis, se aferravam lá como o centro daquela religião. Cenário esse que leva Sabin a Loriga a sublinhar o silêncio de Suetônio como sintoma de um fenômeno estratégico para o principado de Augusto. Para a autora, Cleópatra se inscreve no rol do que denomina como:

medalhões *Sui Generis*, visto que cada um deles tem uma dimensão particular, no caso de Cleópatra, ser estrangeira, mulher e sacerdotisa do principal culto de mistérios, e exercer sua governança, sobre um território crucial para Roma (...) revelar a variedade e a ambigüidade de uma época.¹⁷¹

Tendo esta magnitude sido considerado por Suetônio, como uma ameaça, devido ao conjunto que Alexandria e o Leste de Mediterrâneo antigo representavam para Roma, em termos de dimensões, do afluxo comercial e de pessoas recebidos e, principalmente, por sua localização estratégica, combinada a diversos fatores, levantados ao longo do presente trabalho, em linhas anteriores, que catalisavam uma possível elevação à monarquia, primeiro pelas ações de Júlio Cesar e pelo fortalecimento exponencial do poder pessoal dos generais, após as guerras púnicas, os quais temiam que o mesmo transferisse sua capital de Roma para Alexandria. Temor para o qual contribuíram a crescente helenização de magistrados, sobretudo Marco Antônio, dada sua identificação divinatória, como o “Novo Dionísio”. Isso, para o patriciado tradicional em Roma souo como inadmissível, por isso Suetônio silenciou sobre as raízes deste fenômeno para a nova posição da protagonista.

Verificamos o quanto a *lembrança* construída a respeito da protagonista, entremeada com interesses políticos foi forjada e cultivada para perpetuar esta figura tão parcial, sublimando-se a complexidade do contexto social e do imaginário que a conduziram à tal magnitude. Magnitude esta, preservada tanto pelos atributos da “Nova Ísis”, quanto pela cultura material, remanescente dela, sobretudo a documentação, visível através da numismática, na qual Cleópatra se apresentava em *Tetradracma*, como soberana não só do Egito, mas de todos os territórios que haviam sido dos Ptolomeus.

Esse detalhe, para Halbwachs não passa despercebido e é declarado pelo autor como o recurso à lembrança, individual de anônimos e figuras célebres, para o recolhimento de informações sobre a protagonista. Caso que Suetônio executou para poder compilar suas

¹⁷¹ LORIGA, Sabina. **O pequeno X. Da Biografia á História**. Autentica: Belo Horizonte. 2011.

obras, com destaque para *A vida dos Doze cesares*. Sobre a lembrança, Halbwachs confirma que:

Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que sem lembra, indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outros, dos fatos que ali são narrados?¹⁷².

Assim, podemos definir a memória como uma compilação de *lembranças*, as quais reunidas de forma esquematizada, toma forma para dar ensejo ao fim determinado pelo autor que as reúne, no intuito de escrever sobre a vida de uma determinada persona, sob o prisma de sua visão de mundo e de seus interesses ou dos interesses de quem o patrocina, neste caso, o principado de Augusto.

2.4 Suetônio e a questão da nova Isis.

A busca pela legitimação religiosa adentrava nos laços de patronato e clientela e, mais do que isso envolvia a questão de um possível retorno de Roma à monarquia, ainda que sob novo formato, tal como destaca Strootman, a saber:

a nova ordem imperial, que se declara logo após a ascensão do Segundo Triumvirato, não foi criada pela introdução do sistema de patronato e clientela. Isso era essencialmente a retomada de uma prática helenística. Em parte, isto também era uma inovação. A inovação estava na amálgama entre os impérios Ptolomaico e Selêucida, que por sua vez, foram assimilados com aliados romanos através da paternidade de Cesar em relação a *Cesarion* e pela condição paterna de Antônio para com os outros filhos de Cleópatra, como era enfatizado em duas ocasiões, em Antioquia em 37/6 e em Alexandria em 34 a. C.¹⁷³

A partir desse detalhamento, aludimos que tais atos, denominados de “doações de Alexandria”, estavam envoltos no funcionamento desta instituição romana, porém, sob influência helenista, esta moldou o imaginário romano, ao atribuir a Cleópatra, por exemplo, o estímulo às pretensas ambições de Júlio Cesar, de se converter de Magistrado extraordinário¹⁷⁴ e general em monarca, e, no caso, de Marco Antônio, de converter a República em monarquia, transferir inclusive a capital de Roma para Alexandria, posto que ao

¹⁷² HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Biblioteca Vértice. Sociologia e política: São Paulo. 1990, PP. 80-81.

64. STROOTMAN, Rolf. **Queen of Kings: Kleopatra VII and the donations of Alexandria**. in: Margherita Facella and Ted Kaizer eds. *Kingdoms and Principalities in the Roman Near East*. Occidens et Oriens 19. Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 2010.

¹⁷⁴ Júlio Cesar exercia a ditadura (uma das magistraturas extraordinárias), o que Barry Strauss, indica ao relatar em seu retorno a Roma, “Marco Antônio, organizou as coisas para que Cesar permanecesse no cargo de ditador por um ano, e ele mesmo se tornasse o mestre de cavalaria do mesmo, – *Magister Equitum* –, como era chamado o Segundo-em-comando de um ditador”. (STRAUSS, Barry. **A morte de Cesar. Roma Antiga e o assassinato mais famoso da História**. São Paulo: Editora Seoman. 2017. p. 29).

contrário do verificado nas províncias a Oeste, nos territórios do Leste, a influência de todo um caldo cultural precedente, transformava o panorama da circularidade cultural e acentuava a Singularidade em torno do culto a Ísis e de sua importância, em especial, nesta área do Mediterrâneo.

Uma das nuances que a trama discursiva do principado de Augusto construiu em torno da protagonista se relaciona justamente com esta particularidade em relação aos territórios a Leste da península itálica: a de que havendo monarquias de estirpe grega (helênicas), precedentes e relativamente estáveis, durante longo tempo, a influência recebida destas regiões, representada aqui pelo culto isíaco, poderia levar de fato à instalação ou retorno da monarquia em Roma, em especial no contexto em que o poder pessoal dos generais ascende, além de superar os até então tradicionais poderes republicanos.

Com isso, aventamos a possibilidade de que, para os romanos, Cleópatra representava a ameaça de uma monarquia oriental, dominando todo o território romano, dado que havia condições propícias a esse intento. Pachis aborda que devido ao crescimento do Culto a Ísis e outras deidades orientais, essas passariam a ser dominantes, mesmo diante dos cultos tradicionais, algo que transformaria a substância social e o ethos romanos, posto que, de acordo com Pachis: *“As religiões dominantes entre eles seriam as deidades orientais, que eram particular diferentes e inovadoras, se comparadas á religião tradicional do antigo mundo grego e romano”*¹⁷⁵.

Considerando-se tal panorama, inferimos que um dos pilares do discurso construído pelo principado de Augusto contra a protagonista estaria em influenciar não só a instauração da monarquia, em um momento em que a República romana se encontra em crise, com a personalização crescente do poder por parte dos generais nas províncias, em consonância com a tradição pregressa existente nos territórios a leste da península itálica, onde o passado helenístico poderia inspirar não só este movimento em direção a uma administração territorial, totalmente centrada na figura de um general ou político proeminente, a configurar, de fato, o retorno à monarquia de caráter helenístico/oriental. Dessa maneira, o centro de gravidade de uma sociedade assim configurada estaria também no Leste e não na península Itálica.

Então, se tivermos em vista que estas posições vão ao encontro do temor de muitos patrícios, ainda crentes na sobrevivência da Republica enquanto regime, Suetônio teria percebido como inoportuna a presença do culto a Ísis em território romano, haja vista a

¹⁷⁵ PACHIS, Panayotis. **“Manufacturing religion” in the Hellenistic Age: The case of Isis-Demeter Cult.** Aristotle University of Tessaloniki, 2009, p.164.

circularidade cultural somada à *singularidade do culto*, auferidas em Roma, poderia concretizar este cenário.

Assim, Augusto imputa a Cleópatra a influência sobre Marco Antônio, de modo a fazê-lo admitir estas ideias, e nesta condição, porque, nessa ação, ele havia deixado de honrar a cidadania romana para ser súdito da protagonista. Augusto se utiliza dessa fala para ressaltar que, “para melhor mostrar que seu rival tinha decaído em sua conduta como um cidadão, portanto, não poderia continuar como magistrado no Leste”¹⁷⁶.

¹⁷⁶ TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. Augusto. 17.1.

3 CLEÓPATRA, O USO DO PASSADO E O ESQUECIMENTO

O *esquecimento* em torno de determinados elementos vistos por Suetônio, Dion Cassio e Plutarco, como potencialmente problemáticos ou geradores de contradições, se encaixa entre os estratagemas da construção do discurso a respeito de Cleópatra enquanto uma figura, *persona* de suma importância para a compreensão e a dinâmica da sociedade romana na transição da República para o principado.

Assim, adentramos a este cenário, cuja protagonista é o eixo central de elementos que poderiam ou não ser mencionados a respeito dela, posto que o fato de a mesma ser sacerdotisa de Isis, tornava-a não apenas uma aliada potencial e consumada de Roma no Egito, mas também uma das *personas* construtoras da identidade romana, no supracitado contexto em que emergiram não apenas a protagonista, mas também figuras que a circundavam como Marco Antônio, Otávio Augusto e Júlio César.

A documentação textual é a mais utilizada até o momento, para a constituição de narrativas sobre ela e sobre as figuras que a circundavam. Sobre estas acaba por incidir também o silêncio como modelador da narrativa e da construção de personalidades cujas imagens são altamente parciais. Fato que a cultura material, encontrada por todo o território romano e grego, acaba por superar.

Por isso, de acordo com Staudt, Santos e Bitarello, estas narrativas, na verdade, constituíram à biografia da protagonista um elemento crucial, já que para os antigos não se escrevia a história da mesma, mas sim sobre sua vida, conforme declara Plutarco, em sua obra *Vidas Paralelas*, integrando narrativas que “*que pretendem abordar o homem, e os fenômenos da vida humana, integrando as diversas dimensões do Ser*”¹⁷⁷. Dessa forma, a cultura material contribui em seu esforço de superação deste silêncio e da elucidação tanto das motivações, quanto dos objetivos do silenciamento de Suetônio a respeito da nuance religiosa da protagonista e sobre como qualquer menção desta natureza poderia situar Roma, na periferia e não no centro irradiador de elementos culturais e identitários, dominantes no mundo mediterrâneo.

Dessa forma, entrevemos a importância real da protagonista e a forma como esta foi sublimada diante de uma memória e de uma biografia cujos objetivos se prestaram exclusivamente à euforização do principado de Augusto, altura em que Sabina Loriga levanta

¹⁷⁷ STAUDT, Tarcísio; SANTOS, Luís Alberto Silva dos; BITARELLO, Jucelaine. *Um olhar da Psicologia sobre a religião. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016. P 440.

que “sua inatualidade não lança nenhum descrédito sobre a consciência histórica. Sem dúvida, ele conhece também a importância do esquecimento”¹⁷⁸.

Tal movimento, por parte da documentação textual, sugere a existência de uma questão não apenas do silêncio como instrumento de destruição ou apagamento, mas de sublimação, ainda que parcial da memória da protagonista, o que vai além deste fato e se insere em um campo de disputas simbólicas, nas quais ocultos sob a capa de divisões de poder, segundo Edward Said, “estão em jogo territórios e possessões, geografia e poder”¹⁷⁹. Para, além disso, Pierre Berthet reforça que “a antiguidade já viu períodos de comércio intenso ligando Ásia, África, Oriente Médio e Europa”¹⁸⁰, indicando a profundidade destas relações, que redundam na política e na religião, de Roma e Egito até a atualidade.

Cientes de que realmente eram regiões estratégicas e vitais que se encontravam em disputa, em fins do regime Republicano, no entanto se disputava também o lugar legítimo de poder, exemplificado de forma mais lucida, no fato de Otaviano Augusto e de seus escritores, entre eles Suetônio, demonstrarem empenho em eliminar *Cesarion*, filho nascido da relação da protagonista com Júlio Cesar.

Por ser a religião o elo de legitimação do poder político no mundo Mediterrâneo, a posição da protagonista enquanto sacerdotisa de Ísis e o posterior procedimento de Otavio Augusto de se apresentar como a continuação do Divino Júlio (*Divus Iulius*), bem como o favorecido dos deuses, assimila de forma não declarada, diversas nuances do culto a Ísis. A respeito deste tema, Andrzej Gillmeister, refere que pelo discurso de Suetonio, Julio Cesar e Otavio Augusto, deveriam ser descritos, um como Divino, e outro, como o favorecido dos deuses, portanto:

ligados de uma maneira bastante original ao início do culto de Augusto com pessoas cansadas da guerra e da agitação à espera de um salvador que traria paz. Ele alegou que esta era a fonte de honras dadas ao sucessor de César, por exemplo, a incorporação de seu nome em hinos religiosos¹⁸¹

Em ambos os casos, mas de forma mais evidente e clara no caso de Cleópatra, segundo Giovanni Levi, a protagonista, ao assumir o trono do Egito, “recebeu uma ‘herança imaterial’, que tentou interpretar a seu modo. Essa herança existe, mas não é separável de

¹⁷⁸ LORIGA, Sabina. **O pequeno X. Da Biografia á História**. Autentica: Belo Horizonte. 2011, p.161.

¹⁷⁹ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Editora Companhia das Letras: São Paulo. 1993, p.27.

¹⁸⁰ BERTHET, Samuel. **La découverte de l'Asie. Marco Polo et ses voyages**, Paris: Perrin, 2012, p.2.

¹⁸¹ GILLMEISTER, Andrzej (Zielona Góra). *Augustus Polonus. The Image of the Emperor in Polish Historiography in Inter-War Period*. Preliminary Remarks. **Studia Ceranea** 6, 2016, p. 257–270.

uma prática social, que lhe empresta corpo e eficácia”¹⁸², elemento esse materializado no fato de a protagonista dominar o idioma nativo do território que governava e se apresentar de forma equiparada em seu relacionamento com os romanos.

Entrando nos escritos de Martim Bernal, verificamos que o *esquecimento* a respeito do sacerdócio de Isis por Cleopatra se insere também, na dinâmica de não transparecer a presença do Egito em Roma, como um dos pilares fundamentais da própria identidade romana sob o Principado. Sendo entendida, como uma espécie de *sublimação* como estratégia, que posteriormente, “*fornecendo, em troca, argumentos em favor da noção de uma incontestável superioridade europeia sobre todos os outros continentes*”¹⁸³.

Pela grande projeção obtida não só pela propaganda executada pelo Principado, mas também pela presença pregressa do Culto a Ísis entre gregos e romanos, em um movimento não apenas de difusão, mas principalmente de infiltração, visto que, de início, essa deidade egípcia era venerada entre soldados, mercadores e escravos, para paulatinamente ser cultuada também entre os praticantes dos cultos oficiais, sancionados pelo Estado romano.

Compreendemos que a ação por parte do Principado se deu com vistas a enquadrar a sociedade romana dentro de um modelo restrito de *identidade*, que envolvia o culto, perpassava também pela pressão de Otaviano Augusto que leva o Senado a proibir oficialmente esse culto. Tal recurso ao silenciamento sobre um ingrediente cultural, com *reflexos identitários*, conforme sentencia Edward Said.

O extenso contexto de relações, que envolvem a protagonista para além de questões políticas, perante os Triúmviros¹⁸⁴ ou o Senado Romano, faz-nos entender a cultura, como uma fonte de identidade, e combativa, como nos revela Said, envolta em constantes “retornos” à cultura e à tradição. Esses ‘retornos’ acompanham códigos rigorosos de conduta intelectual e moral”¹⁸⁵, como podemos observar na relação aristocracia romana versus Cleópatra (ou ao temor cultural ou religioso do Oriente).

Todas estas nuances que amplificam a memória e as imagens decorridas, e projetadas de Cleópatra trazem à baila a força adquirida pelo orientalismo. Orientalismo este que simultaneamente se originou no que se pensava sobre o Egito e no que se descobriu

¹⁸² LEVI, Giovanni. **Herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Giovanni Levi; prefácio de Jacques Revel; tradução Cynthia Marques de Oliveira. — Civilização Brasileira: Rio de Janeiro. 2003, p.32.

¹⁸³ BERNAL, Martim. **Op. Cit.**, 2005, pp. 13-14.

¹⁸⁴ O Triumvirato foi instaurado em 55 a.C, como medida para superar a persistente crise política em curso, desde a gestão de Sulla. Podemos dividir entre o Primeiro Triumvirato, formado por Júlio Cesar, Pompeu e Crasso, e o Segundo Triumvirato, composto por Marco Antônio, Otaviano Augusto e Lépido, e encerrado após a batalha de Actium, em 27 a.C.

¹⁸⁵ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Editora Companhia das Letras: São Paulo. 1993, p.5.

cientificamente sobre este território, sobretudo após a expedição de Champolion, ao satisfazer de forma, ainda que parcial, os anseios e a imaginação de gerações inteiras, ao reverberar a construção do Oriente, como invenção do Ocidente.

Maurice Halbwachs faz emergir a questão do apagamento ou a tentativa de fazê-lo, como um dado a mais, onde a memória individual da protagonista se reflete na memória coletiva (a partir dos romanos e de Roma), para as gerações posteriores. O autor reforça que:

a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência, tal como verificada diante das várias nuances e apropriações executadas em relação a narrativa sobre Cleópatra, reaproxima momentaneamente. (...) é a combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, por que a traduzimos em linguagem.¹⁸⁶

Essa intervenção, revelada pelo esquecimento das funções sacerdotais de Cleópatra, por Suetônio, revela o temor referente à difusão de práticas mágicas, materializadas em atos como a cura de moléstias, por exemplo, entre a Plebe romana, justamente o extrato social que o principado de Augusto mais desejava controlar, para se contrapor ao patriciado representado no Senado, casa que de forma não declarada, também controlava.

Assim, o silêncio em torno do sacerdócio de Ísis por parte da protagonista, serviu ao propósito de enfatizar os cultos tradicionais, sancionados pelo Estado romano, na figura do *Princeps*, e reforçar o poder e a posição deste último enquanto supremo pontífice, a ocupar um lugar que, dadas as circunstâncias da paisagem religiosa do Mediterrâneo no Século I a. C., seria ocupado pela protagonista.

3.1 Porque o esquecimento de Cleópatra é uma problemática?

Tal evidência decorre do fato também de o culto a Ísis conferir à mulher, ou à sacerdotisa, a partir de suas transformações e singularidade, gestada a partir de sua chegada em Atenas, posição equivalente á de um sacerdote masculino. Além disso, Gaudefroi elenca sobre as diferenças existentes de forma mais contundente entre a mulher romana, grega, e egípcia, fator que poderia derivar em um choque muito intenso no tocante aos papéis atribuídos, visto que:

Se a mulher romana, ou grega, permanecia como um ser, eternamente menor na sociedade, sempre subordinada a um homem, pelo menos entre os extratos patrícios, a mulher egípcia poderia viver sozinha, possuir a propriedade, herdar, comprar e

¹⁸⁶ HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Biblioteca Vértice. Sociologia e política: São Paulo. 1990, p.14.

vender. Ela também tinha o direito de divórcio e poderia criar seus filhos sem a intervenção do marido.¹⁸⁷.

Nessa acepção, podemos afirmar que a posição de Cleópatra, como sacerdotisa de Ísis em Roma, poderia subverter tanto os papéis reservados ao homem e à mulher, no acesso ao espaço público, quanto poderia levar também ao solapamento total da posição dos grupos sociais, como as famílias tradicionais, que assistiam a crescente erosão de suas posições de poder, de sua legitimidade frente à plebe e ao avanço da *nobilitas*, do “partido popular”, dentro da *Urbs*. Isso seria altamente problemático em um cenário de câmbios culturais e religiosos tão intensos quanto o verificado por volta do ocaso da República romana.

Suetônio, ciente de todos estes elementos, na elaboração de seu discurso, evitou levantar a nuance religiosa da protagonista, porque não apenas tinha o potencial de reforçar práticas mágicas, mas também de situar Roma, na periferia, como um centro receptor e não emissor de orientações e referências religiosas.

A latência do silêncio de Suetônio pode ser projetada sobre as práticas religiosas incidentes até mesmo na instituição católica, que buscou de forma incisiva e obstinada, uma evidência de que o que descrevemos como “desvios” da doutrina central, ou hegemônica, prossegue independente do culto, reflexo dos temores dos extratos sociais dominantes, em nosso caso, o patriciado, ou as famílias mais tradicionais e antigas em Roma.

Novamente temos as colocações de Edward Said, quando este autor levanta que a imagem que se fazia de Cleópatra até pouco tempo atrás se baseava dentro do escaninho do que chamamos de invenção de um oriente exótico, místico, misterioso. Justamente o mesmo discurso emitido pelo principado de Augusto, o que Thais Rocha sentencia a seguir:

É preciso salientar que nessa projeção, a leitura e o uso dos textos clássicos que já faziam referência ao Egito, foram praticamente tomados como verdade, em especial por ideólogos do imperialismo e do positivismo do século XIX. É o caso da visão construída a respeito de Cleópatra VII a partir dos textos de Plutarco e da propaganda romana contra o Egito feita por Otávio¹⁸⁸.

Intuímos neste sentido que o curso da continuidade entre essas versões da memória da protagonista, vindas da Antiguidade, e a interpretação das mesmas em películas e outros recursos de projeção do imaginário e das utopias sociais vigentes em cada época, derivam sem dúvida deste orientalismo, articulado e ventilado no século XIX, como reflexo da corrida imperialista, posto que ter entre um protetorado, onde antes existira uma sociedade avançada, em diversos sentidos, se tornava um trunfo. E esta vertente explicaria o avanço da França

¹⁸⁷ GAUDEFROI, Olivier. **Op. Cit.**, 2018, p.41.

¹⁸⁸ SILVA, Thais Rocha da. **Fronteiras da Egiptologia Orientalismo, Helenização e Estudos de Gênero**. Universidade de Oxford. Ano VIII: 2016, p. 54.

Napoleônica e a ocupação britânica sobre o Egito, para além de fatores geopolíticos e econômicos.

Este conjunto ideológico expressa um misto de encantamento que deveria ser contido, para não degenerar em uma assimilação tida com “nociva” à identidade ocidental, no, romana, possibilidade esta acusada por Joana Clímaco, como uma extensão da visão romana sobre Alexandria, a considerar que por trás de Cleópatra, como grande personalidade, havia uma dinastia, um território de elevada importância e uma complexa e sofisticada cultura, que se projetava para dentro da *Urbs*, influenciando de forma decisiva para a formulação dos riscos de egípcianização, de orientalização, conforme o levantado pela autora:

O relato de Dion Cássio (História Romana: 50.25-27) enfatiza mais que o de Plutarco a ‘orientalização’ de Antônio, e demonstra como isso foi usado por Otávio como um dos fatores para influenciar a opinião pública. A propaganda romana contra Antônio enfatizou sua adoção de um modo de vida extravagante e típico dos orientais, embora pouco apropriado para um romano.¹⁸⁹

Portanto, diante disso, também aventamos que para além do banimento das práticas mágicas “vindas do helenismo egípcio”, porque alteravam a estrutura cultural e mental da plebe romana, punha em xeque o domínio dos *optimates* sobre a esmagadora maioria da população romana, visto que trazia elementos exógenos, cuja menção poderia ameaçar o significado do que era ser romano.

Muito desta identidade romana estava ligada aos cultos tradicionais, dos quais eram excluídos, desde os seus primórdios, grande parte da população da *Urbs*, conforme indicação de Hariadne Soares, a respeito desta nuance que compunha um dos alicerces da identidade romana, ao destacar que:

A religião romana tradicional excluía os escravos, os libertos e as mulheres da hierarquia organizacional do culto público. Logo, não é estranho que associações sacerdotais secretas pudessem representar uma ameaça ao culto cívico, principalmente porque muitos dos iniciados não tinham interesse em disseminar as tradições religiosas romanas.¹⁹⁰

Sem isto, segundo o observado até o momento, perderia-se uma das fontes do controle social das elites em Roma sobre a Plebe, que pela ordem vigente na religião oficial, poderia no máximo, assistir de longe aos rituais do culto oficial, sancionado pelo Estado. Contribuiu também para o afastamento da Plebe e dos grupos sociais não contemplados pela religião dos

¹⁸⁹ CLIMACO, Joana de Campos. *A Alexandria antiga refletida pelo olhar romano*. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**: São Paulo, 2013, p.110.

¹⁹⁰ SOARES, Hariadne da Penha. **Os cultos de Isis e Artagátis no Alto império Romano: Conflito religioso e formação de identidades nas *Metamorphoses* e *Dea Syria***. Centro de ciências humanas e naturais. Programa de pos graduação em História Social das relações políticas. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: 2011, p. 377.

deuses *Manes* (ou *Lares*, *Penates*) o fato de esta se manter restrita às famílias tradicionais e embasar as reivindicações dos *Optimates* de exclusividade no acesso às terras adquiridas com a expansão territorial de Roma, que ao mesmo tempo, redundava em prejuízos para os camponeses. A isso soma-se, os seguidos episódios de violência política e radicalização, como os observados em relação aos irmãos Graco, e a falta de resposta da religião oficial aos anseios e demandas trazidos pelos cenários sociais e políticos emergentes na *Urbs*, desde o Século II a.C.

Esses fatores combinados à política de assimilação, quando os exércitos romanos foram em direção às regiões helenizadas catalisaram a difusão dos cultos orientais de mistérios, a dizer o culto a Ísis como expoente, pelos diversos extratos sociais, sobretudo os mais apartados pela religião tradicional, o que contribuiu não apenas para seu crescimento, mas também para sua identificação com as práticas de cura e magia, elementos que o principado de Augusto tentava reverter a partir do século I a. C; que não poderia, portanto, ser mencionado por Suetônio.

Decorre também destes fatores subjacentes a grande projeção de Cleópatra na sociedade romana, afinal, ela representava antes de qualquer coisa, a fonte difusora do principal culto de mistérios em Roma e grande presença que lhe rendeu em termos de cultura material, visíveis em muitos templos em ruínas, encontrados em Roma, Pompéia, Delfos/Atenas e muitas outras localidades dos territórios romano e grego.

Por isso, o temor de Suetônio em dar memoração às práticas mágicas, que se creditava estarem associadas ao culto a Ísis e a todos os outros que haviam se tornado lunares, posto que poderia ter o efeito de reforçá-los, de fixá-los na lembrança da Plebe, como algo constituinte de seu cotidiano e de suas próprias práticas religiosas e não como um elemento simplesmente estrangeiro, originário do Egito, do Oriente, posto que no Egito, Ísis continuava sendo uma deidade solar.

Variáveis em conta podem vislumbrar que a ascensão de tais práticas contribuiria para forçar uma nova divisão dentro da sociedade romana, vinda de um longo período de guerras civis, durante todo o século I a.C, detalhe este que Suetônio, na tarefa de descrever a trajetória de Cleópatra na sociedade romana, procurou sublimar, justamente por se tratar de um dado crítico, o qual tentou reduzir em seu relato a face política e as estratégias passíveis de serem utilizadas pela protagonista. Além disso, revelar o sacerdócio de um culto tão presente entre a população romana, teria o potencial de comprometer o ideário em torno da cidadania romana.

Por esta razão, ao observar, percebemos que o obstinado esquecimento a respeito do papel da protagonista, enquanto sacerdotisa de Ísis, guarda estreita relação com o objetivo do

principado de Augusto de manter sob estrito controle, os *optimates*, as famílias tradicionais, presentes no Senado e que chegaram a ordenar sob a batuta do *princeps*, a destruição de templos e altares dedicados à deidade egípcia em Roma, segundo as afirmações de Leonie Hayne, a saber:

A primeira hostilidade que ouvimos ocorre em 59, o consulado de César e Bibulus. É referido brevemente por Tertuliano, como precursor de uma manifestação popular no início de 58. Cerca de 59, pouco se pode dizer, exceto que o Senado ordenou a destruição de altares no Capitólio, e que aparentemente nenhum cônsul mostrou simpatia pelo culto.¹⁹¹.

Nesta perspectiva, tomamos conhecimento de como a sombra do *Uraeus* da protagonista se projetou sobre o Rio Tibre e influenciou de forma tão decisiva e importante na constituição da identidade naquela sociedade. Logo, ao exercer o papel de aliada de líderes romanos e ao mesmo tempo, por sua posição, como soberana no Egito, Cleópatra, apesar de não deter nem o *Cursus Honorum*, nem a cidadania romana, posiciona-se justamente por ser a sacerdotisa de um culto tão importante para a confecção da identidade romana. E dentro deste cenário, percebemos a influência do modelo alexandrino em Roma, outro ponto que precisava, na visão do Principado de Otavio Augusto, ser sublimado. A tal modo como se não tivesse existido. Sobre isso, Henry Riad ressalta que:

um dos primeiros objetivos de Otaviano após a conquista romana do Egito era explorar suas terras ricas em grãos. Ele contratou o exército romano para reconstruir os diques e limpar os canais, que sofreram negligência durante o final do período ptolemaico. Em alguns anos, a inundação do Nilo foi muito baixa ou muito alta e resultou em uma escassez de grãos. Além disso, as revoltas nativas ocasionalmente causavam devastação de terras de grãos em partes do Egito. Em 19 d.C, a fome no Egito era tão séria que o imperador Trajano ordenou que a frota de grãos retornasse de Roma a Alexandria para aliviar o sofrimento dos egípcios.¹⁹².

O trecho supracitado indica que o fato de o Egito ser um território crucial para Roma e estar sob a regência da protagonista mostrou-se um ponto nevrálgico, cujas origens não poderiam ser mencionadas, visto que dariam a ela a legitimidade do lugar ocupado, não apenas em Alexandria, mas também em Roma, conferida para a mesma, a *Dignitas* de que desfrutavam magistrados e sacerdotes romanos, um recurso que somente o *princeps* poderia deter.

A protagonista, ao se apresentar como “*Nea Isis Theodera*”, não apenas tomava seu assento no trono do Egito, mas controlava os recursos como a farta produção agrícola e tributária daquele território, como também dava enlevo a memória e retomava as tradições

¹⁹¹ HAYNE, Lionie. **Isis and Republican politics**. (By University of Sydney. Acta Classica. XXXV. Sydney: 1992, p.144.

¹⁹² RIAD, Henri. **Egyptian Influence on Daily Life in Ancient Alexandria**, In: Alexandria and Alexandrianism. The J. Paul Getty Museum Malibu, California: Malibu. 1996, p.35.

existentes naquele território, antes mesmo da chegada dos Ptolomeus, as quais foram por eles assimiladas e reinterpretadas. Por isso, vemos em Suetônio e no principado de Augusto, um movimento de reação, uma tentativa não apenas de apagar, mas de ocupar o lugar da protagonista, enquanto legítimo controlador dos recursos daquele território, o que a mesmo autor destaca diante de um determinado aspecto:

O transporte do tributo aos grãos que Roma cobrou do Egito foi provavelmente a empresa marítima mais ambiciosa do mundo antigo. Durante os primeiros três séculos do período romano, 150.000 toneladas (vinte milhões de modii) foram enviadas anualmente de Alexandria para Roma, nos maiores e mais rápidos navios do dia. Em Alexandria, o grão foi armazenado em grandes celeiros para aguardar o embarque para Roma. A frota de grãos normalmente navegava como uma unidade no início da primavera, provavelmente em abril. A viagem levaria pelo menos um mês, às vezes dois; a frota chegou ao porto de Roma, provavelmente no início de maio.¹⁹³.

A atenção e os cuidados dedicados à protagonista refletem pelo que podemos aventar, tudo o que ela representava em si, indicativo de sua projeção, que se estendia para muito além das questões em torno de sua soberania e de seus interesses em relação a Roma. Dessarte esta situação, expõe a profundidade que a protagonista teve no imaginário romano e as razões de sua memória ter sido cultivada ao longo do tempo, a princípio pelos extratos letrados em Roma, de forma oficial, mas também pelos grupos subalternos, através da cultura material.

Michael Pollak ressalta que, “conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um, ou outro aspecto”¹⁹⁴. Cientes de como se dá o registro da memória, de forma diferenciada, tornada evidente entre os mecanismos oficiais e a lembrança mantida por grupos sociais ditos subalternos, pois estes últimos, não deixam seus registros ou sua voz na documentação textual, nos documentos escritos, e via de regra, é dos documentos escritos, que se originam as informações que prevalecem sobre a vida da protagonista, evidência que Paul Ricoeur declara, de forma cabal, pormenorizando que, nesta perspectiva, o esquecimento é um elemento crucial, visto que:

a *memória* é por natureza seletiva, pois ela é o repositório da identidade, e a partir dela, se embasou a formulação da instituição de um paradigma ligado intimamente, e sendo assim, ela precisa do esquecimento, para que os elementos importantes para a construção da identidade e da história, possam se efetivar sem entraves, muito embora os elementos “esquecidos” possam subsistir de forma subterrânea, vindo á superfície sempre que a memória hegemônica não predomina.¹⁹⁵.

Não tendo, conforme vimos, aceso à documentação e aos registros escritos, os adeptos do culto a Ísis em Roma, em sua maioria, integrantes da Plebe, somente poderiam deixar

¹⁹³ Idem, pp.35-36.

¹⁹⁴ POLLACK, Michael. **Memória, silêncio, esquecimento**. Estudos históricos, v. 2, n. 3, 1989, p. 8.

¹⁹⁵ RICOEUR, Paul. **Memória e esquecimento: O contexto histórico**. Rio de Janeiro: 2003, p.1.

evidências a partir dos templos e altares em que executavam sua liturgia, assim, como se ater a eles, para tentar preservar sua memória, sendo esta também de mais complexo acesso a gerações posteriores e a razão principal pela qual predomina, de forma hegemônica, a versão da memória da protagonista, processada pelo principado de Augusto em Roma.

A configuração e a forma, como a narrativa nos transmitiu é, em muito, tributária desse estratagema que transformou a versão oficial do relato, em elemento que poderíamos descrever como “História única”, haja vista que não houve documentação textual originada pela protagonista, somente por seus detratores. Esse tipo de narrativa, acentua o papel da protagonista, como uma persona secundária ou periférica em relação aos magistrados romanos, sublimando por completo, sua real atuação e o fato de ter se portado em posição de equivalência com estes últimos.

A memória dos grupos, mais volátil que a memória oficial, vislumbra a prevalência das versões transmitidas pela documentação textual, na qual se inscreve o relato de Suetônio. Deste modo, a *memória coletiva* tal como a obtida pela Plebe, só retém do passado aquilo que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém, ou seja, a memória de uma sociedade tem o limite da duração dos grupos”¹⁹⁶.

Por este fator e pelos esforços de apagamento de todos os segmentos que não eram de interesse, recebemos uma visão tão reducionista da memória da protagonista, seguindo as diretrizes do que deveria ser realçado e do que deveria ser esquecido, para formular a narrativa, segundo o formato que o principado de Augusto desejava, ou seja não apenas registrar em seus arquivos, mas também perpetuar através da passagem desta história adiante, para as gerações vindouras de políticos romanos.

As relações de poder, na *Urbs*, terminaram por definir o formato aferido pela memória de Cleópatra, como a simples amante de Júlio Cesar, para refratar a presença pregressa da protagonista no seio da sociedade romana, como representante do culto isíaco, para implantar o suposto resgate das tradições latinas, em que o próprio *Princeps* surge como seu articulador máximo. Envolta neste contexto sobre como a memória oficial se contitui, Maria Ansara reforça que:

A memória histórica ‘oficial’ tem sido produzida pelos diferentes equipamentos sociais no sentido de apagar os vestígios que as classes populares e os opositores vão deixando ao vinculada a nenhum tipo de controle de poder, muito pelo contrário, está diretamente vinculada ao longo de suas experiências de resistência e luta num esforço contínuo de exclusão dessas forças sociais como sujeitos que forjaram e estão forjando também uma outra história, nunca narrada oficialmente”¹⁹⁷.

¹⁹⁶ ANSARA, Soraia. Op. Cit., 2012, p. 48.

¹⁹⁷ ANSARA, Soraia. Idem. 2012, p 51.

Assim, revela-se o desafio, de entrever as linhas e entrelinhas da memória da protagonista, de forma a separar dentro do discurso de Suetônio as evidências mais definitivas de tal silêncio. Silêncio este que já vinha contido nos arquivos compilados que o autor consultou para discorrer sobre a vida dos Césares, relato que integra e narra sobre a vida da protagonista, entre as razões possíveis, está não somente a sublimação da existência das práticas mágicas¹⁹⁸, mas também o afã de colocar somente os magistrados e *Princeps* romanos em lugar de protagonismo.

Porquanto, a memória da protagonista se apresenta como um relato literário, cujas omissões e sublimações são confrontadas, afirmamos novamente, pela cultura material, no tocante a sua condição de Sacerdotisa, uma estratégia para enterrar toda possibilidade de dissenso e negar o acesso a este passado da protagonista aos integrantes da Plebe. Maria Ansara na questão da memória relata que:

*o dissenso é um elemento fundamental e necessário à elaboração de políticas da memória que possam se contrapor a uma memória oficial e consensual que tende a apagar as lutas de resistência da nossa sociedade, impondo saberes e imaginários coletivos que acabam sendo assimilados pelos indivíduos negando a esses mesmos indivíduos e à sociedade, especialmente aos extratos sociais não patrícios, o direito ao passado quando este não era de interesse do Estado romano*¹⁹⁹.

Isto envolve mais do que interesses políticos no contexto romano. Adentra as redes religiosas que envolveram o principado e a formulação da posição do *Pontifex Maximus*, de modo a que este ocupasse o lugar da protagonista, enquanto promotor da restauração da República (*Republica Restituta*), gravitando esta no entorno de Otavio Augusto. Neste sentido, a protagonista, na verdade, teve seu lugar ocupado pelo *Princeps*, com vistas a apagar as fontes de conflito religioso na sociedade romana, cujo fundo era social e político.

Neste panorama, a cooptação e reedição da narrativa religiosa originada pela protagonista se apresentou como outra estratégia do principado, que mesmo não mencionada por Suetônio é indício do que Carlos Eduardo Campos assenta como “evidências de inimizades oriundas da política de Otávio que vão transitar da hostilidade à cooptação político-religiosa”²⁰⁰.

Tal cooptação visava a dignificar a posição de Otavio Augusto como detentor dos recursos do Egito, além do pacificador de uma sociedade romana, que abarcava toda a bacia

¹⁹⁸ Ingrediente, este, citado nas *Metamorphoses* de Apuleio, no qual, um cidadão romano, termina transformado em Asno, e recorre em prece á deusa Ísis, para recobrar sua forma humana. Já descrito em A difusão do culto isíaco no Mediterrâneo antigo: uma análise da obra *Metamorphoses* de Apuleio de Madaura (Século II), de autoria de Hariadne da Penha Soares. Rev. Hist. UEG – Porangatu: v.5, n.2, 2016.

¹⁹⁹ ANSARA, Soraia. Op. Cit., 2012, p. 304.

²⁰⁰ CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. Op. Cit., 2017, p.229.

do Mediterrâneo. Dessa forma, o *Princeps* procurava legitimar sua nova posição, sempre receosa quanto á evocação dos cultos orientais de mistérios, uma das razões pelas quais Suetônio relatou sobre o sepultamento da protagonista, “dando ordens para que o mausoléu cuja construção havia sido iniciada pelo casal deveria ser concluído”²⁰¹.

A versão executada a respeito deste pormenor da vida da protagonista, embora autores gregos e romanos, afirma que sua morte tenha se dado por suicídio. A parcialidade dos mesmos e as circunstâncias nas quais, produziram seus escritos, levantam dúvidas a respeito da fiabilidade destes relatos em relação, ao que de fato, pode ter ocorrido.

Por esta razão, discorreremos sobre a protagonista e toda a narrativa que a cerca, inclusive a questão religiosa, que de acordo com as informações até o momento verificadas, indica ser o mote central e de forma pregressa, não levantado ou abordado. Provavelmente um dos reflexos não esperados da prolongada “retomada” desta versão sobre Cleópatra, assimilada e apropriada a partir de Suetônio pelas gerações posteriores, guarda relação tanto com a egiptomania, com o encantamento por um oriente tornado ou representado como místico, e em especial com o imperialismo constituído na Europa do século XIX, que determinou que ter entre seus domínios, o território antes pertencente a uma sociedade tão avançada como a egípcia, seria uma demonstração da grandiosidade do próprio império britânico.

Porém, retornado à pertinente construção da memória da protagonista, Ricouer destaca a importância desta constituição para a persistência desta versão. Segundo o autor, “*ocorre sobre este fenômeno, a apropriação do passado como a memória ou o relato histórico propriamente dito, sobre a trajetória de Cleópatra na História e na memória constituinte a partir dela*”²⁰². Realizamos a ponte com este pensamento, vislumbramos, quando a partir de Halbwachs que ela se estende à *memória coletiva*, no caso da memória da protagonista, constituída fora da documentação textual, torna-se problemática, visto que está lastreada na lembrança, conforme citação abaixo:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais por que lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é

²⁰¹ TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. (No original em Latim, *De Vita Caesarum*). Escrito na península itálica. No Século I d.C. (Agosto, 17. 6 II).

²⁰² RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Unicamp. Campinas: 2007, p.2.

fixa-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.²⁰³

No intuito de agregar à colocação de Halbwachs, lembramos o fato de a *plebe*, aqui incluindo adeptos do culto de Ísis em território romano e grego, não ter tido acesso a documentação textual não ter, em grande parte, um grau de presença junto ao Estado romano contribuiu para que os aportes realizados pela protagonista, que originaram benefícios para Roma, fossem conduzidos ao esquecimento, à medida em que as gerações eram paulatinamente substituídas. Com elas, estas memórias que poderiam euforizar Cleópatra VII, se perderam e relatos como o de Suetônio e Plutarco tornaram-se hegemônicos em relação aos demais documentos da época que podem ser encontrados a respeito da vida de Cleópatra.

Ao seguir o encadeamento verificado nas entrelinhas do que declara Suetônio, percebemos que a protagonista foi uma persona na sociedade romana, muito maior do que aquela que realmente foi retratada, porque representou um choque, a quebra da ordem social e religiosa vigente na *Urbs*, que sofreu forte abalo dado o período de crise que a sociedade romana experimentou, a partir do século II a.C, com o fim das Guerras Púnicas e o início de numerosos conflitos civis.

Reforçamos que a conjunção entre este período de crise e a política de assimilação de outras deidades e sua equivalência com figuras do panteão romano, a partir de suas características e atribuições e a acessibilidade do culto a Ísis, vindo primeiro com os mercadores que atuavam por via marítima e com os soldados que voltavam do Leste, sobretudo da Grécia, favoreceram a difusão e posteriormente a infiltração deste culto no corpo social romano.

Sob esta perspectiva, os autores Pepita Afiune e Jose Loures, sob a forma de jogos, destacam as representações a respeito desta divindade, descrevendo assim:

O jogo apresenta Isis em uma de suas várias representações clássicas, quando ela recebeu uma influência de elementos da deusa Hathor, com os cornos de uma vaca e um disco solar. (...) Suas asas estão relacionadas a seus poderes mágicos como a ressurreição dos mortos. Os adornos de ouro na estátua compõem as paisagens das cidades (...) o ouro adorna templos, esculturas e os faraós, conferindo uma imagem de riqueza e poder.²⁰⁴

Optando por tentar reverberar uma versão da *memória* da protagonista que estivesse alinhada à ideologia propalada pelo principado de Augusto, assentada no objetivo constante de constituir uma História e narrativa única, cuja versão seria tratada não como uma realidade

²⁰³ HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Biblioteca Vértice. Sociologia e política: São Paulo. 1990, pp.80-81.

²⁰⁴ AFIUNE, Pepita de Souza; LOURES, José. **O Orientalismo e as representações do Egito Antigo em Age of Mythology**. Vários Orientes. 2007, p.394.

possível, mas sim, como realidade e registro absoluto, cujo simbolismo encontra na protagonista a representatividade de todos os elementos supracitados a respeito do que era para os romanos o Egito, para além de “celeiro do Mediterrâneo”. Um território estratégico e gerador do panteão que originou a construção da narrativa de Ísis, e refletor de riqueza e de conhecimentos antigos que a sociedade romana almejava conquistar.

Adentrando os signos contidos em torno de todo o imaginário constituído em torno da memória e das imagens de Cleópatra VII, constatamos que este se lastreia mais profundamente e adquire significado polissêmico. Detalhe que é pontuado por Carlos Serbena, que sobre o imaginário e os signos, observa como:

Este teria como fundamento o signo e aquele o símbolo. Nesta concepção, o símbolo é vivencial, polissêmico, liga-se a imagens, remete a um significado invisível e não passível de ser traduzido em palavras, ele é a melhor expressão possível de algo relativamente desconhecido enquanto o signo possui significado convencional, unívoco e opera com experiências definidas e discurso lógico e racional.²⁰⁵

O discurso de Suetônio (64 a. C- 120 d. C), documento, *a priori*, racional, visava a protestar contra o procedimento de políticos em Roma, em sua época como também a presentear o prefeito do Pretório com uma grande obra escrita, a seu ver. Ao discorrer sobre a protagonista não considera estar incidindo sobre os mesmos os temores e pressuposto existente dentro do extrato social patricio, para a formatação de seu ideário, para apontar nela o que considerava como uma força externa a Roma, e portanto hostil não apenas como Estado, mas como uma provável matriz de sedições e revoltas que poderiam emergir contra o Patriciado, uma vez que sem estarem inseridos no culto oficial, indivíduos e grupos estariam também fora do controle dos laços tradicionais que vigoraram até meados do século I a.C.

3.2 Cleópatra, o cinema e a literatura.

As representações da protagonista, executadas na atualidade, em especial pelo cinema, têm reforçado e endossado este silêncio, além de serem apropriações ou recortes de interesse do cineasta ou diretor que produz a película. Por sua vez, está inserido dentro de um contexto social e político que o motiva a realçar determinados aspectos sobre a vida da protagonista em detrimento de outros.

Por este motivo, as películas mais célebres a respeito dela, como Cleópatra de 1963, a mais conhecida, estreada por Elizabeth Taylor e Rex Harrison. Tal como verificado em todas

²⁰⁵ SERBENA, Carlos. **Imaginário, ideologia e representação social**. Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas. UFSC. Florianópolis: 2003, p.8.

as películas anteriores produzidas a respeito da protagonista, como a de 1934, sob a direção de Cecil B. De Mille. Esta última bastante disforizante não só em relação a Cleópatra, mas também a todo elemento oriental e egípcio, apresentado nesse contexto, exacerba os preconceitos e *etnocentrismo* vigente, oriundo do final do século XIX e vigoroso na primeira metade do Século XX. Os diretores se apropriaram da narrativa de Suetônio e a interpretaram segundo seus objetivos de legitimação da hegemonia cultural, econômica e da ciência ocidentais, em contrapartida a um oriente místico e atrasado, voltado mais para o esoterismo, do que para questões práticas da vida.

Tal expediente remete ao que declara André Bonsanto sobre a questão do elo entre o passado e o presente executado pela *memória* e sua *seletividade*, posto que o cinema faz eco ao discurso de autores do principado de Otavio Augusto, refletindo o quanto:

A memória propagada no e pela mídia, neste caso, o Cinema, é uma memória institucionalizada, construindo e legitimando uma realidade no momento de sua produção, a partir do momento em que seleciona aquilo que deve ou não ser noticiado, conhecido e lembrado. Portanto, os diretores tornam-se uma espécie de “senhores da memória” da sociedade que “ao legitimar o acontecimento, divulgando-o e tirando-o de zonas de sombra e de silêncio, impõe uma visão de mundo que atua outorgando poder, neste caso, retirado de uma narrativa da Antiguidade, para defender sua bandeira no presente”²⁰⁶.

Levando em consideração a relevância do esquecimento para o tipo de enfoque que temos sobre Cleópatra e todas as nuances e pormenores que envolvem sua trajetória, podemos sentenciar que a contribuição de Suetônio em relação à importância que a protagonista teve no contexto de transição política, social e cultural em Roma, abre para nós uma espécie de jogo de luz e sombra, através do qual a partir não apenas pelo foco dedicado pela documentação da época, nesse caso, o livro *A vida dos doze Cesares*.

Uma ótica verificada sob este ângulo, leva-nos a refletir também que não apenas a forma como o passado é registrado conduz outros autores que versam sobre o tema, como Douglas Atila Marcelino, a propor sobre a forma das apropriações e aplicações de imagens e referências do passado. Neste caso sobre Cleópatra, deu-se na arte, particularmente no Cinema. Marcelino descreve como a:

indicativa dos estudos sobre os usos do passado e as formas de experimentação do tempo e da memória se beneficiam de uma abertura ao campo da arte e da literatura: (...) podemos ter contato com uma densa e imaginativa reflexão sobre as implicações

²⁰⁶ DIAS, André Bonsanto. **O presente da Memória: Usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabranda'**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2012, p. 97.

de uma postura obsessiva em relação ao passado por meio da análise da presença do topos literário da cegueira advinda do excesso de claridade.²⁰⁷

Isso posto em questão, observamos como a disposição gerada ou preexistente entre diretores e cineastas para desconsiderar as lacunas verificadas pelo meio acadêmico em relação à protagonista, repetem-se de forma reiterada e persistente, a indicar ligação sub-reptícia com o discurso do imperialismo e da divisão do mundo em Oriente X Ocidente, aqui representados respectivamente por Cleópatra de um lado e a sociedade romana de outro. Berthet distingue neste movimento, a atuação de um imaginário social, construído e reforçado “É de fato uma narrativa (...) banhada nas representações herdadas (...) e as descrições lendárias foram um passo decisivo para o conhecimento mais íntimo de um mundo asiático extremo”²⁰⁸, por que mentalmente distante.

Tal posição desconsidera por completo a circularidade cultural existente no Mediterrâneo desde o século II a. C, bem como a assimilação de cultos estrangeiros, equiparados e associados a divindades romanas, à medida que se processava a expansão territorial romana por todo o Mediterrâneo.

Entretanto, ao desconsiderar elementos como a propalada “licença poética” pode afirmar que o cinema tem atuado em relação à Cleópatra, como uma espécie de legitimador dos discursos produzidos a respeito dela, por Suetônio, Plutarco e Dion Cassio, que já a retrataram enquanto simples amante de Cesar, mulher fatal e rainha do Egito, a sublimar, de forma proposital, outros elementos cruciais para a compreensão a fundo da história não só dos protagonistas, mas de toda a sociedade romana e Mediterrânea.

Com essa perspectiva, podemos asseverar que a arte em geral e o cinema em particular têm servido muito mais como instrumento de endosso e legitimação de discursos ditos hegemônicos do passado, evocados para legitimar a fruição e a dinâmica das relações de poder do presente. Para tanto, ocorre a eleição do que será esquecido e do que será lembrado. Débora Kreuz e Fernanda Feltes levantam que estas memórias:

são eleitas pelo seu legado histórico e cultural que serviu como instrumento de conhecimento e de comunicação, desempenhando um poder estruturante de construir uma realidade que tinha a tendência de estabelecer uma ordem, em particular do mundo social que conjectura aquilo, a partir do passado, com vistas ao presente.²⁰⁹

²⁰⁷ MARCELINO, Douglas Atilla. **Tempo presente e usos do passado: Qual o lugar da epistemologia?** - VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio da (orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2012, p.163.

²⁰⁸ BERTHET, Samuel. **La découverte de l'Asie**. [samedi 10 novembre 2012] Pierre Racine Marco Polo et ses voyages, Paris: Perrin, 2012, p. 4.

²⁰⁹ KREUZ, Débora Strieder; FELTES, Fernanda. **Apresentação da mesa: Os usos do passado no presente**. *Aedos*: Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS: Porto Alegre. 2016, p.372.

Concorre-se assim, para o conhecimento enviesado que o grande público tem sobre a protagonista, haja vista cristalizarem-se praticamente todas as apropriações que a arte fez de sua memória e da narrativa que a envolve. O que não podemos desconsiderar neste cenário é principalmente a persistência em ecoar o discurso de Suetônio, que retrata a protagonista, ora como mulher fatal, ora como uma persona extremamente bela, e atribuir-lhe, a posse dessas características o logro em seus interesses políticos, desconsidera por completo, importantes fatores aqui já observados.

Esse episódio é amplamente citado por Suetônio, entretanto, sem deixar de sê-lo por parte de Plutarco e Dion Cassio, em suas respectivas obras, “*Vidas Paralelas*” e “*História de Roma*”. Nesse interim, vemos através da projeção obtida pela protagonista, a atuação germinal do que denominados de egiptomania, ou o encantamento pelo Egito antigo em particular e pelo Oriente em geral, como um mecanismo da busca pela própria grandeza também das sociedades ocidentais, algo que já se verificava nos discursos e narrativas de escritores romanos.

Também consideramos que foi deste misto de fascínio e temor que escritores da era moderna como Shakespeare, obtiveram a matéria-prima para tecer suas obras, ao utilizarem a Antiguidade e a memória da protagonista, enquanto pano de fundo, para as críticas políticas e arguições em sua própria época, ao que tudo indica, observavam similaridades decisivas entre a protagonista e seu círculo de relações, na sociedade romana e o tempo da política em que estavam eles próprios inseridos. Como expoente desta situação, Yvonne Hann levanta sobre a forma como Shakespeare retratou Cleópatra, componente a:

que a história antiga na condição de fonte, passou a fornecer textos altamente relevantes para a investigação política, independentemente do gênero da monarca, e da época retratada. Examinando as maneiras pelas quais essas peças interagem com a cultura e as construções de gênero e poder e como elas interagem entre si, este estudo ilustra a complexa relação entre literatura e cultura.²¹⁰

Desta maneira, percebemos a amplitude da presença da protagonista e de sua memória, reflexo de força e de profundidade que ela tomou devido a sua fixação no imaginário e, por conseguinte nas imagens constituídas a partir da documentação textual romana e grega. A dimensão da presença da protagonista como uma personagem de múltiplas produções artísticas, indica que Cleópatra teve grande eminência, devido justamente a sua importância para a configuração da identidade social romana, na transição da República para o Principado.

²¹⁰ HANN, Yvonne. “**Royal Wench: Investigating Gender and Power in the Antony and Cleopatra Plays of the English Renaissance.**” A thesis submitted to the School of Graduate Studies in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctorate of Philosophy Department of English Language and Literature. Memorial University of New Foundland: 2009, p.2.

Prosseguimos a respeito deste tópico, acerca do fascínio e do temor, simultâneos, que a elite patricial romana nutria por Cleópatra, como representante do Egito, assim como de todos os elementos que o integravam e que inclusive se faziam presentes em Roma, o que engendrou, de forma perene, a busca por este território, como detentor de uma substância diferente, exótica, mística ou misteriosa (aqui, podendo incluir os chamados cultos orientais de mistérios) que o tornava singular, mesmo em relação a outras regiões do Mediterrâneo. Podemos inferir que entre eles estava o fato de o Egito ser não apenas o território mais próspero daquela região, mas também o de ser irradiador de um novo culto que poderia pôr em xeque a construção da identidade romana, uma e coesa, tal como a declarada pelo principado de Otavio Augusto.

Dessa forma, se torna crível a conjectura de que o silêncio de Suetônio, combinado com o enfoque dado à memória da protagonista, sob a ótica de sua ascensão, como a ascensão também de um mundo helenístico, oriental, que não poderia receber ênfase ou enlevo a partir da documentação oficial, contribuíram para a formação de um imaginário mítico em torno da protagonista. E este imaginário influenciou decisivamente na formação da egiptomania, algo que Gregory Balthazar e Margareth Bakos salientam aventando a questão de Champolion e da pedra de Roseta, quando de sua estada no Egito, ponderando:

quando Jean François Champolion comunicou à Academia Francesa de Belas Artes a decifração dos hieróglifos – marco do nascimento da egiptologia como ciência – que as coisas foram estabelecidas como deveriam: a *egiptomania*, que é a reinterpretação e o reuso de traços da cultura do antigo Egito, de uma forma que lhe atribua novos significados; a egiptologia, que objetiva estudar e salvaguardar, com rigor científico, os traços deixados por esta civilização; e, ainda podemos citar, a *egiptofilia*, que é o gosto pelo exotismo e pela posse de objetos relativos ao Egito antigo.²¹¹.

Temos então aqui uma das molas propulsoras para que a memória de Cleópatra terminasse por ecoar e permanecer no imaginário e na lembrança de diferentes gerações, reforçada pela busca por reminiscências que o historicista do século XIX promoveu quando da expansão imperialista europeia sobre a África e a Ásia.

Esta aceção nos auxilia na elucidação sobre os fatores que concorreram para a proporção tomada pela memória da protagonista. Um dos componentes que mais chama nossa atenção diz respeito à perpetuação do silêncio sobre o fato de Cleópatra se apresentar como “*Nea Isis Theodera*”, nova deusa renovada, ou simplesmente a Nova Ísis, também sacerdotisa

²¹¹ BALTHAZAR, Gregory; BAKOS, Margareth. **Encontro de Tempos: A Rainha Cleópatra no limiar da ciência e da imaginação.** Revista Historiador Especial Número 01, disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>. Ano 03. 2010, p.38

desse culto. Um traço que indica a assimilação da recusa oficial às práticas mágicas pregado por principado e indicativo de da sublimação executada em Roma, ainda no século I a.C.

Sob este pressuposto, a compreensão geral da narrativa da protagonista, considera todos os fatores já citados anteriormente, vemos, por parte da arte (que é o canal que atinge a grande maioria do público mais leigo, e também parte do acadêmico), um processo de apropriação muito parcial e enviesado, que desconsidera totalmente as evidências deixadas pela cultura material, que envolve desde as ruínas de templos de Ísis em Pompéia e em Delfos, até as moedas encontradas em diversas áreas do Mediterrâneo oriental.

Dito isso, temos em mente a magnitude de quanto a protagonista, com sua grandeza projetada do Egito, Grécia e Roma, contribuiu de forma tributária, para o desenvolvimento da egiptomania, uma forma de obsessão que reflete a admiração e o fascínio por aquela sociedade, e por todas as suas de lidar com questões transcendentais, como a perspectiva do provir após a morte, e com o cotidiano prático de grupos sociais externos à dinâmica dos cultos tradicionais.

A presença do culto a Ísis e a maneira como seus elementos foram equiparados e assimilados aos de deidades romanas e gregas, e a sobrevivência dos mesmos até mesmo sob o advento do cristianismo, dado que havia identificação entre características de Ísis com as principais deidades femininas em Roma, propiciando a circularidade cultural, devido aos elementos existentes em comum entre a Ísis helenizada e Vênus/Afrodite e Demeter.

Pelo que podemos verificar, a permanência de Cleópatra no imaginário popular, fez com que a sociedade egípcia, seja nos períodos faraônico, ptolomaico ou romano, torna-se a joia dos exploradores e arqueólogos, ávidos de conhecer os pormenores daquele rico território, eo qual a protagonista representa em si, o lugar ocupado pelo Egito e todos os questionamentos trazidos pela farta monumentalidade existente, não apenas no território egípcio, mas projetada em outros locais, através de Obeliscos, localizados em praças e bulevares de diversas metrópoles na Europa e nas Américas. Prosseguindo a respeito desse detalhe, Berthet explana que este relato, envolve “História geográfica, livro de lendas, enciclopédia, manual comercial, espelho de príncipes (...) explora todas as avenidas da gênese e construção desta narrativa”²¹²

A partir das perspectivas exploradas até o presente momento, vislumbramos como este imaginário se perpetua e é sustentado pelo tecido social e pelas recorrentes representações que as instituições de poder e seus detentores, tomam sobre si, sobre os demais e sobre sua

²¹² BERTHET, Samuel. **La découverte de l'Asie**. Pierre Racine Marco Polo et ses voyages, Paris: Perrin, 2012, p. 3.

cosmovisão, buscando, no mais das vezes, a inspiração no passado; projetando a forma idealizada deste passado sobre o presente, enquanto espaço de transformação; e, sobre o futuro, como a busca por algo que deve ser recuperado, ou por um Éden ainda a ser alcançado.

3.3 Cleópatra, o protagonismo e a egiptomania

Por ser também o Ocidente o ponto de partida da egiptomania, a protagonista recebeu uma projeção ainda mais catalisada, justamente devido ao forte fascínio exercido pela sociedade egípcia sobre um Ocidente que no Século XIX buscava na grandeza das sociedades antigas a projeção de elevação do crescimento que desse enlevo a seu projeto imperialista e nacionalista, vigente na Europa ocidental no século XIX, á frente países como Grã-Bretanha e França, os quais mais procuraram por artefatos e textos da sociedade egípcia, por ser esta, desde a era medieval, um dos pontos centrais de referência da Antiguidade.

Dentro deste quadro, verificamos desde muito tempo a projeção de Cleópatra como grande estadista, e persona de primeira magnitude, cuja relevância a narrativa de Suetônio, sob o principado de Otavio Augusto, tenta silenciar e sublimar, ao escamotear as raízes da projeção obtida pela protagonista, como presentes na religião e na assimilação do culto a Ísis na sociedade romana, através das homenagens feitas por Júlio Cesar à protagonista, quando de sua estadia em Roma.

Sobre a imaginação existente, persevera-se como parte da ideologia fundamental que guia a confecção da legitimidade de movimentos e estruturas de poder, cujo instrumento ideológico se manifesta, sobretudo na arte e em peças de propaganda, tão corriqueiros em momentos de efervescência política e social.

Dentro deste quadro, verificamos a intensidade com que este imaginário é recorrentemente evocado por líderes e grupos políticos em diversas épocas, para mobilizar a sociedade e lograr seus objetivos, algo que o século XIX também fez em relação ao Egito. Neste sentido, a conquista daquele território significava se assenhorar de tudo o que este território representava para o Ocidente. Vide isso, Bronislaw Bazcko afirma, em tom categórico, que o método atrás dos quais “os movimentos políticos e sociais que acompanham a todo novo quadro político necessitam de igual maneira sustentar e conferir autenticidade a

seus emblemas, para representar-se e viabilizar sua própria identidade, operam e se projetam, sobre o passado como sobre o futuro.²¹³

Quanto à questão da reminiscência, temos a fala de Dion Cassio, que descreve a beleza de Cleópatra e como tal característica, combinada com sua inteligência, foram instrumento de cativeira de Júlio Cesar, como observou este autor, ao descrever a protagonista como “uma mulher de beleza extraordinária e, naquela época, quando ela estava no auge de sua juventude, ela era mais marcante; ela também possuía uma voz encantadora e um conhecimento de como se tornar agradável para todos”²¹⁴.

Este foco parcial do discurso de Suetônio interpõe o esquecimento como objetivo e consequência do apagamento da vertente religiosa da protagonista, tornado patente quando analisamos as obras escritas a respeito dela, por autores da época, e todo o conjunto derivado destas obras, bem como os diferentes grupos sociais e temporalidades buscaram se apropriar da memória criada a partir da documentação romana, com vistas a dar lastro a suas reivindicações e bandeiras, ocorrência verificada em tópicos das Eras moderna e contemporânea. Atraves dessa perspectiva, Jack Goody elucidada a apropriação da substancia cultural do Egito/Africa e do Antigo Oriente Proximo, “*sobretudo em aspectos da tecnologia de construção, que produziu os grandes monumentos, ainda hoje adornando a paisagem da Europa e da Ásia Menor. Cidades magníficas foram construídas na Grécia, na Europa, na Ásia e, mais tarde, em Roma*”²¹⁵.

A apropriação da narrativa da protagonista é, pelo que podemos constatar, ainda que de forma, latente, a continuidade da circularidade cultural, proposta por Ginzburg, segundo o qual também verificamos que esta procede à continuidade decorrente da forma como se deu esta apropriação. Dito isto, Barbara Oliveira levanta de forma incisiva que as múltiplas apropriações terminaram por gerar também múltiplas visões a respeito da protagonista, acepções que “ao longo dos dois mil anos que se passaram desde a morte de Cleópatra, sua história foi recontada tantas vezes, em tantos lugares e por tantas pessoas diferentes, que acabou por se transformar.”²¹⁶

Por isso, a protagonista está envolta, como mitologia política, não apenas para os ouvintes da época, mas também para as gerações posteriores, que se apropriaram de sua

²¹³ BAZCKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas coletivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC. 1984, p.15.

²¹⁴ CASSIO, Dião. **História Romana**. 155 d.C- 235 d.C (Sec. I d.C). Chicago, 34. 4)

²¹⁵ GOODY, Jack. **O roubo da História. Como os europeus se apropriaram das invenções do Oriente**. São Paulo: Editora Contexto. 2008. P, 40.

²¹⁶ OLIVEIRA, Barbara. **As apropriações culturais da Rainha Cleópatra VII na contemporaneidade: Um estudo a partir do filme Cleópatra, de 1963**. Cadernos de Clio. N 5. Curitiba: 2014, p.119.

narrativa, cuja temporalidade e a bandeira politico-social este queria erguer, a dizer, Cleópatra enquanto expoente, ora de uma mulher cuja nobreza e determinação a levaram ao posto de aliada de Roma, ora como a simbologia de um Oriente que passa de misterioso a insurgente contra a dominação estrangeira e Ocidental.

Isso se deve ao fato de que a memória da protagonista e todas as derivações vindas de Suetônio são o produto de documentos literários, altura em que Vanessa Fantacussi pontua

Com relação às fontes literárias, particularmente, devemos considerar a Tríplice questão da autoria, texto e público alvo, dentro do contexto em que foram produzidas. As obras literárias não devem ser vistas como fontes descritivas de uma realidade exata, mas sim, obra de um determinado escritor, nem sempre preocupado com a fidelidade na descrição dos fatos. (...) o escritor não fica alheio a seu período histórico, sendo então, a literatura fruto de seu contexto social.²¹⁷

Portanto, o relato que deriva de Suetônio a respeito da protagonista segue as linhas do engrandecimento do principado de Augusto e do proposto resgate das instituições e tradições romanas, com o suposto apagamento de todos os ingredientes tidos como estrangeiros a estas tradições.

Tal colocação, no entanto vai de encontro ao que se verifica em termos de cultura material, nas considerações da mesma autora em que “o desenvolvimento do culto isíaco na cultura romana, está relacionado coma estrutura social ali existente”²¹⁸, o que acabou sendo desconsiderado pelo principado de Augusto, quando da proibição deste culto em Roma. Fato que reitera o que para Claudia Beltrão da Rosa, por seu turno,

A chamada ‘renovação augustana’, vem sendo relacionada com a teoria do declínio da religião na sociedade romana, e por isso o princeps teria tentado restaurar o edifício da religião tradicional. Vemos, porém, a ação de Augusto radicando do mesmo movimento de outros antes dele, como uma parte regular no ciclo da vida religiosa. A ação de Augusto está, evidentemente, em estreita conexão com episódios de restauração e especialmente com as recorrentes observações de que as tradições ancestrais estavam sendo perdidas ou abandonadas.²¹⁹

Originalmente, foi a existência do mesmo fator religioso que levou a esta reação do principado contra a memória da protagonista, silenciado sobre este assunto, não apenas para banir as práticas mágicas da *Urbs*, mas também para fazer do *Princeps* uma nova versão do

²¹⁷ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. **O culto da deusa Ísis entre os Romanos no Século II – Representações nas Metamorfoses de Apuleio**. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade). Assis: 2006, p.42.

²¹⁸ ROSA, Claudia Beltrão da. **A religião na Urbs. In: Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, política e cultural** / Gilvan Ventura da Silva; Norma Musco Mendes (Organizadores). Rio de Janeiro: MAUAD; Vitória, ES: EDUFES. 2006, p. 55.

²¹⁹ ROSA, Claudia Beltrão da. **A religião na Urbs. In: Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, política e cultural** / Gilvan Ventura da Silva; Norma Musco Mendes (Organizadores). Rio de Janeiro: MAUAD; Vitória, ES: EDUFES. 2006, p.9.

Faraó, com atributos quase divinos, na prática, ocupando o lugar da protagonista no imaginário não só romano, mas também egípcio. Esse traço de atuação do político que se estende ao cultural, pode ser abordado, se adicionado ao fato de Cleópatra, enquanto governante do Egito, ser a única dos soberanos Ptolomeus a dominar o idioma local, e isso, radica, para Paul Ricoeur, que a mesma buscava fincar as raízes de sua legitimidade na lembrança do passado faraônico, “lembrança, esta, que será a base de formulação da memória, tendo, seu limiar localizado no universo político, cujos reflexos, se fazem sentir no social, e no âmbito cultural”²²⁰.

Pormenorizada a questão cultural, como o meio prévio do contato e da interação de Roma com o Egito, temos o substrato das diferentes apropriações que tiveram primeiro o Culto de Ísis pelo Mediterrâneo, não só em Roma. Esse fenômeno prosseguiu ao longo de cada temporalidade, apesar disso persiste em todas essas apropriações o mesmo silêncio verificado em Suetônio, Plutarco e Dion Cassio. Nenhum deles menciona o sacerdócio de Ísis, por parte da protagonista, mantendo o foco de suas narrativas em uma perspectiva por demais romanceada, ou como dito anteriormente, na construção ou levantamento de bandeiras políticas diversas, desde o Medievo até o Século XX, conforme exemplifica Jones:

A segunda parte investiga a vida após a morte literária e cultural de Cleópatra, e nos dá um amplo panorama a respeito de como sua trajetória, foi apropriada e idealizada por cada época e grupo social. Estudando a recepção de sua imagem em diversos períodos de tempo, aprendemos tanto sobre as culturas que criaram esses retratos quanto sobre a própria Cleópatra. Examinando fontes do século XIV ao século XX, dos românticos aos afrocentristas, do inglês médio ao árabe moderno, vemos sucessivas reinvenções de Cleópatra à medida que cada cultura a faz sua.²²¹

Outro aspecto não abordado sobre as relações da protagonista com Júlio Cesar e Marco Antônio, para além das doações de Alexandria, fica, sobretudo por conta do citado interesse de Júlio Cesar pela Etiópia, mesmo em período de uma grande convulsão que se espalhava pelo Mediterrâneo, manifesto logo após a vitória na Guerra Alexandrina, que assegurou a Cleópatra o trono do Egito e que guarda estreita ligação com o imperialismo romano.

O mesmo poderíamos descrever do processo de romanização, efetuada não apenas através da expansão ou ocupação de territórios alheios, mas também pela inclusão de deidades como Ísis em seu panteão, com escrutínio positivo ou negativo do *Princeps* e do Senado em

²²⁰ RICOEUR, Paul. **Memória e esquecimento: O contexto histórico**. Rio de Janeiro: 2003, p.7.

²²¹ JONES, Prudence J. **Cleopatra: A Sourcebook**. Oklahoma Series in Classical Culture. 2006, p.9.

Roma. Suetônio citou este fato em sua obra, conforme observamos, “e ele teria ido através do Egito com ela em seu barco até a Etiópia”²²²

Destarte, terminamos por concluir que o silêncio de Suetônio acaba por ir além do universo religioso no qual se encontrava imersa a sociedade romana. Essa sublimação envolve também os interesses que levaram os exércitos romanos a paragens distantes como a fronteira como a Etiópia e mesmo a Pértia, vide as diversas guerras travadas, desde a subida de Crassus, no Primeiro Triumvirato, até Marco Antônio, as quais resultaram em numerosos insucessos para Roma.

Este movimento, tal qual o intento de Júlio Cesar de prosseguir sua jornada em companhia da protagonista até a Etiópia pode ser incluído no processo de romanização do mundo antigo, porque envolvia a assimilação de ingredientes culturais de outros povos. Entretanto, para Vicenzo Soria, este processo de romanização implicava desde a circularidade e assimilação cultural, até a presença das legiões romanas, como elemento de homogeneização, ainda que parcial dos territórios ocupados, postulado que “devemos entendê-las não simplesmente como indícios que confirmem a superioridade cultural romana sobre a cultura local”.²²³

Sendo assim, a assimilação de elementos culturais egípcios pela sociedade romana, com as consequentes adaptações e associações promovidas. Prosseguindo, Vicenzo Soria acrescenta que tal fenômeno, no caso do culto de Ísis, ou da aliança de Cleópatra com Roma,

não implica necessariamente a perda da própria identidade e, por isto, pode ser considerada (...) como o reflexo duma particular reelaboração cultural. Nesta perspectiva, é muito importante superar o monolítico conceito de “identidade romana”, herdado do velho conceito de romanização, através o conceito de “identidade romana fragmentada”²²⁴.

Prosseguindo sobre o culto a Isis e ao fato de Cleópatra ir a Roma a convite de Cesar e, posteriormente, como as “doações de Alexandria” incidem sobre o fato de que com o advento do culto a Ísis, e de outros elementos inseridos como “cultos orientais de mistérios” integram a romanização que incluía tanto a sobreposição da cultura latina nos territórios conquistados, quanto a absorção de ingredientes locais, como aponta Nelson Bondioli ao defender que a:

²²² TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. (Cesar 52.1 II).

²²³ SORIA, Vicenzo. **O conceito de “romanização” e o panorama académico português**. In: 150 anos de arqueologia em Portugal. Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa. 2013, p.714.

²²⁴ HINGLEY *Apud* SORIA 2005, nota 316, cap. III/ 2013, *Ibidem*. SORIA, Vicenzo. **O conceito de “romanização” e o panorama académico português**. In: 150 anos de arqueologia em Portugal. Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa. 2013.

“Romanização” não deve mais ser entendida como o “tornar Romano”, mas sim como múltiplos processos de negociação de identidades, de ressignificação e adequação de objetos e símbolos de uma cultura para outra levando a criação de novos elementos – ou se não de uma nova cultura – que não são puramente Romanos ou Provinciais.²²⁵

Essa interação redundava na redefinição da própria cultura romana e do ser romano. Portanto um culto, originado no Egito, do qual, Cleópatra era sacerdotisa influenciava decisivamente na redefinição da identidade e da visão no tecido social na *Urbs*. Assim para Vincenzo Soria, “a cultura romana foi redefinida e, (...) ligada a grupos inseridos num amplo contexto social (Hingley, 2005, *Ibid.*, p.53) a título de exemplo, o exército é geralmente considerado como o principal agente de difusão do *modus vivendi* itálico”²²⁶. Também os soldados romanos foram um dos principais difusores de cultos estrangeiros em Roma.

Desse modo, para resumir sobre a projeção recebida pela protagonista, afirmamos que deriva tanto da relevância que ela teve na época, para a sociedade romana, quanto da egiptomiana, não nos sendo possível precisar se a memória da protagonista engendrou este fenômeno, ou se este último contribuiu sobremaneira para catalisar a projeção que Cleópatra teve e continua a ter no imaginário social da modernidade, seja como símbolo estético, ou político. A respeito da Egiptomania, J. L. Hilton explica que:

A escolha de um obelisco como forma arquitetônica do monumento de Herschel também aponta para um interesse significativo pela egiptologia no Cabo no início do século XIX, especialmente entre a comunidade científica. Na época, a Egiptomania era abundante na Europa e nos Estados Unidos.²²⁷

3.4 A africanidade de Cleópatra.

Neste sentido, Suetônio, ao silenciar sobre a “Cleópatra Nova Ísis”, estava não apenas exercendo a negativa sobre o acesso dela a uma instituição basilar de poder em Roma, mas principalmente a desconsiderou devido a determinadas características peculiares desse culto, como pelas inovações recebidas ao ser transposto para o Ocidente, entre as quais estava o grande destaque dado às mulheres, que poderiam atuar, não somente como auxiliares, mas também como sacerdotisas centrais do Templo, além disso, os cultos faziam referência ao que

²²⁵ BONDIOLI, Nelson de Paiva (Doutorando em História pela UNESP-Assis, bolsista CAPES). **Os Limites da Romanização: Uma Reflexão acerca da Inteiração Cultural entre os Mundos Clássico e Celta**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo: 2011, p.7.

²²⁶ SORIA, Vincenzo. **O conceito de “romanização” e o panorama académico português**. In: 150 anos de arqueologia em Portugal. Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa. 2013, p. 714.

²²⁷ HILTON, J. L. **The Herschel Obelisk, Classics, and Egyptomania at The Cape**. University of Kwazulu-Natal. Durban: 2006, p.123.

viria após a morte, algo que não existia na religião romana tradicional, muito focada nos rituais e na atuação de colégios sacerdotais.

Tal contraste reflete o fato de que na sociedade egípcia antiga, em determinados momentos, as mulheres chegaram a exercer o poder como *Faroni*, em diversas ocasiões, algo que Pachis desta como um “elemento decisivo para essa realidade, é o papel exercido pelas rainhas egípcias, que desde o século II a.C, diante da vacância do Trono por seus irmãos e maridos, assumiram o comando do país, conferindo e legitimando esta novidade. Elas não se encontravam na condição de meras regentes, mas eram na verdade as governantes do país.”²²⁸

Assim, na busca pelo resgate do *mos maiorum*, Suetônio bloqueia toda e qualquer referência religiosa que não seja gerada pela própria Roma, bem como a presença do Culto de Ísis, naquela sociedade, em especial entre pessoas de estrato social plebeu, justamente um dos grupos mais visados pelo evergetismo de Augusto, justamente para lhe servir como um dos pilares de poder do principado. Essa plebe, de forma alguma, mas não só ela, poderia ter em mente que o culto predominante para a *Urbs* surgira no território egípcio, cuja sacerdotisa, intitulada “Nova Ísis”, reinante sobre aquele território, fazia um grande contraponto ao papel da mulher em Roma, mesmo que tivesse influência (nos bastidores), não poderia exercer abertamente a vida pública.

Isto nos fornece um indício das motivações de Augusto, para dispensar a comunidade de Bononia de sua campanha, quando da mobilização empreendida por ele, para a batalha do *Actium*, uma vez que sendo Clientes de Antônio, não poderiam transgredir esta instituição. E sob este argumento, “*Ele licenciou a comunidade de Bononia da mobilização promovida por toda a Itália, uma vez que esta havia sido desde tempos antigos clientes de Antônio*”²²⁹. Apesar disso, ainda frisa que mesmo um relato parcial, a respeito de Cleópatra possibilita que tenhamos acesso a testemunhos detalhados sobre o comportamento dos praticantes do culto de Ísis em Roma e suas implicações para a religião oficial.

Para isso, no entanto, é necessário observar a descontinuidade do discurso emitido, que procura constantemente a criação de uma figura que pertencesse à religião romana puramente latina, e ignora, de forma proposital, a assimilação constante de novos cultos²³⁰, à medida que seus domínios se expandiam pela região, já que implicava a tomada dos deuses de outros povos, para atuarem em favor de Roma, durante suas conquistas.

²²⁸ PACHIS, Panayotis. **Manufacturing religion” in the Hellenistic Age: The case of Isis-Demeter Cult.** Aristotle University of Tessaloniki. 2009, p.176.

²²⁹ TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares.** Augusto 17. 2 II.

²³⁰ Sobre isso, Claudia Beltrão da Rosa pontua que “*embora estes cultos, como o de Ísis, pudessem ser considerados novos, em determinado sentido, eles guardavam dentro de sua narrativa, contato próximo com os fundamentos da identidade romana.*” (ROSA, p. 146, *apud* WISEMAN, T., 1985, pp. 117-28).

Proseguimos quanto a questão da singularidade deste culto, que podem ter sido geradas pela associação de Ísis com divindades como Afrodite e Vênus, através das quais o mesmo passou por adaptações que o ligaram de forma mais proeminente ao feminino e à fortuna, diferentemente do observador no Egito, por exemplo. Diana E. Kleiner cita o exemplo de um santuário de Ísis em Pompéia, para ilustrar, de forma cabal, essa associação ou sincretismo em curso, que:

mais significativo, era o santuário, dedicado a deusa que, tal como Ísis, era promovida /cultuada por mulheres, porém talvez, também atraísse tanto dançarinas/artistas, quanto soldados. Estudiosos não perceberam a associação na Itália entre fortuna com Ísis *Navigandi*, que era, Ísis - de quem assimilou muitas características - como deusa da navegação.²³¹

Então, aos termos, por exemplo, o indicado pela autora, a associação de Isis com as deusas romanas e gregas, e a subsequente alteração de seu corpo de adoradores, revela-se de forma contundente, o formato seu em relação a este sincretismo religioso, com repercussão em todo o corpo social e político romano, algo ainda mais relevante, quando Baldsdon observa que: “*Ísis, não recebia o culto solitária, mas era adorada com Sérapis e com Osíris, recebendo entre outras atribuições, a de deusa do submundo (...) e Ísis era sobretudo uma deusa das mulheres*”²³²

Sobre este tópico, temos ainda a afirmação de Marina Rockemback, a qual assinala este traço, como um dos geradores da singularidade manifesta pelo Culto de Ísis em Atenas e em Roma. A pesquisadora destaca que:

Por Ísis apresentar no olhar de seus adeptos atenienses e romanos, uma natureza multiforme, sucedeu o chamado “oportunismo” sincrético, pois a mesma salientava a capacidade de absorver potencialidades e atributos pertencentes a qualquer outra divindade do panteão grego ou romano. Revelando um caráter celestial, solar, cósmico, infernal, mágico, oracular, salutar, misterioso, Ísis e Osíris eram também protetores da navegação, disseminadores de fertilidade, etc, cuja abrangência abarcava muitas esferas da vida cotidiana²³³.

Esse dado contrasta com o fato de que em Roma os homens patrícios tinham total proeminência, na religião, e por consequência, na política, algo marcadamente presente na religião tradicional, na qual não poderia haver liderança de uma mulher, condição essa criada sob o Culto aos deuses lares.

²³¹ KLEINER, Diana E. **Cleopatra and Rome**. Cambridge, Massachusetts and London: The Belknap Press of Harvard University Press. 2005, p.23.

²³² BALDSDON, J. P. V. D. *Roma como campo de batalha de religiões*. In: BALDSDON, J. P. V. D (Organizador). **O Mundo Romano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Biblioteca de Cultura Histórica 1968, p.193.

²³³ ALMEIDA, Marina Rockemback. **Por um comparativismo construtivo do culto á Ísis entre atenienses e egípcios no final do V Século AEC**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2016, p. 66.

Ademais temos de considerar a forte repercussão e projeção de eventos ocorridos na esfera religiosa, sendo esta, a causa e o engendramento das ações vistas na política, conforme referenda Fustel de Coulanges, “*no entender destas religiões antigas, a mulher não transmitia nem a vida, nem o culto*”²³⁴

Portanto, podemos considerar também que a cosmogonia contida no mito de Ísis, como esposa viúva de uma deidade assassinada, Osíris, e mãe de seu filho Hórus, que mais tarde, assumiria o trono, vingaria seu pai, de certa forma, vai de encontro à configuração evidenciada entre Júlio Cesar, Cleópatra e seu filho *Cesarion*, como possível herdeiro do posto de seu pai, algo que o senado romano, provavelmente, interpretou como ameaça, porque lhes parecia, o anúncio da instauração de uma monarquia nos moldes orientais/helenísticos, fenômeno contra o qual, haviam lutado, quando do alvorecer do regime republicano, agora em xeque, devido às mudanças estruturais ocorridas pelo crescimento de Roma.

A posição de Augusto se explica, conforme verificamos anteriormente, pela estreita relação existente na sociedade romana (mas também na egípcia/helênica), e avigora o fato de haver grande *Singularidade do Culto de Ísis no Ocidente*, pois, ainda que se trate de uma religião estrangeira, trazia diversas inovações no tocante à organização social, o grande espaço dado às mulheres, que chegavam a comandar o culto, estando à frente dos homens, em sociedades, como a grega e a romana, onde a maior parte do destaque religioso, como sacerdote, era dada aos homens. Cleópatra, cujo papel como Sacerdotisa de Ísis, gerou o choque entre o papel de protagonismo que tinha na cultura egípcia e helenística, e as expectativas existentes em relação à mulher e ainda mais, uma mulher estrangeira na sociedade romana. A respeito desta presença, verificada desde o Século V AEG, temos o apontamento da chegada deste culto a Atenas, através do Porto do Pireu, com seu intenso fluxo de comerciantes, cidadãos atenienses e estrangeiros/metecos, favoreciam que a população ateniense tivesse contato com esta divindade egípcia e pudesse a partir de suas características, realizar a equiparação de Ísis, com divindades atenienses, como Demeter, Ártemis e Afrodite. Estes tinham cultos correlatos ao de Ísis, e isto ocorria segundo, Marina Rockenback²³⁵, devido ao fato de possuírem ritualística e características próximas aquelas atribuídas em conjunto, à divindade egípcia.

Sendo assim, temos um panorama onde o fato de a protagonista ocupar uma posição que lhe conferia o total acesso ao poder e exercício dele, ao interligar a religião e a política e,

²³⁴ COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret Editora, 1979, p. 61.

²³⁵ ALMEIDA, Marina Rockenback. **Por um comparativismo construtivo do culto à Ísis entre atenienses e egípcios no final do V Século AEC**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2016, p. 43.

sobretudo, seu papel em relação a Marco Antônio, atuando de forma ativa, através do recebimento das chamadas doações de Alexandria, tornam-se um dos marcos para que Suetônio dê a ela a grande relevância que, posteriormente, gerou a mitologia em seu entorno. Soma-se a esse cenário a *circularidade cultural*, registrada pela presença do Culto de Ísis, em Roma, torna-se também um dos fundamentos para o estratagema de Suetônio, para não viabilizar a Cleópatra, como “Nova Ísis”, o ensejo de ser retratada como detentora da relação sagrada, senão da sociedade romana em seu conjunto, mas da *gens Julia*, uma vez que Ísis foi associada, pelos romanos, à deusa Vênus, geratriz desta mesma *gens*.

Por este motivo, Claudia Teixeira, assinando sobre este relacionamento, afirma que “*a respeito do relacionamento do culto a Ísis, com o sistema político romano, fato que vale a pena, levantar, entre os fatos mais significativos, vistos por estudiosos como ecos de uma relação problemática. Apesar, disso, este culto foi recebido com grande tolerância, na urbs, especialmente durante a transição da República ao Império/principado*”.²³⁶

Decerto que esses aspectos foram salientados de forma sub-reptícia por Suetônio, para não gerar problemas quanto ao fato do culto a Ísis ter maior presença entre os extratos sociais ditos inferiores na sociedade romana, em especial entre soldados, mercadores e obviamente mulheres, dadas as adaptações que sofreu, neste caso, o culto a Ísis poderia ser atribuída uma identidade plenamente romana ou grega.

Certamente pelo fato de Augusto desejar se afirmar como primeiro cidadão e sacerdote supremo de todos os colégios sacerdotais para os romanos, bem como o de ocupar, de fato, o posto que fora dos reis helenísticos (não só no Egito) até então, concedeu o ensejo dado à narrativa sobre a protagonista, promoveu, por consequência, um grande enfoque sobre a figura dela, tanto para enaltecer os próprios feitos, quanto para evadir das lembranças que viriam a constituir os relatos de Suetônio, de modo que “*interpretar as estratégias do poder político na Urbs (...) trata a economia do Mediterrâneo, a política e a cultura em cambio em seu conjunto, como manifestações da circularidade que envolve as relações dos romanos com divindades estrangeiras*”²³⁷.

Nesse sentido, podemos destacar que, ao exercer a proeminência ou ascensão sobre Marco Antônio, exerce de fato, o controle sobre os territórios recebidos como “doações”, Cleópatra, estava aos olhos de Suetônio, subvertendo a instituição do patronato e da Clientela.

²³⁶ TEIXEIRA, Claudia. *Heliogábalo e o culto do Sol: Ascensão e queda de uma divindade*. Maria do Céu Fialho. José D’encarnação. Jamie Alvar (Coordenação). **O Sol Greco-romano**. Universidade de Évora/Universidade de Coimbra, 2009, p.274.

²³⁷ DOESWIJK, Andreas L; Noelli, Francisco S; Novak, Eder S. **O valor da interação com a população local na pesquisa arqueológica: O caso do município de Altônia, Paraná**. In: 150 anos de Paraná: História e Historiografia. Anais do VIII encontro Regional do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos. 2002, p.192.

Porém, sob a perspectiva de Julie Adamsom, a protagonista procurava assegurar a continuidade da dinastia ptolomaica no Egito, mesmo após sua morte. Para isso, segundo a autora:

implementou uma série de estratégias, que incluíram oferendas religiosas e alianças com dois dos mais poderosos líderes romanos Julio Cesar e Marco Antônio. A aliança com Júlio Cesar, prosseguiu até a morte dele. Já a aliança de Cleópatra com Marco Antônio, durou até a derrota de ambos na batalha de *Actium*.²³⁸

Sob tal perspectiva, temos a ideia de que a protagonista buscava, por meio destas estratégias, não somente permanecer próxima de seus aliados e assegurar a posteridade de sua dinastia, mas também confirmar sua relação com a religião em Roma²³⁹ e no Egito, na condição de sacerdotisa, que por assimilação poderia ser equiparada a *Vênus genetrix*, onde Júlio Cesar ordenou a colocação de uma de suas estátuas quando de sua visita a Roma.

Assim, vemos que a protagonista procurou em paralelo com suas alianças, necessárias dado o contexto político em que se encontrava o Mediterrâneo, e, sobretudo, o papel desempenhado diante delas, concorreu para que a mesma tivesse destaque no desenrolar dos eventos que se seguiram, em especial, após a morte de Júlio Cesar. Sob esse panorama, com os partidários de Cesar se organizando para eliminar seus assassinos, Cleópatra terminou por se aliar a Antônio²⁴⁰.

²³⁸ ADAMSON, Julie. **Power and presence: Cleopatra's image in form and context**. Honor Thesis. San Marcos: Texas State University. 2007, p.4.

²³⁹ Tendo em conta o que indica Cláudia Beltrão da Rosa, dada a relevância da religião, como lastro fundador da cidade, “*os agentes políticos romanos, se escoravam na religião e em suas ligações com os deuses, como fatores importantes, senão imprescindíveis na determinação de eventos e na garantia de suas reivindicações de autoridade e comando. Algo que se acentuou com a crise do regime republicano*”. (ROSA, Claudia Beltrão da. *A religião na Urbs*. In: **Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Social**. 2006, p. 145).

²⁴⁰ Gaudefroi: aponta que Marco Antônio reivindicava para si, o mérito de ser descendente de Hércules, o mais bravo dos heróis, e posteriormente, Augusto e seus partidários, aventam como humilhante sua relação com Cleópatra, pois, “como poderia se permitir ele sendo o descendente de tal herói, seguir sendo explorado e se manter submisso aos caprichos de uma mulher?” GAUDEFROY, Olivier. **Cléopâtre, L’Immortelle. De l’histoire a lá legende**. Paris: Arlea. 2017. p. 113.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa e das leituras desenvolvidas ao longo do percurso iniciado, verificamos como a confluência de diversos elementos sociais, políticos, ideológicos e até mesmo estéticos contribuiu para a composição da narrativa sobre a memória de Cleópatra VII, bem como para sua rememoração. Dada à magnitude alcançada pela protagonista, diante do contexto político e cultural em curso na sociedade romana e no Mediterrâneo como um todo, em meados do Século I a. C e a relevância estratégica e econômica do território que governava como rainha, o Egito, considerado além do território mais rico e de maior produção agrícola do Mediterrâneo da época, o berço de uma sociedade de características singulares, a qual entrou em intercâmbio e influenciou outras, especialmente sob o helenismo, que catalisou as trocas e a circularidade de ingredientes culturais egípcios para os territórios grego e romano.

No contexto destas trocas culturais, chama-nos a atenção a presença do culto a Ísis, deidade egípcia, associada ao poder do Faraó e descrita na condição de uma deusa Solar, que passa a ser Lunar, em associação e equivalência com deidades gregas, cujos atributos e características, eram-lhes similares, como Demeter e Afrodite. Assim, pudemos verificar a procedência de Carlo Ginzburg como teórico, dada sua ascendência na temática das trocas culturais. Fenômeno evidenciado pela circularidade do culto de Ísis, deusa egípcia, a qual, através do intercâmbio dos egípcios com os gregos, foi admitida na Helade, mais exatamente na Ilha de Delos, próxima a Atenas, e na Magna Grécia, de onde através de mercadores, escravos e soldados, adentrou na sociedade romana, e em toda a península Itálica.

Percorrendo toda a narrativa tecida a respeito de Cleópatra, notamos o quanto os escritos de Suetônio, Plutarco e Dion Cassio, influíram enquanto constituintes desta biografia. Biografia esta que serviu de parâmetro e base das apropriações que principalmente a arte executou da imagem e da memória da protagonista, visando a dar substância à figura idealizada de uma mulher nobre, a qual se manteve digna e altiva, mesmo diante da morte. Outros lhe apontaram, como estratégia para erguer bandeiras de cunho político, de diversos matizes, indo os movimentos de independência de diversos países na África e da Ásia, mais principalmente na região do antigo Oriente Médio, posto que ela fora a última Faraó de um Egito Ptolomaico, e soberano, no Século I a.C.

Também devemos acrescentar que a projeção auferida pela memória da protagonista se deve a diversas singularidades encerradas por ela, tanto em relação a seu contexto histórico vivido, quanto às películas nas quais, posteriormente fora retratada. Primeiro, o fato de ela ter

exercido um grande papel político e cultural em um mundo Mediterrâneo em transformação, sobretudo servindo como modelo, não dito, futuro para o Principado de Augusto, o qual teve inegável influência dos reinos helenísticos, com destaque para o Egito de Cleópatra, tanto por sua Antiguidade complexidade social e cultural, quanto pela relevância econômica, como o maior celeiro do Mediterrâneo, imprescindível para manter abastecidas as cidades e legiões romanas, sobretudo durante as longas campanhas contra o Império Parta, mais a Leste.

A dizer que durante as épocas moderna e contemporânea, sua memória foi reapropriada, nas obras de Shakespeare, como expoente de um amor platônico, em um teatro recheado de obras trágicas e, na contemporaneidade, pela Sétima Arte, o Cinema, para o qual a obra mais conhecida é a da Manckiewicz, Cleópatra de 1963, cujo foco narrativo são as relações da protagonista com Júlio Cesar e Marco Antônio, cujo movimento guarda estreita relação tanto com a egiptomania, em curso no Ocidente, desde meados da Era Moderna, quando redonda em um fascínio mítico por ingredientes e elementos com procedência no Egito Antigo e com o Orientalismo, resultado da visão de um Oriente cuja ciência e conhecimentos estariam na origem não declarada de sua vertente ocidental, grega por exemplo.

Neste ponto, temos mais uma manifestação do silenciamento e do não dito das mensagens emitidas nas entrelinhas quanto à suposta endogenia²⁴¹ da matriz religiosa e política, de pensamento grego e romano. Acrescentando que esse é um elemento típico do século XIX, fruto da corrida imperialista, segundo a qual à medida que uma potência dominasse um território rico²⁴², com presença de grandes monumentos, maior também seria o prestígio e o patrimônio desta potência frente às demais, suas concorrentes.

A bandeira étnica também surge em relação a Cleópatra, sob a ação de integrantes da História afro-centrada, cujos expoentes máximos, como Ivan Sertima, Martin Bernal, e Sheik Anta-Diop e encabeçado por autores afro-americanos, sobretudo a partir dos anos 1960, quando também se deram as manifestações e o auge da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. Esses autores almejavam encontrar sobre a protagonista, uma prova de que o fato de a mãe de Cleópatra não ser mencionada pela documentação textual. Especulavam que esta poderia ser nativa, egípcia e não helênica, o que para os critérios etnorraciais dos Estados Unidos se traduz no enquadramento desta como negra. Para dar enlevo à tarefa de expor a

²⁴¹ Na verdade, uma concepção do século XIX, de que o caldo cultural da Europa Clássica, teve origem endógena, sem qualquer contato com outros povos ou regiões, em uma época de fronteiras porosas, de intenso movimento de pessoas. Em suma, um esforço para atribuir a Grécia e Roma, elementos culturais “puramente” europeus.

²⁴² Corrida imperialista do século XIX.

participação de pessoas negras como protagonistas na História mundial, desde a Antiguidade, sobretudo em sociedades ditas clássicas, como Roma e Grécia, fora das limitações do preconceito racial. A bandeira de uma Cleópatra negra foi levantada para combater aquilo que a historiadora *Chimamanda Ngozi Adichie* chama de “História única”, em que a versão oficial ou hegemônica da narrativa é tomada como legítima ou incontestável dada à inexistência de uma história que se lhe oponha ou seja paralela.

Estas versões da História se lastreiam na memória da protagonista, á medida em que sua história se converteu em mitologia, devido ao esforço persistente de ideólogos do principado, a partir de Otavio Augusto, mas que seguiu tenazmente sob seus sucessores e pósteros, em conjunto com os dois fatores explicados anteriormente, contribuíram sobremaneira para criar toda a mitologia em torno de Cleópatra como uma mulher que tinha, além da beleza como uma de suas principais características, a habilidade política e grande inteligência, além do fato ímpar de ter sido a única em toda a dinastia Ptolomaica a dominar o idioma nativo do território que governava, o Copta.

Porém, em todos esses relatos sobressai a reprodução do silêncio a respeito do Sacerdócio de Ísis por parte da protagonista, porém não apenas sobre este tema, embora seja ele o foco desta pesquisa. O silêncio ou esquecimento se estende à relação política de Marco Antônio, aliado da protagonista, com *Caio Sósio* e *Cneu Pompeu*, cônsules durante o segundo Triunvirato, a respeito das possíveis ambições de Júlio Cesar em ir até a Etiópia, logo após a Guerra Alexandrina²⁴³, na qual aliado à protagonista, combateu contra Ptolomeu XIII, levando à derrota e ao desaparecimento do rei egípcio. Ambos constituem também lapsos importantes na memória da protagonista.

Este silêncio se origina, em parte, do afã do principado de Augusto, de sublimar de qualquer relato que envolvendo a protagonista a concorrência das chamadas práticas mágicas, indicadas a deidades lunares, tal como Ísis havia se tornado quando da apropriação de seu culto pelos gregos. Assim, empenhados em banir dos registros e do cotidiano romano, esses elementos considerados como não romanos, não só para tornar hegemônica sua narrativa, mas também para centralizar o poder em torno de sua figura, o *Divus Filius*, como um contrapeso à imagem que Cleópatra, a qual legitimava sua posição de poder no Egito, ao apresentar-se como “*Ísis Nea Theodera*”. A influência do *Princeps* se refletia na oscilação das decisões do

²⁴³ Episódio que originado na chegada de Júlio Cesar recém-chegado ao Egito, atrás de Pompeu, se alia a Cleópatra VII, para sobrepujar Ptolomeu XIII e seus asseclas, em Alexandria, assegurando a Cleópatra, a segurança para assumir de forma, soberana o trono do Egito. *Bellum Alexandrinum*.

Senado de legalizar ou proibir a presença do Culto, o que ocorreu com frequência ao longo do século I d.C.

Lembrando ademais que estamos diante de um acelerado processo de personificação do poder na sociedade romana e da centralização das funções centrais da política e da religião²⁴⁴, na figura do *Princeps*, no caso Augusto, que este queria fortalecer seu discurso de restauração da Republica, e devolução o poder ao Senado, quando na verdade, o poder estaria centrado em suas mãos. Fenômeno observado e inferido sob os reis helenísticos, e que poderia ser aplicado na *Urbs*.

Esses ingredientes aceleram o processo de dissolução efetiva do regime republicano em Roma, enquanto ascendem os modelos de poder helenísticos, monárquicos e centralizados. Isso impulsiona também a grandeza da Protagonista, posto que o Egito ptolomaico, principal reino helenístico e Alexandria, sua capital, inseriam-se no imaginário romano, por sua imponência, pela grandiosidade e complexidade de sua arquitetura, com grandes construções, como o Farol de Alexandria e sua estrutura portuária, sua divisão interna, em distritos ou bairros com características singulares e, em especial, pelo grande templo dedicado ao deus *Serápis*, um dos elementos centrais do helenismo egípcio, cuja projeção foi muito mais intensa e profunda em toda a bacia Mediterrânea.

Para incrementar ainda mais esta presença no imaginário romano, Alexandria só perdia em número de habitantes para a própria Roma, habitada esta última, no século I a. C, somente por 200 mil moradores a mais do que a capital egípcia. E a ideia de urbanidade era atravessada por todo um conjunto de componentes culturais e religiosos, através dos quais o culto a Ísis e *Serápis*, irradiados de Alexandria para os demais centros da vida urbana, artística, social e política do mundo clássico tanto na Grécia, quanto na península itálica, influência exercida inicialmente entre grupos de soldados, mercadores e escravos na *Urbs* e, posteriormente com obtenção de sua infiltração em extratos do patriciado, justamente o grupo social, incumbido de guardar as tradições da religião tradicional, basilar para os processos de legitimação do poder político e da estrutura sacerdotal em Roma.

Fenômeno que se desenvolve em um contexto no qual os cultos tradicionais da *Urbs*, presos a fórmulas processuais e a rituais seguidos rigorosamente, além de restritos no tocante à estrutura de acesso e conhecimento da liturgia, restritos a um pequeno grupo, contribuíram para o sucesso do culto de Ísis entre os romanos, além do fato de, pelas singularidades adquiridas, adaptarem-se aos moldes da sociedade ateniense e grega. De uma deidade solar

²⁴⁴ Otavio Augusto assumiu o ofício de *Pontifex Maximus*, presidente de todos os colégios sacerdotais até então existentes, o que amplificava sua autoridade política, ao campo dos cultos.

cujo sacerdócio exclusivamente masculino na sociedade egípcia, Ísis (ou *Aset- Trono*) passa à deidade Lunar pela interação com as deusas gregas, além de ter predomínio feminino em seu sacerdócio, o que neste contexto, implica o exercício de poder e o conhecimento de mistérios e procedimentos fechados a seus participantes.

Outro detalhe a ser ressaltado é que o crescimento do culto encontrou a hostilidade do conservador patriciado romano, também pela atração exercida entre a Plebe, posto que muitos deixaram de participar dos cultos tradicionais, e passaram a seguir apenas os cultos orientais de mistério, com grande destaque para o culto a Ísis.

Nesse ponto ocorreu a erosão progressiva da autoridade exercida pelos *optimates* sobre a Plebe e, por consequência, de seu poder, já abalado pelas transformações em curso, desde o consulado de Sulla, cuja abertura do ingresso no Exército a despossuídos em troca de terras nas regiões conquistadas, demoliu de forma progressiva, a base da autoridade do Senado, frente a estas mesmas legiões em futuros conflitos civis (*Bellum Sociale*).

Dessa forma, devemos observar a ascendência de Cleópatra em Roma e sua relação com figuras do poder romano, tal como a ascensão de Ísis, associada a uma das principais deidades do panteão romano, como o sintoma de transformações profundas, na estrutura de poder e na forma como se dariam os embates políticos em todo o Mediterrâneo a partir daquele momento, lembramos que os líderes políticos romanos assim como Cleópatra, apresentavam-se como tendo parentesco direto ou indireto com os deuses, como estratégia de lastreamento de sua autoridade.

Essa foi uma das bases do silêncio de Suetônio sobre o sacerdócio de Ísis por parte da protagonista, posto que aquele pretendia tecer a narrativa, sem dar margem para o divisionismo em uma sociedade romana, com fartas lembranças de guerras civis, nem reforçar as famigeradas práticas mágicas, associadas a cultos de deuses lunares, tal como observado em Apuleio e Sêneca. O primeiro em *Metamorphoses* nos dá a ideia de como se davam experiências em sua época de forma bastante detalhada e ao mesmo tempo, sucinta. Permite-nos entrever como o culto de Ísis se relacionou com a magia, um elemento presente desde longa data, de forma não dita, nas sociedades clássicas, como na Grécia, sob *Hecate* e, de certa forma, em Roma, através dos muitos rituais exigidos pela religião dos *Manes* ou *Lares*.

O fortalecimento ou retomada dos rituais tradicionais, sancionados pelo Estado Romano, era uma das metas centrais do principado de Otavio Augusto, posto que estes, colocariam, a partir do século I a.C, mais exatamente após 30 a. C, o próprio Augusto como a figura central dos rituais, o *Divus Filius*, descendente da *gens Julia*, portanto continuador da

obra de restauração da República e da estrutura tradicional daquela sociedade. Mais do que isso, seu objetivo era ocupar o lugar de Cleópatra, como líder de todos os cultos oficiais em território romano, como “Novo Faraó” e detentor legítimo de recursos do Egito, conforme indicado anteriormente, um território imprescindível para a estabilidade romana.

Por ser o Egito detentor da maior produção agrícola do Mediterrâneo, deveria ser mantido sob o domínio de um governante que lhe conferisse estabilidade. Também urgia que fosse aliado certo de Roma, preocupações centrais na *Urbs*, desde o fim das guerras púnicas, ainda no século II a. C. Assim, a perpetuação da memória de Cleópatra, os pormenores de sua trajetória e a projeção que lhe foi conferida, tanto sob o prisma negativo, como estimuladora dos desvios monárquicos de Júlio César e “orientalizantes” em relação a Marco Antônio; ou no polo positivo, por sua determinação, nobreza e lealdade, quando preferiu a morte a triunfar como prisioneira no triunfo de Augusto em Roma, também como personificação da grandeza e da primazia da sociedade egípcia, cuja influência cultural, através do culto a Ísis, fazia-se presente no interior das principais cidades gregas e romanas.

Esse último tópico poderia caracterizar Roma não como centro absoluto de gravidade do Império, mas como receptora de elementos culturais do Egito, invertendo a lógica “centro-periferia”, também, esta lógica desconsidera que o Mediterrâneo da época, era composto não por um, mas por vários grandes centros comerciais e culturais, catalizadores de *memórias individuais* e *coletivas*. Assim, torna-se possível, visualizarmos através da biografia de Cleópatra, base de constituição de sua *memória*, o trânsito da protagonista entre diversos espaços de poder, que vão desde o local de seu trono no Egito Ptolomaico, até a Roma dos anos finais da República, e passaram pela Grécia, sob domínio romano; a qual havia, dada contribuição decisiva para a configuração do *ethos* romano, reformulado sob o helenismo, no entanto.

Através da narrativa da protagonista, visualizamos as diversas camadas que compunham o círculo social, com o qual ela interagiu entre a conjuntura de transformações e mudanças na estrutura organizacional da sociedade romana. Tomamos ciência de que muitos dos movimentos e estratégias adotados por Cleópatra e por Suetônio obedeceram à hermenêutica de reconstrução de alianças e do esforço para reconhecer ou sublimar os fenômenos verificados e descritos como evidências de mudanças profundas e estruturais na sociedade romana, algo que poderia se mostrar bastante problemático para os objetivos políticos do Principado de Augusto.

Além do mais, menções reiteradas ao fato de Cleópatra ser sacerdotisa poderiam despertar o ânimo de determinados extratos da sociedade romana, para a eclosão de novas

guerras civis, visto que o culto a Ísis era muito forte entre a Plebe, justamente o extrato em que o *Princeps* pretendia solidificar e lastrear com benesses diversas, em medidas como a distribuição da *Annona*²⁴⁵, e promoção de espetáculos públicos, entre outras, para poder fazer frente a possíveis emuladores no Senado, casa de que em teoria, recebera o poder de volta, mas que no principado, estava sob o controle do *princeps*, para conferir legitimidade a suas medidas.

Levantado esse tópico tem a visão de que a protagonista, na condição de sacerdotisa, dispunha de notoriedade e até de certa popularidade dentro da *Urbs*, porém fora do patriciado. Portanto poderia exercer poder sobre estes grupos sociais em seu favor e através de sua aliança com Cesar e Marco Antônio. Podemos afirmar que Cleópatra não era em absoluto estrangeira naquele ambiente, mas ao mesmo tempo, egípcia, grega e romana. Ao receber as chamadas “Doações de Alexandria”, a protagonista exerceu o papel equivalente ao de magistrados²⁴⁶ em Roma, ao gerir estas regiões tidas como vitais para Roma, ao longo da região do Levante, o Chipre e também na Ásia Menor.

Essa seria uma das razões da sublimação de seu sacerdócio e de toda a construção parcial e enviesada pelo político e pelo romance, em detrimento da compreensão dos mecanismos que geraram o contexto social em que a memória da protagonista foi produzida e, posteriormente apropriada e reproduzida por grupos de interesse em diversas épocas e cenários sociais e políticos, em reinterpretações contemporâneas e modernas sobre Cleópatra e o mundo em que esta viveu. Porém, reiteramos que temos a plena percepção de que a documentação textual, na qual se baseiam todos estes indivíduos é altamente parcial e imbuída da ideologia do principado.

A estrutura é tributária dessa versão da memória da protagonista, cujo foco em aspectos periféricos de sua vida política redundava na constituição tida como única que desconsidera as evidências geradas pela cultura material, como as ruínas de templos de Ísis em cidades como Pompéia, Atenas, para não falar no *Iseum Campense*, localizado na própria Roma, além, da homenagem prestada por Júlio Cesar, quando da presença de Cleópatra em Roma, a convite dele próprio, onde há uma estátua dela, no templo de Vênus *Genetrix*, deidade romana esta, apontada como a genitora da *gens Julia*, que além de ter sido assimilada

²⁴⁵ Distribuição gratuita de Trigo para a vasta população urbana, que não poderia pagar pela compra cotidiana de pão. O trigo era parte integral dos impostos pagos pelas províncias, onde se verifica a importância do Egito para Roma.

²⁴⁶ Neste caso, seria o equivalente ao do Procônsul, magistrado que exercia o governo nas Províncias, e lá representava o *Cônsul*, ou o *Princeps*.

a egípcia Ísis, por ter se unido a Osíris, para gerar Hórus, à semelhança da união de Vênus com Marte, propalada como raiz da *gens* de Júlio Cesar.

A protagonista, ao que tudo indica, serviu de modelo para um principado, com o poder, personalizado na figura do *Princeps*, centralizado em suas mãos, a despeito do discurso de Otavio Augusto na *Ara Pacis* dedicar a devolução da autoridade ao Senado, casa que, na prática estava em suas mãos.

Cleópatra, como sacerdotisa de Ísis, representava uma figura de grande importância em Roma, diante de prementes fatores político-estratégicos e de enraizamento cultural e ideológico, além do fato de que tanto para o contexto egípcio, quanto para o romano era a religião que embasava e legitimava a estrutura de poder vigente e seus líderes, fator que amplifica a relevância da protagonista para a História Romana, visto que sua presença marcou, de forma decisiva, a transição definitiva da República para o regime de Principado, e encerrou um longo período de guerras civis e de conflitos sociais e políticos internos, cuja solução era de forma peremptória procurada na expansão territorial, o que, desde Sulla, amplificou ainda mais o processo de erosão das instituições e do *modus vivendi* característico do período republicano, em favor de um poder muito mais centralizado.

Para entrever esse emaranhado complexo de objetivos políticos que se cruzam, fatores econômicos e assimilação de novos cultos como parte da política de expansão do território romano, emolduramos o uso da grande para a análise do discurso de J. Greimas, utilizada pelo NEA, sob a direção da Professora Doutora Maria Regina Cândido. Recurso este, que, com o auxílio da análise do discurso de Eni Orlandi, possibilitou a segmentação e a verificação mais detalhada de cada nuance do discurso de Suetônio sobre a protagonista na obra “A vida dos Doze Césares”, uma biografia com fins eminentemente políticos, que permite entrever a ideologia e o *ethos* dominante durante o fim da República e grande parte do Principado.

Neste sentido, a Eminência que teve a protagonista, cuja memória sobreviveu desde a Antiguidade até a contemporaneidade, deveu-se à convergência de uma série de fatores, que foram desde o conturbado contexto político do Mediterrâneo do Século I a. C, até as diversas apropriações, pelas quais sua trajetória passou, que foram da arte às bandeiras políticas do século XX e que guardam profundas raízes com a egiptomania, cujo crescimento mais evidente se deu no século XIX, em especial na Europa e nos Estados Unidos. Também podemos acrescentar, neste quadro, o orientalismo, encantamento e fascinação pelo que o mundo ocidental concebe como “o Oriente”, uma terra exótica, estranha, de elementos místicos e misteriosos, fora de sua compreensão.

A busca pela afirmação levou integrantes da História afrocentrada a buscarem uma Cleópatra negra, como base para a desconstrução do que chamaram de uma história

eurocêntrica, focada em um Ocidente com pureza de ingredientes cultural e totalmente caucasiano, algo que pela geografia e pela dinâmica do mundo antigo, sabemos não corresponder á realidade objetiva, levantada a partir de pesquisas e da arqueologia. Tal movimento teve base, sobretudo nos Estados Unidos, durante as décadas de 1960 e 1970, como reflexo das lutas de afroamericanos pelos direitos civis e dos processos de independência de diversas colônias europeias, na África e na Ásia.

Sendo assim, concluímos que Cleópatra, por todos esses fatores, está enraizada no imaginário social, de grande parte do Ocidente, por representar a um só tempo, a magnificência de Alexandria e do helenismo, frente a um mundo romano, que experimentava a instabilidade trazida por transformações estruturais e por sua propalada beleza, que simbolizava a prosperidade contida no Egito, desde o período faraônico, cujo fascínio e projeção, pelo Mediterrâneo e Oriente Próximo, trouxeram para o arcabouço da memória permanente suas realizações e seus monumentos. A presença do culto de Ísis em Roma fazia da protagonista uma congênere ou equivalente aos magistrados e sacerdotes romanos, algo que o principado de Augusto procurou sublimar pelo esquecimento, visando à torção e construção de uma narrativa, onde esses tópicos não se fizessem presentes.

Sob essa direção, visualizamos a memória de Cleópatra, a partir de Suetônio, como uma conjunção de silêncios, propositalmente inseridos, que auxiliam na confecção de uma narrativa cujo foco estivesse em caracteres secundários, como sua beleza ou detalhes de relevância questionável, sublimadas por completo suas ações, enquanto política e sacerdotisa.

Tal procedimento se deve, pelo que concebemos, ao temor subliminar existente entre grupos do patriciado romano, em relação ao Oriente helenísticos e, sobretudo, ao fato de a grande expoente do principal culto estrangeiro em Roma ser também um exemplo de eminente monarca, cujo enraizamento no Egito poderia servir de farol para o retorno da monarquia em Roma, através de alguns de seus próprios generais e magistrados, com a forte personificação do poder, além do choque existente entre o panorama descrito até aqui e as tradições republicanas da Urbs, que erodiam ameaçadas tanto pelo interior, quanto pelo exterior.

Desta forma, compreendemos que Cleópatra representou todo um conjunto de arquétipos que, embora o principado de Augusto assimilasse, não admitia ter a protagonista como um modelo não dito de exercício do poder, transferido de Alexandria, do Egito, para o centro do território romano, o que lastreia o silenciamento em torno dos modelos de poder em Alexandria, que se refletiam na presença do culto de Ísis no interior da própria Roma.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Colin. **Natural Resources in Roman Egypt**. In: Bulletin of the American Society of Papyrologists: Department of Classical Studies. University of Michigan: Na Abor. 2013.
- ADAMSON, Julie. **Power and presence: Cleopatra's image in form and context**. Honor Thesis. San Marcos: Texas State University. 2007.
- AFIUNE, Pepita de Souza; LOURES, José. **O Orientalismo e as representações do Egito Antigo em Age of Mythology**. Vários Orientes. 2007.
- ALFOLDY, Gezza. **História social de Roma**. Alianza Editorial. Madri: 1987.
- ALMEIDA, Marina Rockenback. **Por um comparativismo construtivo do culto á Ísis entre atenienses e egípcios no final do V Século AEC**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2016.
- ALONSO, Ana Carolina Caldeira. **O império romano e sua religiosidade: O exemplo do culto de Ísis**. Revista Nearco- UERJ. Rio de Janeiro: 2011.
- ANDO, Clifford. **Exporting Roman Religion**. Chapter Twenty-Nine in: Roman Religion Outside and Seen from Outsid. **A Companion to Roman Religion**. Edited by Jorg Rupke. Blackwell Companion's to the Ancient World. Set in 10/12pt Galliard by Graphicraft Limited, Hong Kong. Printed and bound in Singapore by Markono Print Pte Ltd Blackwell Publishing. Act 29. 2007.
- ANSARA, Soraia. **Políticas de Memória X Políticas do Esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial**. In: PSICOLOGIA POLÍTICA. VOL. 12. Nº 24. PP. 297-311. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2012.
- ARNO, Claudia I. **How Romans Became "Roman": Creating Identity in an Expanding World**. A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (Greek and Roman History) in The University of Michigan: Chicago. 2012.
- AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de. **História, retórica e mulheres no Império Romano: Um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na Narrativa de Tácito**. Ouro Preto: EDUFOP. PPGHIS. 2012.
- BALDSDON, J. P. V. D (Organizador). **O mundo Romano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Biblioteca de Cultura Histórica. 1968.
- BALTHAZAR, Gregory da Silva. **A(s) Cleópatra(s) de Plutarco: As múltiplas faces da última monarca do Antigo Egito nas Vidas Paralelas**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2013.
- BALTHAZAR, Gregory; BAKOS, Margareth. **Encontro de Tempos: A Rainha Cleópatra no limiar da ciência e da imaginação**. Revista Historiador Especial Número 01, disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>. Ano 03. 2010.

BARROS, José D'Assunção de. **Imaginário, mentalidades e Psico- história: Uma discussão historiográfica**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005.

BARRY, Kristin M. **Progenios de Priamo: A guerra de Tróia e a propaganda de identidade e pertença**. Ball State University. 2016.

BAZCKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas coletivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC. 1984.

BEARD, Mary. **Uma História da Roma Antiga**. Critica. Editora Planeta: São Paulo. 2017.

BENDLIN, Andreas. **Religion at Rome In: Social Complexity and Religion at Rome in the second and first centuries BCE**. Thesis, Faculty of Literae Humaniores, University of Oxford, 1998.

BERNAL, Martim. Black Athena. **The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. Volume I: The Fabrications of Ancient Greece 1785- 1985**. New Jersey: Rutgers University Press New Brunswick. 1987.

BERNAL, Martim. Black Athena. **The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. Volume III: The Linguistic Evidence**. New Jersey: Rutgers University Press New Brunswick. 2006.

BERNAL, Martim. **A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Organização e revisão técnica). Textos didáticos. Repensando o mundo Antigo**. Fabio Adriano Hering e Glaydson José da Silva (Tradutores). Campinas: Departamento de História. Instituto de Filosofia e ciências humanas. Universidade Estadual de Campinas. N 49. 2005.

BERNAL, Martim. **O segredo grego. Não é possível negar a capacidade que a Grécia teve de se apropriar das formas culturais**. Por Antonio Cicero; Artigo do Jornal Folha de S. Paulo; Folha de S. Paulo Ilustrada, 2007. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1108200730.htm>. Acessado em 17/07/2020.

BERSTEIN, Stanley M. **The Reign of Cleopatra**. Westport. Connecticut. London: Greenwood Press. 2004.

BERTHET, Samuel. **La découverte de l'Asie**. [samedi 10 novembre 2012] Pierre Racine Marco Polo et ses voyages, Paris: Perrin, 2012.

BISHOP, Paul A. **Rome: Transition from Republic to Empire**. Hills Borough Community College, EUH Article On (rev 9/30/14), 2000.

BOGH, Birgitte Secher. **The Hellenistic-Roman cult of Isis**. In: The Handbook of Religions in Ancient Europe (eds. Hammer et al), edited by Lisbeth Bredholt Christensen, Olav Hammer and David A. Warburton, p. 228-41, 2013.

BONDIOLI, Nelson de Paiva (Doutorando em História pela UNESP-Assis, bolsista CAPES). **Os Limites da Romanização: Uma Reflexão acerca da Inteiração Cultural entre os Mundos Clássico e Celta**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo: 2011.

BOWEN, Shannon A. **Finding strategic communication & diverse leadership in the Ancient World: The case of Queen Cleopatra VII, The Last Pharaoh of Egypt.** University of Portsmouth. Cogent Arts & Humanities. 2016.

BRICAULT, Laurent. **The Gens Isiaca in Graeco-Roman Coinage.** *In: The Numismatic Chronicle* 175 Off print. London The Royal Numismatic Society. 2015.

BROADBENT, Valerie. **August, Egypt and Propaganda.** A thesis presented to the University of Waterloo in full fulfilment of the thesis requirement for the degree of Master of Arts in Ancient Mediterranean Cultures. Waterloo: Ontario. 2012.

CABRAL, Gustavo Cesar Machado. **De Ordo a Cognitione. Mudanças políticas e estruturais na função jurisdicional em Roma.** Brasília: 2012.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **Otávio Augusto e as suas redes político-religiosas nos quattuor amplissima collegia sacerdotum romanorum. (29 AEC – 14 EC).** Tese de Doutorado (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: 2017.

CANDIDO, Maria Regina. **Atenas. Liderança unipolar no Mar Egeu.** Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2016.

CARDOSO, Alexandre. **Civilização romana. Roma, A aldeia que virou império.** Rio de Janeiro. 2012.

CHISTODOULOU, Perikles. **Sarapis, Isis and the Emperor.** *In: Romanising Oriental Gods; Religious transformations in the Balkan provinces in the Roman period.* New finds and novel perspectives. Proceedings of the international symposium Skopje, 18–21 September 2013. Skopje. 2015.

CLIMACO, Joana Campos. **A Alexandria dos antigos: entre a polêmica e o encantamento.** Universidade de São Paulo (Tese de doutorado). São Paulo: 2012.

COCIANO, Dião Cassio (155 d. C- 229 d.C). **História Romana.** (Obra escrita em grego e em Latim, na península itálica na metade do Seculo III d.C). La Crisi della Repubblica nei Frammenti della Storia Romana (XXI-XXX).

COLLARES, Marco Antonio. **Representações do Senado Romano na Ab Urb Condita Libri de Títo Lívio:** livros 21-30. Franca: UNESP, 2009.

CORASSIM, Maria Luiza. **O cidadão na Republica Romana.** Projeto História. São Paulo: 2006.

CORASSIM, Maria Luiza. **A Alexandria Festiva** *In: Fronteiras mediterrânicas: estudos em comemoração dos 10 anos do LEIR-MA/USP [recurso eletrônico] / Norberto Luiz Guarinello et al (Orgs.) --* Porto Alegre, RS: Editora Fi. 2019

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga.** Martin Claret Editora. São Paulo: 1979.

CRENSHAW, Ben. R. **Roman Emperor Worship and the New Testament.** A Thesis Presented to The Faculty of Denver Seminary: Denver. 2017.

CUMON, Franz. **The Oriental religions in Roman Paganism**. Chicago: The Open Court Publishing Co. 1911.

DIAS, André Bonsanto. **O presente da Memória: Usos do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabranda'**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2012.

DIOP, Cheik Anta. **Black África**. Chicago: Lawrence Hills Book, 1987.

DOESWIJK, Andreas L; Noelli, Francisco S; Novak, Eder S. **O valor da interação com a população local na pesquisa arqueológica: O caso do município de Altônia, Paraná**. In: 150 anos de Paraná: História e Historiografia. Anais do VIII encontro Regional do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos. 2002.

ESTEVES, Anderson de Araujo Martins. **Nero nos Annales de Tácito** / Anderson de Araujo Martins. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010.

FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. **O culto da deusa Ísis entre os Romanos no Século II – Representações nas Metamorfoses de Apuleio**. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade). Assis: 2006.

FAVERSANI, Fábio. **Entre a República e o Império: Apontamentos sobre a amplitude desta fronteira**. As separações das Republicas e dos impérios na historiografia. Revista Mare Nostrum. São Paulo: 2013.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra. 2010.

FERNANDEZ, Alberto Palomar. **O senado Romano e a transformação da Republica em Império**. Universidade Federal do Paraná (Monografia). Curitiba. 2008.

FLEMMING, Rebecca. **Roman Religion: Identity and Empire**. History Part II Special Subject: History Part II: Subject A, in: ERSKINE, Andrew (Ed.). **A companion to the Hellenistic world**. John Wiley & Sons, 2009.

FREITAS, Victor de Oliveira. **Fundamentos do projeto político de Cesar na obra Comentarii de Bello Gallico**. UFRJ. 2014.

FUENTE, Amparo Arroyo de La. **El culto isíaco em El Império Romano: Cultos diários y rituales iniciáticos. Iconografia y significado**. Boletim de La Asociacion española de egiptologia. Madri: 2002.

FURLANI, João Carlos. **Questões a se (re)pensar: Apuleio, as Metamorphoses e o Norte da Africa**. In: A África no Mundo Antigo: possibilidades de ensino e pesquisa. João Carlos Furlani (organizador) Serra: Editora Milfontes. 2019.

GALITO, Maria Souza. **Roma Antiga. Uma perspectiva de análise**. Lisbon School of Economics & management. Centro de estudos sobre África, Ásia e América Latina. Lisboa: 2017.

GARDNER, Jane F. **Mitos Romanos**. São Paulo: Editora Centauro. 1999.

GAUDEFRY, Olivier. **Cléopâtre, L'Immortelle. De l'histoire a lá legende.** Paris: Arlea. 2017.

GILLESPIE, Caitlim. **Venus Poppaea e as rainhas Ptolomaicas: Uma Biografia alternativa.** 2014 In: <http://research.ncl.ac.uk/histos/documents/2014A04GillespiePoppaeaVenusandthePtolemaicQueens.pdf>. Acessado em 25-04-2017.

GILLMEISTER, Andrzej (Zielona Góra). **Augustus Polonus. The Image of the Emperor in Polish Historiography in Inter-War Period.** Preliminary Remarks. *Studia Ceranea* 6. p. 257–270 DOI: 10.18778/2084-140X.06.14. 2016.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os Rastros- Fictício, Falso, Verdadeiro.** São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes- O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

GIRARDET, Raoul. **Para uma introdução ao imaginário político In: Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. **LEI E ORDEM NA REPÚBLICA ROMANA: UMA ANÁLISE DA OBRA DE LEGIBUS DECÍCERO.** *Arqueologia, História e Estratégia.* São Paulo: Unicamp, (http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/arquivos/historia_militar/lei_ordem.html#_ftn11.) Acessado em 22/09/2016.

GOLDEN, Gregory K. **Crisis Management during the Roman Republic: the role of political institutions in emergencies.** Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GOLDSWORTHY, Adrian. **How Rome fell. The death of a Superpower.** New Haven and London: Yale University Press. 2009.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. **Septimio Severo e a consecratio de Pertinax: Rituais de morte e poder.** *História.* São Paulo: 2007.

GOODY, Jack. **O roubo da História. Como os europeus se apropriaram das invenções do Oriente.** São Paulo: Editora Contexto. 2008

GRANT, Michael. **The world of Rome.** Cambridge University Press; 1st Edition edition. 1997.

GRIMAL, Pierre. **História de Roma.** Lisboa: Edições, Texto & grafia LTDA. 2008.

GRIMAL, Pierre. **O Império Romano.** Lisboa: Edições 70, 1993.

GRIMAL, Pierre. **O Século de Augusto.** Lisboa: Edições 70. 2018.

HADAS, Moses. **Roma Imperial.** São Paulo: Editora José Olímpio. 1970.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Biblioteca Vértice. Sociologia e política: São Paulo. 1990.

HAYNE, Lionie. **Isis and Republican politics**. (By University of Sydney. Acta Classica. XXXV. Sydney: 1992.

HANN, Yvonne. "**Royal Wench:**" **Investigating Gender and Power in the Antony and Cleopatra Plays of the English Renaissance**. A thesis submitted to the School of Graduate Studies in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctorate of Philosophy Department of English Language and Literature. Memorial University of New Foundland: 2009.

HILTON, J. L. **The Herschel Obelisk, Classics, and Egyptomania at The Cape**. University of Kwazulu-Natal. Durban: 2006.

JOLY, Fabio Duarte. **Tácito e a metáfora da escravidão. Um estudo da cultura política romana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2004.

JONES, A. H. M. **A última crise: O império romano até seu declínio**. In: **O mundo Romano**. BALDSDON, J. P. V. D (Organizador). Rio de Janeiro: Zahar Editores. Biblioteca de Cultura Histórica. 1968.

JONES, Prudence J. **Cleopatra: A Sourcebook**. Oklahoma Series in Classical Culture. 2006.

JUNIOR, Jose Petrucio de Farias. **Discurso, retórica e poder na antiguidade tardia: a construção do ethos político em Sinésio de Cirene**. Universidade Estadual Paulista. (Tese de Doutorado) Franca: 2011.

KLEINER, Diana E. **Cleopatra and Rome**. Cambridge, Massachusetts and London: The Belknap Press of Harvard University Press. 2005.

KREUZ, Débora Strieder; FELTES, Fernanda. **Apresentação da mesa: Os usos do passado no presente**. *Aedos*: Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS: Porto Alegre. 2016.

LE MOS, Márcia Santos. **Cristãos, Pagãos e a cultura escrita: As representações do poder no império romano dos séculos IV e V. d.C.** Niterói: UFF (Tese de Doutorado). 2009.

LEVI, Giovanni. **A micro-história in: A escrita da História: Novas perspectivas**. Peter Burke (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1992.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 2002.

LEVI, Giovanni. **Herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Giovanni Levi; prefácio de Jacques Revel; tradução Cynthia Marques de Oliveira. — Civilização Brasileira: Rio de Janeiro. 2003.

LIVINGSTON, Candace Weddle. **Imperial Cult, Rome**. Springer International Publishing AG, part of Springer Nature. South Carolina School of the Arts at Anderson University: Anderson 2018.

LOBUR, John Alexander. **Consensus, Concordia, and the formation of Roman Imperial Ideology**. Routledge Taylor & Francis Group. New York; London: 2008.

LOMAN, Pasi. **Mobility of Hellenistic women**. Thesis submitted to the University of Nottingham for the degree of Doctor of Philosophy. 2004.

LORIGA, Sabina. **A biografia como problema**. *In: A escrita da História: Novas perspectivas*. Peter Burke (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1992.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X. Da biografia á História**. Rio de Janeiro: Editora Autêntica. 2011.

LOVATO, Luiz Gustavo. **A jurisdição no direito romano**. (<http://www.lovatoeport.com.br/>).

LOZANO, Fernando. **Divi Augusti and Theoi Sebastoi: Roman Initiatives and Greek Answers**. *Classical Quaterly*. 2007.

MARCELINO, Douglas Atilla. **Tempo presente e usos do passado: Qual o lugar da epistemologia?** - VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio da (orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2012, 198 p.

MARQUES, Ana Carolina Marinho. Direito Romano: **A magistratura no período Republicano**. Ana Carolina Marinho Marques. *Revista eletrônica Faminas-BH*. 2011. www.faminasbh.edu.br/upload/downloads/201112061740132432.pdf. Acessado em 27/09/2016.

MARQUES, Juliana Bastos. **As faces de Roma e os centros de poder em Amiano Marcelino**. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro: 2011.

MAZUREK, Lindsey A. **Reconsidering the role of Egyptianizing material culture in Hellenistic and Roman Greece**. *In: Journal of Roman Archeology. Review Articles and Long Reviews and Books Receive*. 2013.

MERCED-OWNBEY, D. Jasmine. **Roman Isis and the pendulum of tolerance in the Empire**. *Inquiry: The University of Arkansas Undergraduate Research Journal. Volume 9. Article 12*. University of Arkansas: Fayetteville. 2008.

MEYERS, Cassidy. **The Cult of Isis and Other Mystery Religions in Pompeii and the Roman World**. 2016.

MIDFORD, Sarah; EVANS, Rhiannon. **Caesar's Thiumphs over Gaul and Rome**. Melbourne: Latrobe University. 2017.

MILLES, Margareth. **Cleopatra, A Sphinx revisited**. Bekerley and Los Angeles: University of California Press. 2011.

MILNOR, Kristina. **Gender, domestic and the age of August: Inventing Private Life**. *Oxford Studies in classical literature and gender theory*. Oxford University Press. 2005.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Syme, Ronald: **The Roman Revolution, Oxford. The Clarendon Press. 1939**. *Relecturas. Rey Desnudo. Revista de Livros. Año V. N. 9*. (Reseña publicada en *The Journal of Roman Studies*, Vol. 30, No. 1, 1940). Edição de 2016.

MOTA, Thiago Eustáquio Araujo. **Do Descensusa Consecratio: Analisando os funerais heróicos na Eneida de Virgilio (I. a. C)**: Dissertação de Mestrado. UFG. 2011.

- NETO, José Maria Gomes de Souza. (Universidade de Pernambuco). **Deuses do Egito (2016): Uma narrativa fílmica da civilização branca**. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, n. 16. 2019.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.
- OLIVEIRA, Barbara. **As apropriações culturais da Rainha Cleópatra VII na contemporaneidade: Um estudo a partir do filme Cleópatra, de 1963**. Cadernos de Clio. N 5. Curitiba: 2014
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Rio de Janeiro: Pontes, 2012.
- ORLIN, Eric. **Augustan Religion: from Locative to Utopian**. In: Rome and Religion: A Cross-Disciplinary Dialogue on the Imperial Cult. 2011.
- PACHIS, Panayotis. **“Manufacturing religion” in the Hellenistic Age: The case of Isis-Demeter Cult**. Aristotle University of Tessaloniki. 2009.
- PETERSEN, Lauren Hackworth. **Places of Roman Isis: Between Egyptomania, politics and religion**. Oxford University Press. 2016.
- POLLACK, Michael. **Memória, silêncio, esquecimento**. Estudos históricos, v. 2, n. 3, 1989.
- POMEROY, Sarah B. **Women in Hellenistic Egypt**. From Alexander To Cleopatra. New York: Schocken Books. 1984.
- PLUTARCO, Lucio Méstrio (64 a.C- 120 d.C). **O divino Júlio in: Vidas Paralelas, Alexandre, o Grande e Júlio Cesar**.
- PLUTARCO, Lucio Méstrio (64 a.C- 120 d.C). **O divino Júlio in: Vidas Paralelas, Alexandre, o Grande e Júlio Cesar. Vida de César 49.1**. Vidas de Cesar/Por Suetonio e Plutarco; tradução e notas Antonio de Silveira Mendonça, Isis Borges Belchior da Fonseca, São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- RIAD, Henri. **Egyptian Influence on Daily Life in Ancient Alexandria**, In: Alexandria and Alexandrianism. The J. Paul Getty Museum Malibu. California: Malibu. 1996.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Unicamp. Campinas: 2007.
- ROOKER, Rebecca. **The myth of Cleopatra: Shrewd Sovereign or Wanton woman**. Department of History. Turlock: California State University Stanislaus. 2017.
- ROSA, Claudia Beltrão da. **A religião na Urbs**. In: **Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, política e cultural** / Gilvan Ventura da Silva; Norma Musco Mendes (Organizadores). Rio de Janeiro: MAUAD; Vitória: EDUFES. 2006.
- ROULAND, Norbert. **Roma, Democracia Impossível? Os agentes do poder na urbe romana**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1997.
- SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Editora Companhia das Letras: São Paulo. 1993.

SARAPU, Daniel; MARANHÃO, Bernardo. **A memória em disputa e o direito: Entre o Silêncio imposto e o reconhecimento legitimado**. Anais do XVII Congresso Nacional do CONPEDI: Brasília. 2008.

SERBENA, Carlos. **Imaginário, ideologia e representação social**. Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas. UFSC. Florianópolis: 2003.

SCHMITT, Bianca Klein. **Casamentos multiculturais: relações culturais e de poder entre muçulmanos e cristãos na península Ibérica**. In: Anais do III Encontro do Grupo de Trabalho em História Antiga e Medieval da ANPUHSC [recurso eletrônico] / Encontro do GT em História Antiga e Medieval ANPUH-SC. Organizado por Aline Dias da Silveira, Luis Fernando Telles D'Ajello, Rodrigo Bragio Bonaldo – Florianópolis: Ed. Jurisciência. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História Nucleo Interdisciplinar de Estudos Medievais. 2017.

SCHNEIDER, Viviane. **Josefo: A retórica e as origens da biografia. Pecado, castigo e história: conexões teóricas e usos pósteros de “Josefo”**. SBEC. Congresso Nacional. 2001.

SHERWIN-WHITE, A. N. **The Roman Citizenship**. 2d ed. Oxford: Clarendon Press, 1973.

SILVA, Thais Rocha da. **Fronteiras da Egiptologia Orientalismo, Helenização e Estudos de Gênero**. universidade de Oxford. Ano VIII: 2016.

SOARES, Hariadne da Penha. **Os cultos de Isis e Artagátis no Alto império Romano: Conflito religioso e formação de identidades nas *Metamorphoses* e *Dea Syria***. Centro de ciências humanas e naturais. Programa de pos graduação em História Social das relações políticas. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: 2011.

SORIA, Vicenzo. **O conceito de “romanização” e o panorama acadêmico português**. In: 150 anos de arqueologia em Portugal. Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa. 2013.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamente. **O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais**. *Cadernos CEDES*, Ano XX, n. 50, pp26-40, Abril. 2000.

STRAUSS, Barry. **A morte de Cesar. Roma Antiga e o assassinato mais famoso da História**. São Paulo: Editora Seoman. 2017.

STROOTMAN, Rolf. **Queen of Kings: Kleopatra VII and the donations of Alexandria**. in: Margherita Facella and Ted Kaizer eds. *Kingdoms and Principalities in the Roman Near East*. Occidens et Oriens 19. Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 2010.

STAUDT, Tarcísio; SANTOS, Luís Alberto Silva dos; BITARELLO, Jucelaine. **Um olhar da Psicologia sobre a religião**. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 3., 2016, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016.

Syme, Ronald. **“The Roman Revolution”**. Oxford University Press. OXFORD AT THE CLARENDON PRESS. Oxford: 1939.

TAKACKS, Sarolta A. **Cleopatra, Isis, and the Formation of Augustan Rome**. in: *Cleopatra: A sphinx revisited: Cleopatra, Ísis and the formation of the Augustan Rome*.

Contributors: Margaret M. Miles - Editor. Publisher: University of California Press. Place of publication: Berkeley, CA. 2011.

TEIXEIRA, Claudia. **The cult of Isis in Rome: Some aspects of its reception and the testimony of Apuleius' *Asinus Aureus***. Edições Afrontamento; CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Alexandria University; Imprensa da Universidade de Coimbra. 2013.

TILDESLEY, Joyce. **Cleopatra. Last Queen of Egypt**. London: Profile Books LTD. 2008.

TRANQUILO, Caio Suetônio. **A vida dos Doze Césares**. (No original em Latim, *De Vita Caesarum*). Escrito na península itálica. No Século I d.C. Retirado da plataforma Penelope, da Universida de Chicago.

URCIUOLI, Emiliano Rubens and RUPKE, Jörg. **Urban Religion in Mediterranean Antiquity: Relocating Religious Change**. Mythos. rivista di Storia delle religioni. Varia: Salvatore Sciascia Editore. 2018.

WOOLF, Greg. **Only connect? Network analysis and religious change in the Roman World**. Revista Hélade: Niterói. 2016.

ZANKER, Paul. **The Power of Images in the Age of Augustus**. The University of Michigan Press: Chicago. 1988.

ANEXO A - Metodologia

Metodologia: Realizada através da tradução do texto disponível na plataforma Penélope, da Universidade de Chicago, no biênio 2018-2019.

Fonte Original:

http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Suetonius/12Caesars/Julius*.html.
Análise do discurso//Grade de análise de Greimas.

Processo de análise de conteúdo:

| | |
|---|---|
| Autor/Obra | Suetônio. A vida dos Doze Césares |
| Região/Período: | Península Itálica. Século I a. C |
| Público/Privado Manifestação da Língua | Circulação privada, em banquetes realizados junto aos Patrícios. Latim Urbano falado em Roma no Século I. a.C |

Análise do Texto:

| | |
|-------------------------------------|---|
| Propriedades da linguagem do texto: | Abordagem de temas políticos junto ao patriciado; seus clientes. |
| Qualificação do texto: | Compilação das ações e atos dos homens que exerceram o poder em Roma, durante o período do Principado, que inclusive se deu durante a vida do autor (entre 69 e 141 d.c). |
| Comunicação do texto: | Descreve o envolvimento político de Cleópatra com magistrados romanos durante o triunvirato. |
| Processo de interação: | O texto era narrado no decorrer dos banquetes, tendo os convivas como ouvintes. |
| Conceitos operacionais do texto: | Triúviro - dinastia Lágida - Ptolomeus – culto a Ísis |
| Monofonia/Polifonia: | Marcial - Juvenal - Díon Cássio |
| Intertextualidade: | Flávio Josefo - |

Seleção do conteúdo:

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|-------------------------|---|---|
| Banquetes | (Cesar, 52.1) mas acima de tudo com Cleópatra, com quem muitas vezes se banquetearam até o amanhecer | Cesar e Cleópatra estabelecem aliança e ele se detém no Egito em banquetes” |
| Navegação até a Etiópia | (Cesar 52.1 II) e ele teria ido através do Egito com ela em seu barco até a Etiópia | Cesar demonstra interesse na Etiópia |
| Recusa dos Soldados | (Cesar 52. 1 III) porem seus soldados se recusaram a segui-lo | As legiões sob o comando de Cesar se recusam a segui-lo |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|---------------------------------------|--|---|
| Honra e presentes | (Cesar 52.2) Finalmente, ele a chamou para Roma e não a deixou sair até lhe carregar com altas honras e presentes ricos | Cesar convida Cleópatra para ir a Roma e a cobre de honrarias |
| Nome ao Filho | (Cesar 52.2 II) ele permitiu-lhe dar seu nome para a criança que ela deu à luz | O filho de Cesar com Cleópatra recebe seu nome |
| Entrega do governo do Egito | (Cesar, 35.1) Vitorioso, apesar de tudo, ele entregou o governo do Egito, a Cleópatra e seu irmão mais novo | Cleópatra assume o governo do Egito |
| Controle do Egito | (Cesar, 35.1 II) temendo que, que poderia um dia sob um governante repressor o Egito se tornasse uma fonte de revolta | A preocupação de Cesar com a estabilidade no território |
| Cesar interfere nos assuntos do Egito | (Cesar, 11.1) Tendo vencido a oposição das massas, César fez uma tentativa através de alguns dos tribunais de ter a posse do Egito dado a ele por um decreto dos comuns | Cesar intervém na dinâmica jurídica do Egito |
| Governo de Alexandria | (César 11. 2) aproveitando a oportunidade para pedir uma nomeação tão irregular porque os cidadãos de Alexandria tinham deposto seu rei | Cesar realiza nomeações |
| Aliados de Roma | (Cesar 11.2 II) que havia sido nomeado pelo senado um aliado e amigo do povo romano, e sua ação era geralmente condenada | Cesar recobra as alianças políticas |
| Acusações contra Antônio | (Augusto, 17.1) e melhor para mostrar que seu rival tinha decaído em sua conduta como um cidadão | Augusto discursa contra Antonio sobre sua cidadania |
| Testamento de Antonio | (Augusto, 17.1 II) ele tinha a vontade que Antonio tinha deixado por escrito em seu testamento em Roma, nomeando seus filhos com Cleópatra entre seus herdeiros, abertos e lidos diante do povo | Augusto expõe o testamento de Antonio para disforiza-lo |
| Filhos de Cleópatra | (Augusto, 17.1 III) nomeando seus filhos com Cleópatra entre seus herdeiros, abertos e lidos diante do povo | Cleópatra herdeira de Antonio |
| Antonio declarado inimigo | (Augusto 17. 2) Mas quando Antonio foi declarado um inimigo público, ele enviou de volta para ele todos os seus parentes e amigos, entre outros Caio Sósio e Tito Domício, que eram ainda cônsules no momento | Augusto dispensa os aliados de Antonio e os cônsules |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|---------------------------------|---|---|
| Clientes de Antonio licenciados | (Augusto 17. 2 II) Ele também licenciou a comunidade de Bononia de ingressar na mobilização de toda a Itália, uma vez que tinha sido desde tempos antigos clientes de Antonio | Augusto exclui os aliados de Antonio da mobilização geral |
| Vitória de Augusto | (Augusto.17.3) em seguida, foi para o Egito por uma forma indireta através da Ásia e da Síria, sitiou Alexandria, onde Antonio se refugiara com Cleópatra, e logo tomou a cidade | “Augusto toma o controle de territórios antes sob o poder de Antônio” |
| Suicídio de Antonio | (Augusto 17.4) Embora Antonio tentou fazer termos na última hora, Augusto forçou-o a cometer suicídio, e viu seu cadáver | “Antônio se vê forçado ao suicídio para manter sua <i>dignitas</i> ” |
| Augusto em Alexandria | (Augusto 17. 5) Ele havia muito desejado levar Cleópatra viva para seu triunfo” | Cleópatra e o triunfo de Augusto |
| Suicídio de Cleópatra | (Augusto 17. 5 II) e ainda chamou <i>Psilos</i> trouxe para ela, para sugar o veneno de sua ferida, já que se pensava que ela tinha morrido pela picada de uma serpente | Augusto cogita chamar <i>Psilos</i> para tentar salvar Cleópatra |
| Rituais funerários | (Augusto 17. 6) Ele permitiu-lhes a honra de sepultamento na mesma tumba | Honras fúnebres permitidas por Augusto |
| Mausoléu do casal | (Augusto 17. 6 II) dando ordens para que o mausoléu cuja construção havia sido iniciada pelo casal deveria ser concluído | Finalização da tumba do casal |

ANEXO B - Grades Adicionais

Metodologia: Realizada através da tradução do texto disponível na plataforma Penélope, da Universidade de Chicago, no biênio 2018-2019.

Fonte Original:

http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/home.html.

Análise do discurso//Grade de análise de *Greimas*.

Processo de análise de conteúdo:

| | |
|--|---|
| Autor/Obra Região/Período: | Dião Cássio. História de Roma. Península itálica. Ca 155- 164 d.C. |
| Publico/Privado Manifestação da Língua: | Circulação privada, em banquetes realizados junto aos Patrícios. Latim Urbano falado em Roma no Século I a.C. |

Análise do Texto:

| | |
|-------------------------------------|---|
| Propriedades da linguagem do texto: | Descrição de eventos e seus personagens principais envolvendo todo o período da História da sociedade romana desde o advento da Republica até o início do Principado. |
| Qualificação do texto: | Descrição narrativa dos principais eventos da História Romana, (sec. II a.C – Sec. I d.C). |
| Comunicação do texto: | O texto pontua sobre a relação de Cleópatra com Roma, indo desde o contato inicial com Julio Cesar, até seu falecimento após a queda de Alexandria. |
| Processo de interação: | O texto era narrado no decorrer dos banquetes, tendo os convivas como ouvintes. |
| Conceitos operacionais do texto: | História – Republica - |
| Monofonia/Polifonia: | Marcial – Juvenal - Suetônio |
| Intertextualidade: | Flávio Josefo. |

Seleção do conteúdo:

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|--|--|-------------------------|
| Chegada de Pompeu ao Egito após a derrota em Farsalos. | Hist. 42 .3 Ele partiu, então, para o Egito, pelas razões mencionadas, e depois de seguir pela costa até a Cilícia, de lá para Pelusium | Domínio romano do Egito |
| Disputa pelo Trono do Egito entre Ptolomeu XIV e | Hist. 42. 3 II onde Ptolomeu estava acampado enquanto guerreava contra sua irmã Cleópatra | Disputas familiares |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|--|--|--------------------------------|
| Cleópatra | | |
| Aliança entre Pompeu e Ptolomeu XIII, pai de Cleópatra | Hist. 42.3. III Trazendo os navios para ancorar, ele enviou alguns homens para lembrar o príncipe do favor mostrado a seu pai e pedir que ele fosse autorizado a pousar sob certas garantias definidas | Alincas políticas entre reinos |
| Desembarque de Pompeu no Egito. | Hist. 42. 3 IV porque ele não se aventurou a desembarcar antes de obter alguma garantia de segurança | Receptividade |
| Recepção de Pompeu | Hist. 42.3 IV Ptolomeu não lhe deu resposta, pois ainda era um mero rapaz, mas alguns dos egípcios e Lúcio Septímio, um romano que outrora serviu com Pompeu e depois de se associar com Gabínio, foram deixados para trás por ele com algumas tropas para proteger Ptolomeu | Política externa |
| Reiterada aliança de Pompeu com Ptolomeu | Hist. 42.3 V veio na condição de aliado; mas impiamente tramaram contra ele e por seu ato trouxeram uma maldição sobre si e todo o Egito. | Fidelidade |
| Ligações entre Roma e Cleópatra explicitadas | Hist 42. 4 mas os egípcios, por sua vez, foram primeiro entregues para serem escravos de Cleópatra, que eles particularmente não gostavam, e mais tarde estavam incluídos entre os súditos de Roma | Alianças políticas |
| Cilada para Pompeu | Hist 42.4. 4 Agora, quando se aproximavam da terra, temendo que se ele encontrasse Ptolomeu, ele poderia ser salvo, seja pelo próprio rei ou pelos romanos que estavam com ele ou pelos egípcios, que o consideravam com sentimentos muito gentis, eles o mataram antes de navegar no porto | Estratégias de guerra |
| Morte de Pompeu no Porto de Alexandria | Hist 42 .4 II Ele não proferiu nenhuma palavra e não fez nenhuma queixa, mas assim que percebeu sua conspiração e reconheceu que não seria capaz de afastá-los ou escapar, ele ocultou seu “rosto. | Pompeu eliminado em Alexandria |
| Cesar segue Pompeu no Egito | Hist 42 7.1 Enquanto isso, soube que Pompeu estava velejando para o Egito e, temendo que o outro ocupasse o país primeiro, poderia voltar a ser forte, partiu com toda a velocidade | Prosseguimento da Guerra Civil |
| Cesar chega a | Hist 42 7. 2 | Cesar no Egito |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|---|---|----------------------------------|
| Alexandria | E, encontrando-o não mais vivo, com alguns seguidores, navegou muito antes dos demais para Alexandria, antes que Ptolomeu viesse de Pelusa. Ao descobrir que as pessoas da cidade estavam em um tumulto sobre a morte de Pompeu, ele não se aventurou a ir à praia, mas foi para o mar e esperou até ver a cabeça e o anel de patricio do homem assassinado, enviado por Ptolomeu | |
| Cesar arrecada tributos no Egito | Hist 42 9.1 Acreditando que agora que Pompeu estava fora de seu caminho, não havia mais nenhuma hostilidade contra ele, ele passou algum tempo no Egito arrecadando dinheiro e decidindo as diferenças entre Ptolomeu e Cleópatra. Enquanto isso outras guerras estavam sendo preparadas contra ele | Recursos e alianças no Egito |
| Guerra Alexandrina | Hist 42 9.2 O Egito se revoltou, e os faraós, tão logo souberam que Pompeu e César estavam em desacordo, haviam começado a reivindicar seu domínio ancestral, já que ele esperava que eles desperdiçassem muito tempo em sua briga e usassem o Forças romanas umas sobre as outras | Guerras civis no Egito e em Roma |
| Planos de Cesar para o Egito | Hist 42 9. 3 e ele agora ainda seguia em frente com seus planos, em parte porque havia começado uma vez e em parte porque descobriu que César estava longe, e na verdade ele aproveitou muitos pontos antes da chegada do outro | Cesar e o Egito |
| Visão romana da guerra alexandrina | Hist 9.3 II Enquanto isso, Catão, Cipião e os outros que compartilhavam da mesma mentalidade com eles pisaram na África uma luta que foi ao mesmo tempo uma guerra civil e estrangeira | Guerras civis no Mediterraneo |
| Tributos no Egito | Hist 34. 1 Os egípcios estavam descontentes com as cargas de tributos e indignados porque nem mesmo seus templos foram deixados intocados | Início de revoltas |
| Contatos iniciais de Cleópatra com os Romanos | Hist 34. 3 Cleópatra, ao que parece, a princípio instara com César sua reivindicação contra seu irmão por meio de agentes, mas assim que ela descobriu sua disposição (que era muito suscetível, a tal ponto que ele teve | Relações de Cleopatra com Roma |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|---|--|---------------------------------------|
| | suas intrigas com tantos outros as mulheres - com todas, sem dúvida, que por acaso apareceram no caminho - mandaram dizer-lhe que estava sendo traída por suas amigas e pediram que lhe permitissem defender seu caso pessoalmente | |
| Beleza e encantamento de Cleópatra | Hist 34. 4 Pois ela era uma mulher de beleza extraordinária e, naquela época, quando ela estava no auge de sua juventude, ela era mais marcante; ela também possuía uma voz encantadora e um conhecimento de como se tornar agradável para todos | Atributos de Cleópatra |
| Reivindicações de Cleópatra ao Trono do Egito | Hist 34 5 “Ser brilhante de olhar e escutar, com o poder de subjugar cada um, até mesmo um homem saciado por amor que já passava do auge, ela pensava que seria de acordo com seu papel encontrar-se com César, e ela repousou nela. beleza todas as suas reivindicações ao trono” | Poder e beleza |
| Cleópatra encontra Julio Cesar | Hist 34 6 Ela pediu, portanto, para ser admitida em sua presença, e para obter permissão adornada e embelezada, de modo a aparecer diante dele na mais majestosa e ao mesmo tempo com aparência de pena. Quando aperfeçoou seus esquemas, entrou na cidade (pois vivia fora dela) e, à noite, sem o conhecimento de Ptolomeu, entrou no palácio | Estratégias de Cleópatra junto a Roma |
| Cleopatra interage com Cesar | Hist 35 1 César, ao vê-la e ouvi-la falar algumas palavras, ficou completamente cativado que imediatamente, antes do amanhecer, mandou chamar Ptolomeu e tentou reconciliá-los, agindo assim como defensor da própria mulher cujo juiz ele supunha anteriormente ser | Diplomacia de Cleópatra |
| Tumultos em Alexandria | Hist 35.2 Por esta razão, e porque a visão de sua irmã dentro do palácio foi tão inesperada, o menino ficou cheio de ira e correu para fora entre as pessoas gritando que ele estava sendo traído, e finalmente ele rasgou o diadema de sua cabeça e jogou fora. No grande tumulto que surgiu então, as tropas de César se apoderaram da pessoa do príncipe e da população egípcia que continuava em alvoroço | Guerra Alexandrina em ebulição |
| Guerra | Hist 35.2 II | Controle |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|--|---|-----------------------------------|
| Alexandrina | Eles atacaram o palácio por terra e por mar ao mesmo tempo e poderiam tê-lo tomado sem um golpe, já que os romanos não tinham a força adequada presente, devido à amizade aparente dos nativos; mas César, alarmado, saiu diante deles e, em um lugar seguro, prometeu fazer por eles o que quisessem. | territorial |
| Cesar intermedeia a disputa entre Cleópatra e Ptolomeu | Hist 35. 2 III Depois ele entrou numa assembleia deles, e produzindo Ptolomeu e Cleópatra, leu a vontade de seu pai, na qual se ordenou que eles vivessem juntos de acordo com o costume dos egípcios e governassem em comum, e que o povo romano exercesse um tutela sobre eles | Alianças de Cesar no Egito |
| Acertos de questões em Alexandria | Hist 35. 5 Quando ele fez isso e acrescentou que pertencia a ele como ditador, mantendo todo o poder do povo, para ter uma supervisão dos filhos e satisfazer os desejos de seu pai, ele concedeu o reino sobre ambos e concedeu Chipre a Arsinoë e Ptolomeu, o Jovem, uma irmã e um irmão deles | Organizando o trono do Egito |
| Acordos sobre territórios | Hist 35 6 Pois tão grande temor a ele, parece, que ele não só se apossou de nenhum domínio egípcio, mas na verdade também lhes deu alguns dos seus | A Importancia do Egito para Cesar |
| Efeitos dos combates em Alexandria | Hist 38.2 Depois disso, muitas batalhas ocorreram entre as duas forças, tanto de dia como de noite, e muitos lugares foram incendiados, com o resultado de que as docas e os armazéns de grãos entre outros edifícios foram queimados, e também a biblioteca, cujos volumes, Dizem que eram do maior número e excelência | Violência em Alexandria |
| Disputa entre os Ptolomeus | Hist 39.1 Enquanto estes eventos estavam acontecendo, um Ganimedes, um eunuco, secretamente trouxe Arsinoë para os egípcios, já que ela não estava muito bem guardada. Eles declararam-na rainha e prosseguiram para processar a guerra com mais vigor, na medida em que agora tinham como líder um representante da família dos Ptolomeus | Disputa pelo Trono em Alexandria |
| Fim da Guerra Alexandrina | Hist 44.1 Assim, César venceu o Egito. Ele, no entanto, não o | Cleopatra assume o trono |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|---|--|---------------------------|
| | sujeitou aos romanos, mas concedeu-o a Cleópatra, por quem ele travou o conflito | do Egito |
| Casamento de Cleópatra com Ptolomeu XIV | Hist 44. 2 No entanto, temendo que os egípcios pudessem se rebelar novamente, porque foram entregues a uma mulher para governar, e que os romanos poderiam estar com raiva, tanto por causa disso quanto porque ele estava vivendo com a mulher, ele ordenou que ela "se casasse". "seu outro irmão, e deu o reino a ambos, pelo menos nominalmente | Tradições egípcias |
| Cesar em Companhia de Cleópatra | Hist 44.3 Pois, na realidade, Cleópatra deveria manter todo o poder sozinha, já que seu marido ainda era um menino e, em vista do favor de César, não havia nada que ela não pudesse fazer. 4 Daí ela morar com o irmão e dividir o reino com ele era uma mera pretensão que ela aceitou, enquanto na verdade ela governava sozinha e passava o tempo na companhia de César | Cesar se alia a Cleopatra |
| Fim da estadia de Cesar no Egito | Hist 45.1 Ela o teria detido por mais tempo ainda no Egito ou teria partido imediatamente com ele para Roma, se Farneses não apenas afastassem César do Egito, muito contra sua vontade, mas também o impedisse de correr para a Itália | Cesar parte para Roma |

ANEXO C - Processo de descrição de conteúdo

Processo de descrição de conteúdo: Realizada através da tradução do texto disponível na plataforma Penélope, da Universidade de Chicago, no biênio 2018-2019.

Fonte: <https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/home.html> .
Processo de análise do discurso /Grade de análise de Greimas.

| | |
|------------------------|--|
| Autor/Obra | Plutarco / Vidas Paralelas |
| Período/Região | Península Itálica. 46 d. C- 120 d.C. |
| Publico/Privado | Privado. Em banquetes realizados junto às elites romanas. |
| Manifestação da Língua | Latim e grego urbano falado em Roma no Século I d.C. Ele também era autor de literatura. |

Análise do Texto:

| | |
|-----------------------------------|---|
| Propriedade da Linguagem do Texto | Linguagem política de cunhos morais para as elites romanas |
| Qualificação dos Textos: | Compilação de biografias de estadistas e soldados Romanos e Gregos em períodos anteriores á vida do autor (64 a.C- 120 d.C). |
| Processo de interação: | O documento informa sobre as figuras romanas célebres do período da Republica e início do principado, incluindo aí, as vidas de Júlio César e Marco Antônio, nas quais Cleópatra está inserida. |
| Conceitos operacionais do Texto: | <i>Aretai</i> (Virtude) , <i>Kakiai</i> (Vícios) e <i>Bioi</i> (Vida) |
| Monofonia/Polifonia: | Platão, Menandro e Posidônio. |
| Intertextualidade: | Dião Cássio, Juvenal, Flávio Josefo. |

Seleção do Conteúdo:

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|--------------------------|---|--|
| Cesar chega a Alexandria | (César 48.2) Chegando a Alexandria logo após a morte de Pompeu, ele [Júlio César] se mostrou horrorizado quando Teódoto lhe mostrou a cabeça de Pompeu | Julio César chega ao Egito e encontra Pompeu morto. |
| Morte de Pompeu | (César 48.2 II) mas aceitou o anel de patricio dele e derramou lágrimas por seu falecimento | Cesar reconhece o cargo de Pompeu e executa as cerimônias fúnebres oficiais e necessárias. |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|-----------------------------|---|---|
| Reconfiguração das alianças | (César 48. 2 III) Além disso, todos os companheiros e íntimos de Pompeu que haviam sido capturados pelo Rei egípcio [Ptolomeu XIII] naquele território, tratou com bondade e eles se tornaram seus aliados | Cesar refaz as alianças políticas com a realeza ptolomaica até então em vigor no Egito. |
| Amizades em Roma | (César 48. 2 IV) E a seus amigos em Roma, escreveu que este era o maior prazer [ou recompensa] que ele tirou da sua vitória, ou seja, de tempos em tempos, salvar as vidas dos cidadãos que lutaram contra ele | Cesar estabelece novas alianças com antigos adversários |
| Abastecimento dos soldados | (Cesar 48.4) Por exemplo, quando os soldados receberam o mais velho e pior grão (trigo e pão), reservados para eles, ele (Potino) pediu para que o levassem, pois estavam comendo o que pertencia aos outros | Alimentação dos soldados de César (<i>Anona</i>). |
| Dividas com Roma | (César 48.4) e nas refeições do Estado, usava pratos de madeira e de barro, com o fato de que César havia tomado todas as peças de ouro e prata em pagamento de uma dívida | Cesar cobra a dívida dos Ptolomeus. |
| Débitos de Ptolomeu | (César 48.4 II) Pois o pai do atual Rei (Ptolomeu Auletes) devia a César dezessete milhões e quinhentos mil dracmas, um dos quais Cesar havia anteriormente remetido parcialmente a seus filhos | Cesar solicita recursos monetários aos governantes do Egito. |
| Pagamento das legiões | (César 48.4 III) mas agora exigia o pagamento de dez milhões para a manutenção de seu exército | Cesar solicita o dinheiro para manter seus exercito. |
| Alianças de Roma | (César 48.4) Durante o consulado de César [59 a.C], Ptolomeu foi declarado amigo e aliado dos romanos | Ptolomeu estabelece aliança política com Roma. |
| Honra ao Estado | (César 48.4 II) Para garantir esta honra ele prometeu dinheiro ao Estado Romano | Ptolomeu apresentou uma contrapartida a Roma por seu apoio político |
| Política no Egito | (César 48.5) Quando, no entanto, Potheinus [o eunuco] pediu que ele se afastasse agora e atendesse a seus grandes | O político egípcio Potheinus tentou |

| Tema: | Citação: | Objetividade: |
|----------------------|---|---|
| | assuntos, assegurando-lhe que mais tarde receberia seu dinheiro com agradecimentos | restringir a ação de Cesar no território provincial. |
| Cesar e conselheiro | (César 48.5 II) César respondeu que não tinha necessidade de qualquer egípcio como conselheiro e secretamente solicitou a presença de Cleópatra | Cesar solicita a presença de Cleópatra em audiência. |
| Cleópatra no palácio | (César 49.1) Então, Cleópatra levando consigo apenas Apolodorus, o siciliano entre seus amigos entrou em um pequeno barco e desembarcou no palácio quando já estava escurecendo | Cleópatra usa suas estratégias para entrar no palácio de Cesar de modo furtivo. |
| Cesar e Cleópatra | (César 49.1 II) e como era impossível escapar, de outra forma, ela se esticou ao longo de um lençol (ou cobertor) enquanto Apolodoro amarrava o objeto com um cordão e o levava para César | Desenvolvimento do estratagema de Cleópatra para entrar no palácio. |